



A relação entre o desporto e a mulher na imprensa desportiva

(versão final após defesa)

Mathilde Amaral

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Sónia de Sá

Dezembro de 2023

Declaração de Integridade

Eu, Mathilde Amaral, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição m11552 do Mestrado em Jornalismo da Faculdade de Artes e Letras declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 11/12 /2023

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Amaral', written in a cursive style with a horizontal line underneath.

Dedicatória

“Quando olhares o céu à noite eu estarei habitante numa estrela, e de lá estarei rindo, então será, para ti, como se todas as estrelas rissem! Dessa forma, tu, e somente tu, terás estrelas que sabem rir.”

Antoine de Saint Exupéry

Agradecimentos

“Devemos encontrar tempo para parar e agradecer às pessoas que fazem a diferença nas nossas vidas” (John F. Kennedy)

Aos meus pais por me terem dado a oportunidade de criar o meu próprio caminho e por me terem apoiado acreditando sempre no meu sucesso. Sem vocês nada disto seria possível.

À minha irmã, Kelly, por ser um exemplo de força e coragem. És a minha inspiração todos os dias.

À minha sobrinha, Gabriela, por ser o melhor presente que poderia ter recebido e por encher todos os meus dias de alegria.

Ao meu cunhado, Hugo, pelas palavras de incentivo e por todos os momentos de risadas e partilha de conhecimentos.

Ao meu namorado, Luís, pela (grande) paciência durante estes longos meses e por todo o amor e motivação.

Às minhas meninas das Moçoilas, sobretudo aquelas que se tornaram amigas, o meu obrigada por todos os momentos de convívio.

Às minhas colegas do Mestrado em Jornalismo por todos os desabafos e apoio demonstrado durante estes dois anos.

A todos os meus amigos e familiares que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

Agradeço também a todos os professores com quem me cruzei durante o meu percurso na UBI, seja no decorrer da minha Licenciatura ou no Mestrado, pela transmissão de tanto conhecimento.

Por fim, agradeço a todos os jornalistas do jornal “O Jogo” (Porto) pelos ensinamentos e disponibilidade durante o meu estágio.

Resumo

Na História da humanidade sempre existiram desigualdades entre homens e mulheres. Os anos passaram, mas a tendência é a mesma. Apesar de que, atualmente, existe uma luta mais forte pela igualdade entre géneros. As mulheres sempre foram consideradas como sendo inferiores aos homens e, muitas vezes, rebaixadas apenas pelos seus principais papéis socialmente atribuídos: cuidadora e mãe. O domínio pode mudar, mas a desigualdade mantém-se seja nos empregos ou nos salários, na diferença de tratamento social ou ainda no reconhecimento. O desporto é uma área onde estas diferenças se fazem sentir, principalmente entre a atenção mediática e consequente visibilidade dada aos atletas masculinos comparativamente com as atletas femininas. O desporto sempre foi conhecido como sendo um domínio masculinizado, embora o número de praticantes mulheres e atletas federadas esteja sempre a aumentar: em 2020, inscritas mais de 164 000 mulheres, mesmo assim um número inferior ao dos atletas federados masculinos. Dessa desigualdade nascem vários preconceitos, e as atletas femininas acabam por ser prejudicadas, a começar pela discriminatória exposição nos média. Como concluímos neste trabalho, os órgãos de comunicação social, seja tanto no número de notícias como pela maneira de retratar as atletas, continuam a privilegiar os homens tal como acontece também nas redes sociais.

Com este estudo, procurou-se perceber qual é a relação entre o desporto e a mulher na imprensa desportiva. Para isso, analisamos, num arco temporal de dois meses, as publicações diárias dos três jornais desportivos em Portugal: O Jogo, o Record e a Bola. Esta análise tem como intuito perceber qual o lugar dado ao desporto feminino na comunicação social, confirmando-se que é muito inferior ao desporto masculino. Realizamos um inquérito exploratório, de forma a perceber qual é a opinião e o tratamento dos leitores relativamente ao desporto feminino. Tratando-se de um inquérito exploratório não poderemos afirmar que os resultados obtidos são representativos de toda a população portuguesa. Ainda com o mesmo objetivo, realizamos entrevistas a jornalistas da área como também às próprias atletas para entender qual o seu ponto de vista acerca do tema, de forma a ter em conta não só a opinião de quem lê, mas também de quem as escreve e de quem se torna o principal sujeito.

Com base na análise dos referidos jornais e das entrevistas, procurou-se dar resposta às questões de investigação. Uma das conclusões predominante que resulta do estudo é que existe uma desigualdade de género e muito significativa nos jornais desportivo. O desporto feminino é ainda considerado como menos interessante do que o masculino e, portanto, os jornais carecem de conteúdo acerca do mesmo.

Palavras-chave: Desigualdade de género, mulher, desporto, jornalismo desportivo, imprensa desportiva

Abstract

In human history, there have always been inequalities between men and women. The years have passed, but the trend is the same. Although today there is a stronger fight for gender equality. Women have always been considered to be inferior to men and often demeaned only by their main socially assigned roles: carer and mother. The domain may change, but inequality remains, whether in jobs or salaries, in the difference in social treatment or even in recognition. Sport is one area where these differences are felt, especially between the media attention and consequent visibility given to male athletes compared to female athletes. Sport has always been known as a masculinised domain, even though the number of female practitioners and federated athletes is increasing all the time: in 2020, more than 164,000 women were registered, which is still far less than the number of male federated athletes. This inequality gives rise to various prejudices, and female athletes end up being disadvantaged, starting with discriminatory media exposure. As we concluded in this study, the media, both in terms of the number of news stories and the way they portray female athletes, continue to favour men, as is also the case on social media.

The aim of this study was to understand the relationship between sport and women in the sports press. To do this, we analysed the daily publications of three sports newspapers in Portugal over a two-month period: O Jogo, Record and Bola. The aim of this analysis was to understand the place given to women's sport in the media, which turned out to be much lower than men's sport. We also carried out an exploratory survey in order to understand readers' opinions and treatment of women's sport. As this was an exploratory survey, we cannot say that the results obtained are representative of the entire Portuguese population. Still with the same objective, we conducted interviews with journalists in the field as well as the athletes themselves to understand their point of view on the subject, in order to get not only the opinion of those who read it, but also of those who write it and who become the main subject.

Based on the analysis of these newspapers and the interviews, we tried to answer the research questions. One of the main conclusions that emerged from the study is that there is very significant gender inequality in sports newspapers. Women's sport is still

considered to be less interesting than men's sport and therefore the newspapers lack content about it.

Key Words : Gender inequality, women, sport, sports journalism, sports press

Índice Tabelas

Tabela 1. Análise aos jornais -----	53
Tabela 2. Análise jornal A Bola-----	57
Tabela 3. Análise jornal O Jogo -----	60
Tabela 4. Análise jornal Record -----	63
Tabela 5. Resultados análise de conteúdo -----	79

Índice Gráficos

Gráfico 1. Frequência de leitura de notícias -----	66
Gráfico 2. Meios utilizados para aceder às notícias -----	67
Gráfico 3. Interesse por notícias -----	67
Gráfico 4. Modalidades preponderantes -----	68
Gráfico 5. Hábitos de leitura -----	69
Gráfico 6. Leitura notícias desporto feminino -----	69
Gráfico 7 Visibilidade do desporto feminino -----	70
Gráfico 8. Responsabilidade dos meios de comunicação -----	71

Índice

Índice	11
Introdução.....	13
Justificação do tema.....	13
Capítulo I.	15
Jornalismo desportivo: breviário histórico e cobertura mediática	15
1.1 História do desporto	16
1.2 Cobertura noticiosa dos eventos desportivos.....	18
Capítulo II. Mulher e Desporto	22
2.1 Desigualdade de género em Portugal	23
2.2 Crescente prática de desporto feminino.....	28
Capítulo III.....	36
Média, Desporto e Mulher	36
3.1 Utilização crescente das redes sociais.....	37
3.2 Presença do desporto nas redes sociais.....	40
3.3 O desporto feminino nos meios de comunicação	43
Capítulo IV. Metodologia	47
4.1. Problema.....	48
4.2 Questões de investigação.....	48
4.3 Objetivos e hipóteses	49
4.4 Método.....	49
4.5 Escolha da amostra.....	51
4.6 Análise dos jornais.....	52
4.7 Inquérito.....	52
4.8 Entrevistas.....	53
Capítulo V. Análise e discussão de resultados	54
5.1 Análise de conteúdo.....	55

5.2 Resultados do Inquérito	64
5.3 Análise das entrevistas aos jornalistas	70
5.4 Entrevistas atletas	74
5.5 Discussão dos resultados.....	77
Capítulo VI. Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura	82
6.1 Conclusões.....	83
6.2 Limitações à Investigação	85
6.3 Investigação Futura	85
Referencias bibliográficas.....	86
ANEXOS	91

Introdução

Sabemos que o desporto é considerado como uma área essencialmente masculina, mas que, no entanto, o número de atletas femininas tem vindo a aumentar, até por vezes participando em grandes competições. Porém, apesar deste aumento, a visibilidade e o destaque dado pelos meios de comunicação continua bastante inferior ao que é dado ao desporto masculino. Por isso, o nosso objetivo com esta dissertação, é perceber qual a relação entre o desporto e a mulher na imprensa desportiva,

Este trabalho está dividido em duas áreas distintas: o enquadramento teórico (três capítulos: um breviário histórico do desporto e da cobertura noticiosa do desporto, a mulher e o desporto, a desigualdade de género e os média) e a parte prática (a metodologia e a análise e discussão de dados). No último capítulo respondemos à pergunta de partida.

Justificação do tema

As mulheres, em Portugal, estão sub-representadas em diversas dimensões da atividade desportiva e a igualdade entre homens e mulheres, neste campo, está longe de ser alcançada em termos profissionais, económicos, de apoios técnicos, nos meios de comunicação social e nos reforços sociais (Jacinto et al., 2015).

Relativamente ao desporto, sabemos que as mulheres estão em minoria quando é questão de atividade física, sobretudo desportistas federadas, no entanto, esse número tem vindo a aumentar com o passar dos anos. Ainda assim, e embora o número de atletas esteja a crescer, a visibilidade e a atenção dada ao desporto feminino continuam bastante reduzidas.

Para além disso, no texto de opinião publicado no site das Organização das Nações Unidas, António Guterres admitiu que em todo o mundo “a igualdade de género é, fundamentalmente, uma questão de poder. Séculos de discriminação e de patriarcado profundamente enraizado criaram uma enorme disparidade de poder entre géneros nas

nossas economias, sistemas políticos e empresas. Há provas disso por todo o lado.”¹(Guterres, 2019)

Também Vieira (2011, p.31) admite ser curioso que, quer no panorama internacional, quer no panorama nacional, haja pouca bibliografia sobre este fenómeno.

Assim a escolha deste tema justifica-se, por um lado, pela atualidade do mesmo na sociedade, por ser um problema transversal em qualquer parte do mundo. Por outro, justifica-se pela escassez de investigação sobre o mesmo. Este tema, sobretudo a desigualdade homem/mulher está muito em *vogue*, no entanto, relativamente ao desporto são poucos os estudos que tentam perceber o porquê deste fenómeno.

Conforme disse Kofi Annan (1997), “a igualdade de género é mais do que um objetivo em si mesmo. É uma condição prévia para enfrentar o desafio de reduzir a pobreza, promover o desenvolvimento sustentável e construir um bom governo”, é por isso fundamental abordar e discutir este tema, de forma a relançar ainda mais este debate com o objetivo de alcançarmos alguma vitória, uma mudança de mentalidades.

¹ <https://unric.org/pt/a-desigualdade-de-genero-e-o-desequilibrio-de-poder/>

Capítulo I.

Jornalismo desportivo: breviário histórico e cobertura mediática

1.1 História do desporto

Entende-se por desporto a prática de um exercício físico que pode ser realizado em grupo ou individualmente e que pode ter vários objetivos, seja o da competição ou apenas o da diversão.

Embora as mentalidades estejam a mudar, o desporto é considerado como domínio do homem. Ainda assim, atualmente, já existem várias mulheres que, regularmente ou até diariamente, praticam algum tipo de exercício físico, seja em clubes ou até por entretenimento. Mas, existe ainda um conjunto de estereótipos em relação ao desporto e à sua relação com este género. De um lado, estão os desportos reservados às “meninas”, tais como a dança ou a ginástica, que são atividades mais calmas e menos perigosas, e por outro, os desportos reservados aos “meninos”, como o futebol, rãguebi ou o boxe, sendo estes considerados como mais perigosos e mais violentos.

A atividade física visa o exercício do corpo, de forma a haver um desenvolvimento positivo do ponto de vista físico, e surge como uma atividade de preponderância social. Atualmente, a participação das mulheres no desporto é muito diferente da do passado e tornou-se uma realidade indiscutível. Contudo, antes, este era um espaço no qual as mulheres não eram sempre bem-vindas ou sequer bem-vistas, pois continuavam iminentemente ligadas ao seu papel de procriação e a prática de desporto poderia pôr em causa essa principal função. Historicamente, o desporto tem sido considerado masculino devido às características consideradas essenciais para uma participação bem-sucedida como a agressividade, força mental e física, espírito competitivo e confiança. (Wolter, 2015, cited in Araujo,2017).

A atividade desportiva é muito antiga. Há provas escritas que os egípcios já praticavam desporto em competições de luta ou desportos aquáticos e isso há mais de 3.000 anos antes da Era Cristã. Mas na “Historia del Deporte” (2000), de Fabrizio Vaslserra, o autor explica que o desporto tem a sua origem na época grega. Nessa altura, era considerado como um espetáculo e servia principalmente como um culto ao corpo de uma parte mais elitista da sociedade.

Começaram a ser realizadas as primeiras “Olimpíadas”, um evento desportivo que reunia as cidades da Grécia Antiga, que ocorreu desde 776 a.C. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade passaram a ser realizados de quatro em quatro anos no santuário construído em honra de Zeus, o deus Olímpia.

Os Jogos Olímpicos foram os mais longos e os que tiveram uma maior influência no mundo helénico.

Na síntese da história do desporto (2004), escrita por Fernando Ferreira, o autor explica que para além dos Jogos Olímpicos, existiam ainda mais três grandes competições: os jogos Píticos, realizados de cinco em cinco anos em Delfos, os jogos Ístmicos, que decorriam no Istmo de Corinto de dois em dois anos, e os jogos Nemeus, na Nemeia, de três em três anos.

Estes não eram abertos a todos, apenas podiam participar atletas vindos de classes favorecidas, oriundos de vários pontos do mundo grego (costas do Mediterrâneo e do Mar Negro) e não apenas da Grécia continental. Os jogos decorriam durante cinco dias e eram praticadas várias competições, tais como as corridas pedestres, as corridas equestres, a luta, o pugilato e o pancrácio e por fim o pentatlo. Com o passar dos anos foram introduzidas novas provas.

Já havia prática de desporto em vários países europeus, no entanto é apenas nos meados do século XIX que começam a chegar, a Portugal, as primeiras atividades relacionadas com o desporto. Em 1852, foi aprovada a formação do clube náutico Real Associação Naval depois de haver tentativas de competições de Vela e de Remo. A ginástica é introduzida na Escola Militar, em 1863, sendo estendida mais tarde a outras instituições militares. Em 1875, foi fundado o Real Ginásio Clube Português, que num primeiro momento era dedicado apenas à ginástica. Com o passar dos anos, teve uma grande influência no desenvolvimento de todo o desporto em Portugal, e deu a possibilidade de praticar outras modalidades, nomeadamente, o ciclismo, o tiro ou ainda a equitação.

Em relação ao desporto considerado como “rei” em Portugal, o futebol, não há uma origem certa. Na “Síntese da História do Desporto” (2004), de Fernando Ferreira, são

expostas duas versões. A primeira seria que, em 1875, um inglês chamado Harry Hilton, terá organizado um jogo no Funchal, na Ilha da Madeira, mas que este não terá tido qualquer continuidade. A outra versão conta que três irmãos, o Guilherme, o Eduardo, o Frederico, os dois últimos, estudantes em Inglaterra, regressaram a Portugal, em 1888, e fizeram-se acompanhar por bolas e botas e decidiram explicar ao povo português qual era a sua utilidade. O irmão mais velho, o Guilherme, que não estudava na Inglaterra, terá ficado entusiasmado e decidiu organizar, em Cascais, o primeiro encontro de futebol.

Em 1893, um educador do Colégio Youth Men Christian Association, em Portugal, imaginou separar duas equipas por uma rede larga e alta que com as mãos batiam numa bola que passava de um para outro lado, inventando assim o voleibol.

Em 1896, graças ao francês Barão de Coubertin, assiste-se ao renascimento dos Jogos Olímpicos que não aconteciam desde 392. Decorreram assim em Atenas, Grécia, os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna. Participaram 285 atletas, de 13 países, nas diversas provas de atletismo, ciclismo, luta, esgrima, ginástica, halterofilismo, natação e ténis.

O desporto modificou-se e adaptou-se às necessidades e às tradições. De uma atividade que era inicialmente feita para haver um culto ao corpo, hoje é apenas praticada ou por lazer e iniciativa própria ou então para competição.

1.2 Cobertura noticiosa dos eventos desportivos

Portugal é um país com uma grande ligação ao desporto e, mais particularmente ao futebol.

Francisco Pinheiro em “Imprensa desportiva portuguesa: do nascimento à consolidação (1893-1945)” cita que, Francisco Ramirez, definiu, que entre o final do século XIX e o fim da II Guerra Mundial, o desporto passou a ser “um elemento cultural de grande transcendência na intercomunicação das pessoas e dos povos”.

Nesse sentido, começaram a aparecer, na segunda metade do século XIX, algumas publicações relativas à área desportiva. Em 1854, surgiu em França o *Le Sport*, seguido, dois anos depois, pela revista *El Caçador*, em Espanha, e pelo *Sportsman*, na Inglaterra.

Já em Portugal, não havia jornais com conteúdo desportivo. O primeiro jornal, que teve alguma relação com o desporto, surgiu no último quartel do século XIX: “Apesar da popularidade de Carlos Calixto devido às suas crónicas em vários jornais e de ter surgido a primeira secção desportiva regular no *Diário Ilustrado* (1892) sob o comando de António Bandeira, foi somente em 1893 que apareceu, no Porto o primeiro jornal desportivo português denominado *O Velocipedista*”. (Pinheiro, 2005, p. 172).

O Velocipedista era uma revista quinzenal que tinha como tema principal o ciclismo e dedicava-se especialmente ao “*Club Velocipedista do Porto*”. Devido às dificuldades que começaram a aparecer, deixou de existir. Apesar de ter tido uma duração curta, este jornal foi segundo Pinheiro, “um ponto de partida para uma nova era na imprensa portuguesa na vertente desportiva”. Desde aí, e até ao ano de 2000, foram criados mais de 900 novos periódicos desportivos.

Apesar de todas as dificuldades e das mudanças, no século XX, o jornalismo desportivo consolidou-se. Houve um aumento considerável do número de desportos popularizados e noticiados, que levou ao aparecimento de novos jornais de referência (Pinheiro, 2010). Esses jornais existem ainda atualmente e são dos mais conhecidos no mundo.

Em França, existe o *L'Équipe*, fundado a 28 de fevereiro de 1946, este jornal diário é dedicado especialmente ao futebol, rãguebi, automobilismo e ciclismo. Teve como antecessor o jornal *L'Auto*.

Em Espanha, o jornal *Marca*, foi criado em 1938, é um diário que aborda principalmente a atualidade futebolística dos três grandes clubes espanhóis, o Real Madrid, o FC Barcelona e o Atlético de Madrid.

Já em Portugal, são três os jornais exclusivamente dedicados ao desporto. Apareceu em primeiro *A Bola* (1945), depois, em 1949, o *Record*, e *O Jogo*, apareceu em terceiro, em 1985. Apesar de já terem sido criados há alguns anos, continuam a ser os jornais de referência em termos de desporto. Para além da edição impressa, que sai agora diariamente, cada um deles possui um site onde são publicadas centenas de notícias por dia, como também uma página em várias redes sociais.

A rádio começou também a relatar vários encontros de futebol e de ciclismo, com a Volta a Portugal a ganhar imensa popularidade graças ao programa “Os companheiros da Alegria” de Igrejas Caeiro, que transmitia os finais das etapas, sendo transmitido pela Rádio Clube português. (Aguiar, 2015, p 41)

No final da década de 1950, para além da rádio, apareceram também emissões televisivas dedicadas ao desporto. Os dois canais nacionais, a RTP1 e a RTP2 apostaram no desporto, e apresentaram diferentes programas de desporto, tal como “Revista Desportiva”, “Imagens do Domingo Desportivo”, “Revistas Desportiva” ou ainda “Vida Desportiva”.

A televisão apresenta-se como responsável maior pela preponderância do futebol, tal como defende Mike Ingham: “O corpo que governa o futebol: a televisão” (Ingham, cited em Holt & Lloyd, 2002, p.244, cited em Carvalho,2021).

Apesar de existirem várias modalidades, haverá sempre uma maioria de notícias sobre futebol, seja nacional ou internacional, relativamente a notícias sobre qualquer outro desporto. Algumas modalidades tais como o futsal, o andebol ou ainda mais recentemente as notícias sobre motores (fórmula 1, ralis) começam a ter alguma popularidade, mas ainda é um número pouco relevante quando comparado com o futebol.

Atualmente, seja na televisão, na imprensa ou ainda na rádio, embora menos que nos outros dois meios, o desporto faz parte do nosso quotidiano. O jornalismo desportivo está em crescimento e cada vez mais desenvolvido e aperfeiçoado, contudo, para além de uma diferença entre modalidades e o futebol, existe ainda uma falha maior em tudo

o que toca ao desporto: as notícias e o conteúdo sobre desporto feminino continua a estar em grande minoria relativamente ao do desporto masculino.

Num estudo que comparava a imprensa desportiva portuguesa e a estrangeira, realizado em 1998 por Bruno Rodrigues, os números encontrados mostravam que os jornais desportivos não davam espaço ao desporto feminino.

Nesse mesmo estudo tinham sido analisados vários jornais, nomeadamente *A Bola*, o *Record* e *O Jogo* e também três jornais estrangeiros, o *l'Equipe*, a *Marca* e a *Gazzeta*. Os números apresentados mostravam que em qualquer jornal, as mulheres não tinham qualquer visibilidade nos jornais desportivos quando era relacionado com o futebol. Já noutras modalidades os valores subiam um pouco. Os jornais portugueses ficando bem atrás dos estrangeiros. O *L'Equipe* apresentava 7.3% de desporto feminino em várias modalidades, a *Gazzeta* 5.8%, a *Marca* 3% e os três jornais portugueses estavam abaixo dos 3% (*A Bola* 2.6%, *O Jogo* 2.2% e o *Record* 1.7%). Vinte e cinco anos depois o cenário alterou-se ligeiramente, mas o desporto feminino continua a ter um lugar bastante reduzido na imprensa desportiva.

Ao longo dos anos, o desporto foi evoluindo cada vez mais, reflexo das mudanças na sociedade. Enquanto o desporto na Antiguidade era somente de competição, com lutas, corridas, ou como forma de exhibir o seu corpo, a prática do desporto no século XX e XXI foi e tem vindo a ser uma preocupação por parte da sociedade. As pessoas praticam desporto porque querem, seja apenas para ter um passatempo, para competir ou porque consideram ser algo fundamental para o bem-estar.

A grande mudança sentida tem vindo a ser o esforço por parte do desporto de tentar promover cada vez mais a inclusão e a igualdade de género. Tal não se reflete nos meios de comunicação social, porque apesar de haver cada vez mais cobertura noticiosa, transmissões em direto e relatos, os jornais tendem a promover somente o desporto masculino deixando um espaço minoritário ao feminino.

Capítulo II. Mulher e Desporto

2.1 Desigualdade de género em Portugal

Segundo a definição da palavra no dicionário português Priberam, o termo “desigualdade” refere-se a uma situação com falta de igualdade, diferença, inferioridade ou ainda desproporção.²

Já segundo Magalhães (2008, p.3), o termo género é uma construção social criada com o intuito de perceber as relações estabelecidas entre homens e mulheres e pontuar as suas funções primordiais dentro da comunidade, reivindicando para si um território específico diante da desigualdade existente entre o sexo feminino e o sexo masculino, através da caracterização dos perfis de comportamento determinados pela sociedade, cultura, história em um tempo e espaço.

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. (DUDH, 1978, p.489). Assim começa a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Para além deste primeiro, é referido em todos os pontos seguintes “Todo ser humano”, o que significa que deve existir uma igualdade entre todas as pessoas, independentemente das suas características físicas, sociais e biológicas.

Em Portugal, na Constituição da República Portuguesa de 1976, é declarado, no artigo 13, o princípio de igualdade, que entende que “todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei”. O documento acrescenta, ainda, que nenhum(a) cidadã(o) deve ser “privilegiado, prejudicado, beneficiado ou privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual” (p.23).

² <https://dicionario.priberam.org/desiguais>

Ainda assim, em qualquer parte do mundo, e desde muito cedo na história que existem desigualdades, em particular, de género. E Portugal não é exceção. Antigamente, essas desigualdades estavam muito mais presentes do que atualmente, visto que os tempos mudaram e as mentalidades acabaram por tentar adaptar-se a uma nova realidade.

“A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do reforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar”.

(Bourdieu, 2005, p.106)

Nos séculos passados, os homens eram vistos como o género dominador e considerados mais inteligentes que a mulher, pois tinham acesso à escolaridade, algo proibido para elas. Eles eram mais livres porque podiam sair quando lhes apetecesse e ocupavam sempre cargos importantes no trabalho. Não era imaginável ver um homem ficar a ocupar-se dos filhos e da casa como se pode ver atualmente. Quem ficava responsável por esse cargo era a mulher. O que, ainda assim, continua a acontecer. Os papéis de género continuam a centrar a mulher no espaço privado e o homem no espaço público tal como explicou a presidente da CIG, Teresa Fragoso³.

“Os homens intervêm, participam política e economicamente. As mulheres intervêm no cuidar. Aos homens, o espaço público. E, às mulheres, o espaço privado. Aos homens, a produção, às mulheres, a reprodução. Esta divisão sexual do trabalho está na base do entendimento do que é o papel social do homem e da mulher. Depois, a partir daí, criam-se expectativas, estereótipos, que interiorizamos” (Fragoso, 2018)

³ <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2018/05/entrevistaTF.pdf>

Segundo Alexandrino (2011), “a figura feminina durante muitos anos foi vista com desprezo pela sociedade, enquanto aos homens era garantido direito de trabalho, voto e prática de desporto, a mulher era associada às tarefas de casa, e era considerada útil apenas para a procriação”. (p.35)

Os tempos mudaram, e apesar de ainda existirem casos extremos, também existem evoluções e já são até conhecidos casos em que é o homem que fica “dono de casa”, não trabalha e fica a tomar conta dos filhos, das refeições e da limpeza, dando-se essa possibilidade com a licença de parentalidade, por exemplo. São muitas as mulheres que estudam - por vezes mais do que os homens - e acabam por ocupar cargos bem-sucedidos em empresas, que outrora eram reservados apenas aos homens. Segundo o relatório PORDATA, Fundação Francisco Manuel dos Santos, em 1990, dos 4 717 500 trabalhadores portugueses, apenas 1 993 800 (42,3%) eram mulheres, já os homens eram 2 723 700 (47,7%). Já em 2022, entre as 4 908 700 pessoas empregadas em Portugal, 2 438 600 (49,7%) eram mulheres, e 2 470 100 homens (50,3%). Estes números mostram que, em 32 anos, as mulheres começaram a ganhar mais lugar na sociedade e são cada vez mais as que possuem um emprego. A nível salarial, as mulheres ganham menos que os homens, em média, 149 euros. Quanto maior for a qualificação da mulher, menos ela ganha em relação ao homem. (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, Igualdade de Género em Portugal: Indicadores-Chave 2021, p.9)

No entanto, apesar de algumas mudanças, existem ainda muitos domínios onde a desigualdade continua presente. De acordo com os dados apresentados na infografia “Igualdade de Género em Portugal: Indicadores-Chave 2021”, são vários os setores onde a desigualdade predomina, estando quase sempre as mulheres em desvantagem quando a população portuguesa é maioritariamente constituída por mulheres (52,8%).

A última grande desigualdade está presente na violência doméstica. Este problema continua a ser recorrente na sociedade e são cada vez mais os casos. Em 2020, foram registadas mais de 27 500 ocorrências. As mulheres são as principais vítimas com 75% e os denunciados são maioritariamente homens com 81,4%. A luta contra a desigualdade de género é algo atual com cada vez mais apoiantes. Em muitos setores essa

desigualdade tem vindo a diminuir, embora ainda haja áreas onde um género sai prejudicado. (p.17)

Ao longo da história, as mulheres sempre lutaram pela liberdade e pela igualdade de direitos. O feminismo, que surgiu entre os anos 1870 e 1880 em França, é um movimento político, social e filosófico que tem como objetivo principal defender a igualdade dos direitos entre os homens e as mulheres.

O feminismo começou por ser a expressão da revolta das mulheres face à marginalização e discriminação que caracterizavam, de direito e de fato a sua situação na família, no trabalho, na política e, em geral, na sociedade. Há cem anos, a luta feminista dirigia-se, sobretudo, para a reivindicação de leis que pusessem termo às discriminações do foro jurídico e que assegurassem às mulheres os direitos que lhes eram vedados (direito ao voto, à autonomia na celebração de contratos, à educação, à igualdade de remuneração, etc.) (Silva, 2002, p..36).

As primeiras ações destes movimentos começaram nas últimas décadas do século XIX. As mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar pelos seus direitos, sendo que o primeiro deles foi o direito ao voto. As *Suffragettes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918. (Pinto, 2010, p.15).

O início do feminismo em Portugal não foi muito distinto do que ocorreu em outros países europeus e nos EUA. A “primeira onda” prolongou-se um pouco além do início dos anos 1930, com alguma sobrevivência durante o regime salazarista. O primeiro grupo organizado em torno das questões femininas foi o Grupo Português de Estudos Feministas, liderado por Ana de Castro Osório, fundadora também da Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, em 1909. (Azambuja, M. P. R. de, Nogueira, C., & Saavedra, L. (2008). Feminismo(s) e psicologia em Portugal. Psico, p.209)

O feminismo começou por ser a expressão da revolta das mulheres face à marginalização e discriminação que caracterizavam, de direito e de facto a sua situação na família, no trabalho, na política e, em geral, na sociedade. Há cem anos, a luta feminista dirigia-se, sobretudo, para a reivindicação de leis que pusessem termo às discriminações do foro jurídico e que assegurassem às mulheres os direitos que lhes eram vedados tal como o direito ao voto, à autonomia na celebração de contratos, à educação, à igualdade de remuneração. (Silva, 2002, p.36)

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres refere ainda que o mundo passa por dificuldades e a: “igualdade de género é uma parte essencial da resposta. Os problemas criados pelo homem têm soluções impulsionadas por humanos. A igualdade de género é um meio de redefinir e transformar o poder que trará benefícios para todos”. (Guterres,2020)⁴

Manuela Silva (2002) no livro a Igualdade de Género: Caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva sublinha que a igualdade de género:

“implica que às mulheres seja conferido poder suficiente de modo que possam real capacidade para afirmar na sociedade, em paralelo com os seus pares-homens, os seus valores específicos e interesses públicos e contribuir, assim, para o desenvolvimento humano e social das sociedades em que vivem” (p.16).

O facto de se ser mulher em Portugal constitui tendencialmente um maior efeito de empobrecimento e exclusão social, devido à posição de desvantagem no mercado de trabalho, na vida social em geral e na família: em média, salários mais baixos; ocupam posições hierárquicas inferiores; são mais afetadas pelo desemprego; e beneficiam de

⁴ <https://expresso.pt/opiniao/2020-03-03-A--des-igualdade-de-genero-e-o--des-equilibrio-de-poder-fc7f5fde>

níveis mais baixos de proteção social, devido a uma participação mais irregular e precária na atividade. (Casimiro,2019)

Embora Portugal tenha evoluído em certos aspetos, a desigualdade de género persiste em vários domínios. A mulher é ainda muitas vezes considerada como inferior e não lhe são dadas as mesmas oportunidades que são dadas aos homens. Porém, as mulheres têm vindo a tentar alterar este rumo. O caminho ainda é longo, mas a persistência das mulheres mostra a necessidade de alterar certos paradigmas.

“Atualmente, o nosso país passa por imensas dificuldades, mas a plena igualdade de género é uma questão urgente a resolver, resolução esta que não será possível, enquanto a mentalidade da sociedade portuguesa não sofrer profundas mudanças”⁵.
(Castro, 2022)

O desporto que é dominado pelos homens tem sido uma área onde as mulheres têm tentando impor-se. Apesar da dificuldade, algumas conseguem lutar por aquilo que querem seguir, e conseguem destacar-se em certas modalidades.

2.2 Crescente prática de desporto feminino

A prática do desporto por parte das mulheres é algo recente. Antigamente as mulheres eram apenas espectadoras, quando possível, ou então a sua presença era proibida e tinham que ficar em casa a tratar dos filhos e das tarefas domésticas. Era mal visto por parte do povo uma mulher praticar algum tipo de exercício físico.

“Entretanto, a participação da mulher nos jogos não era permitida em função de uma outra questão. Este fato ocorria em função da cidadania para os gregos estar ligada a função de guerrear, atividade vedada as mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a

⁵ <https://discursodireto.pt/2022/03/07/ser-mulher-em-portugal-e-no-mundo/>

elas somente o papel de ser mãe de cidadãos” (Oliviera; Cherem; Tubino, 2009, p.118)

Nos Jogos Olímpicos da Antiguidade, apenas participavam homens, as mulheres não tinham esse o direito, e, na maior parte das vezes, não podiam ficar a assistir. As mulheres tinham os “Heraia”, jogos em homenagem à deusa Hera, jogos que consistiam numa corrida de 162 metros, no qual tinham de correr com um vestido comprido e com os pés descalços.

Pierre de Coubertin excluiu as mulheres dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em 1896. Esta exclusão pode ser explicada por várias razões.

"Educado no último período vitoriano, em que a figura feminina era bem demarcada pela submissão, pela dependência financeira masculina, pelo seu destino biológico (a reprodução). Assim, Courbetin entendia que a vida da mulher deveria resumir-se à esfera privada, pois se supunha ser ela um apêndice do homem.” (Romero et al., 2014, p.290)

Em 1922, realizaram-se, em Paris, os primeiros Jogos Mundiais Femininos. Foi Alice Milliat, uma das pioneiras do desporto feminino, contra a opinião de Pierre de Coubertin, que esteve responsável pela organização do evento. Contribuiu, em 1917, para a criação da Federação Francesa de Desporto Feminino e foi ainda presidente dessa mesma, em 1919. Nos primeiros jogos Mundiais Femininos, estiveram presentes cinco países, somando um total de 60 atletas. De acordo com os dados da época, no público estariam entre cinco e 20 mil pessoas.

Depois desta primeira edição haveria mais três: a de Gotemburgo, em 1926, a de Praga, em 1930, e a de Londres, em 1934. Estes últimos contavam já com a presença de 19 países e mais de 200 atletas.

No Jogos Olímpicos de Amesterdão, em 1928, eram cerca de 290 as atletas femininas presentes. Quase 80 anos depois, nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, havia 14 vezes mais atletas femininas presentes (cerca de quatro mil e trezentas).

“O desporto é, tradicionalmente, um setor dominado pelos homens e os progressos em matéria de igualdade entre mulheres e homens nesta área são dificultados pelas construções sociais de feminilidade e masculinidade, que muitas vezes associam o desporto a características «masculinas», como a força física e resistência, a velocidade e um espírito altamente competitivo e por vezes conflituoso”. (Comissão europeia,2014)⁶

Todavia e apesar da presença das mulheres no desporto no século XX ter sofrido vários preconceitos e várias rejeições, atualmente, não sendo ainda igual à dos homens, o número de atletas femininas federadas tem aumentado de forma exponencial e as mesmas praticam cada vez mais desporto antigamente considerados como masculinos.

“As mulheres em atividades desportivas tradicionalmente masculinas, estão a mudar as coisas. Porque alguns desportos só eram praticados por homens até há pouco tempo, eram "masculinos por natureza".⁷ (Louveau, 1986, p.4)

Segundo os dados da Fundação Francisco Manuel dos Santos, estavam, em 2020, mais de 587 500 desportistas federados inscritos. Desse número, mais de 423 500 são homens, e mais de 164 000 são mulheres (28,7%). Dos desportos federados, são seis as modalidades nas quais a maioria dos praticantes são mulheres: a ginástica (87%), a dança desportiva (63%), a equitação (60%), a natação (55%), o voleibol (54%) e ainda a patinagem (54%), modalidades consideradas mais delicadas e menos perigosas.

Quando comparado com os números de 2003, altura em que havia um total de mais de 376 mil atletas federados (aumento de 54,25% em 17 anos), o número de atletas femininas era apenas de 70 mil, ou seja, em quase 20 anos houve um aumento de

⁶ . http://ec.europa.eu/sport/events/2013/documents/20131203-gender/final-proposal-1802_en.pdf

⁷ Les femmes dans les pratiques sportives de tradition masculine bousculent des habitudes. Parce que certains sports n'étaient pratiqués que, par des hommes jusqu'à un passé récent, ils étaient "masculins par nature"

134,25%. Significa que cada vez mais as mulheres praticam desporto, a nível de competição e não apenas por lazer.

No caminho para a igualdade da prática de desporto, Portugal bateu ainda um recorde a nível do número de atletas federadas que praticam futebol e futsal em 2022. No início de 2023 foi anunciado pela Federação Portuguesa de Futebol (FPF) que o número de jogadoras a praticar futsal e futebol em Portugal ultrapassou, pela primeira vez, as 13 mil federadas. Nesse sentido, a FPF decidiu criar mais competições dedicadas ao desporto feminino e investir nele, em clubes e em seleções, para as sub-18 no futebol e para as sub-15 e sub-17 no futsal.

Atualmente, as atletas femininas começam a ter alguma atenção e reconhecimento, mas ainda pouco comparado com o que é dado aos atletas masculinos, nos meios de comunicação social, sobretudo quando se trata de futebol.

Atletas como Patrícia Mamona, Telma Monteiro, Rosa Mota ou ainda Fernanda Ribeiro, que foram medalhadas várias vezes em Jogos Olímpicos, são conhecidas, mas não tanto como os atletas masculinos. Se tentarmos procurar uma resposta a esta questão, a mesma vem muito rapidamente. O pouco mediatismo à sua volta e a não divulgação dessas competições não lhes permite ter tanto reconhecimento como deveriam ter. Tal como explica Julian Jappert, fundador e diretor do *Think Tank de Desporto e Cidadania*, “existem enormes desigualdades entre a transmissão do desporto feminino e do desporto masculino, apesar de os estudos mostrarem que os telespetadores estão interessados e que, quando os canais finalmente transmitem e assumem este risco financeiro e também em termos de audiências, obtêm resultados.”(Jappert,2023)⁸

A escola e o desporto “são tidos como fatores de socialização de adolescentes. As vivências desportivas na escola influenciam as formas de participação futura de mulheres e homens nesse tipo de atividades – daí a enorme importância de incluir, nesta área, as questões da igualdade.” (Associação Portuguesa Mulheres e Desporto, 2007, p. 13).

⁸ <https://pt.euronews.com/2023/07/27/igualdade-de-genero-no-desporto-os-desafios-enfrentados-pelas-mulheres-atletas>

As mulheres de hoje participam muito mais nas atividades desportivas, estando presentes num vasto leque de modalidades. Tem-se verificado, no entanto, que as práticas desportivas continuam a ser palco da reprodução de estereótipos de género, nomeadamente ao nível da alta competição e mais concretamente ao nível dos prémios monetários e apoios, bem como na reduzida participação feminina nos lugares de decisão do universo desportivo (p.137).

Pinheiro (1998) considera que “a pequena representatividade feminina nestas áreas constitui um indício de que as barreiras à participação de mulheres no desporto ainda não desapareceram na totalidade, principalmente, de que o desporto ainda está associado a uma imagem de área reservada masculina” (p.24)

As estatísticas relativas ao desporto feminino em 2022 demonstram um progresso extremamente positivo. De acordo com a *Women's Sport Trust* (instituição de caridade baseada no Reino Unido que visa aumentar e promover o desporto feminino) foram visionadas um recorde de 325 milhões de horas de desporto feminino, em 2022. Em 2012, eram apenas contabilizadas 19,1 milhões de horas.

“A televisão potencializou o futebol e transformou-o numa modalidade mundial, sendo a principal responsável pela sua prosperidade. O futebol, desporto-rei em Portugal, é mostrado diariamente nos meios de comunicação e, portanto, assume uma posição de destaque nos programas de televisão, dominando a informação e cobertura mediática.” (São Pedro, 2022)

O Euro de Futebol Feminino, realizado em 2022, foi considerado o torneio de desporto feminino mais acompanhado de todos os tempos, com um número de espectadores estimado de 365 milhões, seja, em direto na televisão, em *streaming* ou fora de casa. Um valor muito acima da última edição (2017), que contou com 178 milhões de espectadores.

Na final do torneio, que opunha o país organizador, a Inglaterra, e a Alemanha, o número de adeptos presentes no estádio de *Wembley* foi além dos 87 mil. Segundo o presidente da UEFA, Aleksander Čeferin, o Euro 2022 foi um excelente torneio que "propulsionou o futebol feminino para um patamar superior e espera-se que em 2023 a satisfação seja a mesma".⁹

Outra inovação é o alargamento do número de países participantes neste mundial, passando para 32. No Dia Internacional da Mulher em 2023, Sarai Bareman, diretora da divisão de Futebol Feminino, afirmava que o Mundial de Futebol Feminino "vai ter um impacto importante em todo o futebol feminino". Bareman salientava ainda que o aumento do número de equipas presentes iria "não só permitir a mais equipas de evoluir a alto nível como também ter impacto em mais países, mais adeptos e mais mulheres".¹⁰

O que veio a confirmar-se nos 48 jogos da fase de grupos do Mundial de 2023, a FIFA anunciou que o Mundial de 2023 superou o de 2019. "Ao fim de 48 jogos, o público nos estádios somou 1,2 milhão de pessoas, com uma média de cerca de 25 mil adeptos por jogo, um aumento de 29% em comparação com o Mundial passado".¹¹

Para além disso, A organização também mostrou-se satisfeita com os números de audiência nas TV's. O jogo entre Estados Unidos da América e os Países Baixos foi o mais visto da fase de grupos e houve até sítios onde o futebol feminino ultrapassou o masculino, tal como na Colômbia.

2022 foi um ano positivo em números, mas foi também um ano de apresentação de novos projetos que irão dar ainda mais voz e visibilidade às mulheres desportistas. Gianni Infantino revelou que iriam ser criados torneios dedicados ao desporto feminino. Em primeiro lugar foi anunciado um Mundial de Futsal Feminino, que se irá juntar ao Europeu Feminino de Futsal, competição onde a seleção das Quinas é dupla vice-

⁹ <https://pt.uefa.com/womenseuro/news/0277-15bf549c6607-348c4dbc6edb-1000--uma-historia-de-futebol-inesquecivel/>

¹⁰ <https://www.jpn.up.pt/2017/03/24/futebol-feminino-hora-das-mulheres-chegarem-frente/>

¹¹ <https://desporto.sapo.pt/futebol/mundial-feminino/artigos/mundial-de-futebol-2023-ja-superou-numero-de-adeptos-nos-estadios-em-relacao-a-2019-diz-fifa>

campeã. Foi também anunciada a criação de um Mundial dos Clubes Feminino, com detalhes ainda por concluir. Segundo o presidente da FIFA, o objetivo é “correr atrás para alinhar as competições masculinas e femininas e Copas do Mundo”.¹²

Em 2022, as diferenças não foram só notáveis em relação aos atletas. Pela primeira vez na história, um jogo a contar para o Mundial Masculino de Futebol, contou com um trio de arbitragem 100% feminino. Stéphanie Frappart, árbitra francesa já conhecida por ter sido a primeira mulher nomeada como árbitra principal numa partida da Liga dos Campeões de Futebol, foi a primeira mulher a arbitrar um jogo de mundial masculino de futebol. Durante o jogo que opôs a Costa Rica à Alemanha, a francesa esteve acompanhada por mais duas mulheres, a brasileira Neuza Inês Back e a mexicana Karen Diaz Medina.

Já em Portugal, o desporto feminino também tem sido sujeito a alterações positivas. Continuando relativamente aos árbitros, em janeiro de 2023, Catarina Campos, num jogo a contar para a Taça de Portugal entre Benfica e Sporting, foi a protagonista de um momento histórico no desporto. Durante o jogo, um dos espetadores sentiu-se mal nas bancadas, e as duas equipas médicas dos dois clubes, sem qualquer obrigação, decidiram prestar-lhe assistência. Quando regressaram aos relvados, a árbitra portuguesa exibiu o "cartão branco", sinónimo de altruísmo e *fairplay*.

Os mais de 15 mil espectadores ovacionaram a atitude das equipas médicas e também o gesto de Catarina Campos. Nesse sentido não é só a nível de atletas que vemos diferença, mas em tudo o que envolve o desporto.¹³

Recentemente, ainda houve mais provas de que o futebol feminino está a conseguir crescer a nível de visibilidade e de interesse. Em jogos da Seleção Nacional A de Futebol Feminino, o recorde de espectadores num jogo de futebol era de 5595 adeptos. No jogo entre Portugal e Japão esse número foi ultrapassado, e estiveram presentes no estádio D. Afonso Henriques em Guimarães mais de 9750 adeptos. Esse número, apesar de ser

¹² <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-encomenda-estudo-sobre-copas-do-mundo-masculina-e-feminina-a-cada-dois-anos.ghtml>

¹³ <https://www.record.pt/multimedia/videos/detalhe/medicos-do-benfica-e-sporting-veem-cartao-branco-no-derbi-feminino>

bastante inferior aos números de jogos de futebol masculino, é significativo e mostra que os interesses estão a mudar e as pessoas começam a dar também importância ao desporto feminino.

Mas não é só no número de adeptos no estádio que se vê diferenças, na própria televisão são já vários os jogos que começam a ser transmitidos em diretos com um número de espectadores crescente. O desporto feminino fechou o ano de 2022 com mais um recorde, mais de 325 milhões de horas foram vistas na televisão.

Para Goellner (2006), a presença cada vez maior da mulher no desporto torna-se uma ameaça, mas também uma complementaridade.

“É ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser” (p.89)

Apesar das mulheres sofrerem ainda bastante com as desigualdades, não perdem a esperança de que um dia haverá uma mudança. E é nesse sentido que existem cada vez mais movimentos feministas com o objetivo de lutar pelos direitos e pela liberdade da mulher. Por isso, as mulheres têm vindo a tentar impor-se no desporto, área dita masculina, e nos últimos anos temos verificado um aumento significativo no número de atletas federadas e que praticam um desporto considerado como sendo um desporto “de homem” por muitos. No entanto, apesar de haver este crescimento a nível de números, existe um domínio no qual a igualdade no desporto está longe de ser atingida: os meios de comunicação social e as redes sociais.

A presença das mulheres atletas nesses meios tem vindo a aumentar, comparado com há 20 anos, mas de forma quase insignificativa pois seja nos jornais ou nas páginas dos clubes, o conteúdo continua a ser maioritariamente masculino deixando pouco espaço e pouca visibilidade ao desporto feminino.

Capítulo III.

Média, Desporto e Mulher

3.1 Utilização crescente das redes sociais

Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais) (Recuero, 2009, p.26 Atualmente, as redes sociais digitais são cada vez mais populares e utilizadas em cada parte do mundo. Com o passar dos anos, permitiram criar uma maior “comunicação e interatividade entre o público, com o objetivo de facilitar a partilha de informação e criação de conteúdo a uma escala global. Neste sentido, criaram-se processos de socialização e surgiu a Web 2.0” (Martins, 2020, p.19).

Criado em 2004, o termo Web 2.0 está, segundo Tim O’Reilly, “associado a serviços ligados à participação do utilizador, cujo contributo é valorizado e diferente nesta nova versão da Internet. O utilizador passa a ser produtor, editor e difusor de conteúdo, alterando-se os relacionamentos interpessoais e organizacionais anteriores” (Martins, 2020, p.19).

As mais conhecidas e que contam com o maior número de utilizadores são o *Facebook*, o *Instagram*, o *Twitter* ou ainda o *WhatsApp*. Essas são redes de relacionamento com uma grande acessibilidade.

Estas redes são assim uma forma de interligar todo o mundo numa só plataforma. E são cada vez mais as pessoas que são utilizadores das redes sociais, seja para qual for o uso. O *WhatsApp* pela facilidade em trocar mensagens, o *Instagram* pela partilha de fotografias ou ainda o *Facebook* que reúne os dois e onde se podem partilhar conteúdos tal como notícias.

Rost (2014) aborda um esquema sobre a forma como a utilização das redes sociais deve ser feita no jornalismo. Parte de três abordagens que, segundo ele: “permitem conceber, e aproveitar todo o potencial informativo e comunicativo das redes”.

1. A receção: Abordagem que parte dos utilizadores para os media e funciona como a receção de informação e ideias.

2. A difusão: Abordagem que parte dos media para os utilizadores com recurso à distribuição de conteúdos
3. A interação: Abordagem que parte dos dois lados, que é interativa e que funciona através da ligação entre leitores e as suas fontes. (p.76-77)

A Internet tem vindo a mudar o mundo. O aparecimento de novas ferramentas e tecnologias fez com que desaparecessem ou fossem alterados métodos e ferramentas tradicionais. Os *Cd's* ou *Dvd's* e as fotografias impressas deixaram lugar aos serviços de *streaming*, tais como o *Spotify*, *Tidal*, *Netflix*, ou *HBO*, mas também ao *Facebook* e ao *Instagram*.

Atualmente no mundo, são cerca de 5,16 mil milhões os utilizadores da internet, o que representa 64,4% da população. Numa população estimada a perto de 8,01 mil milhões de pessoas, o número de utilizadores da internet cresceu 23.74% em apenas um ano. (Relatório de Visão Geral Global Digital 2022)¹⁴

De acordo com o Relatório de Visão Geral Global Digital 2022, publicado em parceria com o *We Are Social e o Hootsuite*, as redes sociais ganham, em média por dia, mais de um milhão de novos utilizadores. Significa que as redes sociais estão em evolução constante e cada vez mais rápida.

Em Portugal cerca de 7 milhões de pessoas utilizam frequentemente a Internet. Entre 2021 e 2022, já foi registado um aumento de perto de 3%. Estes números vêm completar o que já foi dito anteriormente. As redes sociais são uma parte importante da vida dos portugueses que estão uma grande parte do dia conectados. (Marktest, 2022)¹⁵

Com a evolução dos dispositivos móveis, e a facilidade a aceder em qualquer parte do mundo e qualquer sítio, o uso das redes sociais tem vindo a disparar. Entre 2008 e 2019, o número de utilizadores passou de 17,1% a 63,6%.

¹⁴ <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2022-resumo-e-relatorio-completo>

¹⁵ <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~290d.aspx>

Com a maior e crescente presença dos portugueses nas redes sociais, são as equipas de publicidade e marketing que têm a ganhar ao apostar no online. Os negócios atuais adaptam-se cada vez mais à nova realidade do online.

No entanto, ainda há quem possa considerar que as redes sociais são uma possível ameaça para o jornalismo, daí não haver pessoas a querer investir neste setor. Na opinião de Rost), é todo o contrário, “Dentro deste ecossistema comunicativo mais interativo e complexo, os meios de comunicação jornalísticos continuam a ser espaços privilegiados que garantem visibilidade e transcendência.” (2014, p.77)

Canavilhas (2006) entendia que, em Portugal, o jornalismo na web encontrava-se ainda na segunda fase indicada por Pavlik, fase onde os conteúdos são produzidos para as versões online e já contém hiperligações, aplicações interativas e, nalguns casos, fotografias, áudios ou vídeos. John Pavlik (2001: 43) sistematiza a evolução do jornalismo online em três fases:

Fase 1 – Os conteúdos disponibilizados online são os mesmos que os que já foram publicados nas versões tradicionais do meio;

Fase 2 – Os conteúdos são produzidos para as versões online e já contém hiperligações, aplicações interativas e, nalguns casos, fotografias, áudios ou vídeos;

Fase 3 – Os conteúdos são desenvolvidos especificamente para serem colocados online, tirando partido de todas as características desta plataforma

Esta última fase, que Canavilhas designava de Webjornalismo, “caracteriza-se pela produção de informação de cariz noticioso com recurso a uma linguagem constituída por palavras, sons, imagens estáticas ou em movimento e hiperligações, tudo combinado num todo coerente, interativo, aberto e de livre navegação para os utilizadores.” (Canavilhas, 2005, p1394).

Ora, os jornais exclusivamente online, estavam longe de ter entrado na fase de Webjornalismo (Canavilhas, 2005, p1393). Numa primeira fase, jornais, rádios e televisões foram atraídos pela imagem de inovação tecnológica associada à presença na internet e pela possibilidade de conseguirem uma dimensão global até então condicionada pelos circuitos de distribuição. Por isso, as primeiras edições online

limitaram-se a transportar para a web aquilo que já faziam nas versões tradicionais. Só mais tarde algumas empresas perceberam o potencial da web, tendo introduzido funcionalidades próprias do meio e criado serviços apenas possíveis na web.

3.2 Presença do desporto nas redes sociais

O desporto está presente no digital através de duas maneiras. A primeira pelos clubes federados que têm várias contas em redes sociais diferentes. Mas também através do jornalismo desportivo online que está em crescimento e está cada vez mais presente nas redes sociais. Os próprios órgãos de comunicação social têm as suas páginas públicas onde partilham todo o conteúdo relacionado com o desporto e com os eventos que estão a acontecer em direto ou que vão acontecer depois. O que torna a partilha de informação mais rápida pois os meios de comunicação vão buscar diretamente a informação à fonte oficial e podem divulgar rapidamente uma notícia. Esta rapidez pode ter um grande problema associado que é o da fiabilidade, porque nem tudo o que está nas redes sociais pode estar certo a cem por cento devido a facilidade com a qual essas possam ser manipuladas por uma terceira pessoa.

O estudo realizado pela empresa RP Internacional ECCO em conjunto com a ADS Comunicação Corporativa sobre o Mundial de Futebol de 2018, demonstrou que Portugal liderava o número total de seguidores, com cerca de 360 milhões de seguidores (Facebook, Instagram e Twitter). Isso significa então que os adeptos portugueses estão bastante ligados às redes sociais que partilham conteúdo desportivo ou até às das próprias equipas. Os mesmos adeptos querem toda a informação a alta velocidade e querem também poder participar em debates ou comentar certos acontecimentos, nesse sentido as redes sociais e o “online” têm, cada vez mais, a necessidade e a obrigatoriedade de se adaptar e de criar conteúdo para que os adeptos fiquem satisfeitos. (Adsbrasil,2018)

A grande maioria dos clubes tem ativas várias contas nas redes sociais. Seja no Instagram ou ainda no Facebook, todos partilham conteúdos relativos às várias

modalidades que o clube tem. Se tomarmos o exemplo dos três grandes clubes portugueses: o FC Porto, o Sporting CP e o SL Benfica têm conta no *Facebook*, no *Instagram* e ainda no *Twitter*. Nessas mesmas páginas, é possível ter acesso ao conteúdo mais atualizado sobre as equipas. A modalidade mais tratada é o futebol masculino. Nos momentos de jogo, são publicadas, em direto nas redes sociais, as substituições, os golos, as faltas, e por vezes no Facebook até existe o relato escrito do jogo. Com estas publicações, os adeptos podem pronunciar-se e comentar em direto o que permite mantê-lo ativo e interativo. E atualmente, é esta vertente que os adeptos procuram. Não procuram apenas ter o conteúdo, mas sim poder também interagir com ele.

Em Portugal, o conteúdo desportivo tem sido distribuído nos média com bastante regularidade graças a facilidade de acesso às redes sociais. Por isso, a presença do desporto nas redes sociais está em constante crescimento. Dos mais jovens aos mais velhos são cada vez mais as pessoas que utilizam as redes sociais, pelo que é importante para os clubes apostarem nas redes sociais e no conteúdo que lá publicam porque é nestes espaços que vão ganhar visibilidade e seguidores. Contudo, é importante criar conteúdo sobre todas as modalidades e sobre todos os géneros de forma a alcançar mais público.

Para além do desporto, os próprios atletas começam a utilizar de forma crescente as redes sociais para manter o contacto com os seus adeptos e criar uma ligação mais próxima.

“Além disso, os desportistas também são utilizadores assíduos das redes sociais virtuais e aplicativos de comunicação instantânea, possuindo exigências que os próprios clubes e patrocinadores fazem de acordo com o contrato firmado com o jogador. Assim, alguns desportistas são estimulados a postarem algo no ambiente virtual, interagindo com o público, sejam torcedores, fãs, rivais, atletas de outras equipas, familiares, mídia, dentre outros, proporcionando maior exposição da figura desse atleta, o que nem sempre é benéfico, pois muitos não sabem lidar ou não possuem suporte para encarar as possíveis adversidades que podem vir a surgir no ciberespaço.” (Morão, K. G., Verzani, R. H., Bagni, G., & Machado, A. A, 2016, p.14)

No entanto, isso pode vir a ser prejudicial. Especialmente pelas relações ambíguas que podem ser criadas com os patrocinadores. Nesse sentido, qualquer que seja o *sponsor*, esse mesmo sabe que o seu trabalho depende do modo de vida e dos valores do atleta.

Moeran (2003) referiu que os indivíduos patrocinados contribuem para o desenvolvimento e criação de uma ligação entre as dimensões cultural e económica da produção, dando significado, personalidade e valor simbólico e social aos produtos da marca" (cited in Dumont, 2016, p. 163).¹⁶

A própria imagem dos atletas também é algo que os preocupa. As imagens publicadas e o conteúdo colocado nas redes sociais têm sempre tendência a criar bastante interesse por parte do público, por isso os *sponsors* tendem a escolher atletas que sejam respeitosos na modalidade que praticam, mas que tenham também uma boa imagem.

"Os estilos desportivos retratados nos meios de comunicação social são uma referência para a forma como nos apresentamos e sentimos no nosso dia a dia. A imagem dos desportivos e o seu comportamento são agora explorados por revistas de moda revistas de moda, revistas de celebridades e agências de modelos. (Ohl,2003, p. 170)¹⁷

Segundo Louveau (2007) foi nos anos 1980 que o culto ao corpo seguiu um novo rumo.

¹⁶ Comme le souligne Moeran (2003), les individus sponsorisés contribuent à l'élaboration et à la création d'un lien entre les dimensions culturelles et économiques de la production, donnant un sens, une personnalité et une valeur symbolique et sociale aux produits de la marque » (Dumont, 2016, p. 163)

¹⁷ « Les styles sportifs mis en scène dans les médias constituent une référence pour les manières d'être et de paraître au quotidien. Ainsi, l'image des sportifs et leurs manières de faire sont aujourd'hui exploitées par les magazines de mode, les revues people et des agences de mannequins. » (Ohl, 2003, p. 170)

O atleta é confrontado com a aprovação da sua imagem, não por uma categoria de pessoas ou por uma profissão, mas sim pela sociedade no seu todo. Ao ter de responder aos estereótipos contemporâneos do atleta, o desportista deve corresponder a uma imagem que circula na sociedade, cuja fonte é difusa, mas cujo público é global. (Louveau, 2007)¹⁸

Existem ainda limites nesta dependência entre os atletas e os patrocinadores e por vezes devido a algum erro cometido nas redes sociais. Alguns exemplos, tais como a nadadora australiana, três vezes campeã olímpica, Stéphanie Rice, que perdeu um contrato com a marca *Speedo* depois de ter partilhado uma foto nas suas redes sociais em biquíni. Ou ainda em 2009, o nadador americano e o mais medalhado na história dos jogos olímpicos, Michael Phelps, perdeu o seu contrato com a marca Kellogg's depois do jornal News of the World publicar uma foto dele a consumir drogas.

A presença do desporto e dos atletas nas redes sociais tem vindo a crescer cada vez mais, permitindo assim o contacto mais próximo com o público, mas também de aumentar a sua visibilidade o que lhes permite ganhar mais apoiantes, no entanto, pode vir a ser prejudicial para os mesmos quando as regras não são respeitadas. Ainda assim apesar do número de atletas nas redes sociais estar a crescer, o próprio conteúdo sobre desporto feminino continua a estar em minoria. Uma tendência que não se sente só nas redes sociais, mas também nos meios de comunicação, onde os conteúdos são maioritariamente sobre os atletas masculinos.

3.3 O desporto feminino nos meios de comunicação

¹⁸Le sportif est confronté à l'approbation de son image non pas par une catégorie de personnes, par une profession, mais bien par la société entière. En ayant l'obligation de répondre aux stéréotypes contemporains de l'athlète, le sportif doit correspondre à une image qui circule dans la société, dont la source est diffuse mais dont le public est global ». (Louveau, 2007)

Os meios de comunicação social, como já mencionado, desempenham um papel fundamental na divulgação e consolidação do desporto feminino que ainda hoje contínua a ser muito estereotipado assim como o trato que recebem as próprias desportistas. (Zimmer, 2022, p35)

No entanto, tal como nos média tradicionais, existe uma desigualdade de género nas publicações online sobre o desporto. A maioria delas são relacionadas apenas com o desporto masculino. As publicações acerca do desporto feminino são muito escassas e só acontecem quando alguma equipa é campeã numa determinada modalidade.

No entanto, e apesar de se notar um aumento nas notícias, existe ainda uma diferença sobre a forma como essas são escritas ou sobre as fotografias que as acompanham. As notícias de desporto feminino do dia-a-dia costumam ser sempre mais pequenas, com pouco desenvolvimento e são raramente acompanhadas por fotografias, só em alguns casos especiais é que existe um texto grande, como em entrevistas ou em algum feito histórico por exemplo.

E não é só acerca das publicações, as partilhas por parte dos consumidores também é relativamente dedicada ao desporto masculino e não ao desporto feminino. Os comentários e as interações acontecem muito mais com alguma referência ao desporto masculino do que feminino.

Os media deveriam ser imparciais e jogar com o seu poder para combater as desigualdades. Porém, devido à, tradicional, ideia de que, “o desporto é masculino”, tendem a publicar mais conteúdo “masculinizado”.

No Roteiro para a Igualdade entre Homens e Mulheres, publicado em 2006 pela Comissão das Comunidades Europeias, podemos ler que os meios de comunicação “têm um contributo ao apresentar uma “imagem realista das competências e potencialidades de homens e mulheres na sociedade, evitando retratá-las de forma degradante e ofensiva.” ¹⁹

¹⁹ <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/02.pdf>

Para Von Zoonen (1994, cited in Coelho,2017), “o assunto da representação do sexo feminino nos media “sempre foi uma preocupação do movimento feminista que, por volta dos anos 60 e 70 do século passado, se apercebeu do poder que os meios de comunicação social tinham como agentes de produção das representações e práticas que definem o género”.

Todos os clubes têm vindo a criar a sua própria página oficial nas redes sociais, tanto no *Facebook* como no *Instagram* ou ainda no *Twitter*. O conteúdo partilhado refere-se a diferentes modalidades, maioritariamente ao do futebol. São também cada vez mais os clubes que vêm a apostar em contas dedicadas ao futebol feminino tal como o Benfica ou ainda o Sporting. A página destes dois clubes contém todas as últimas novidades e resultados dos jogos sobre as respetivas equipas femininas. Apesar de também serem publicadas na página “oficial” do clube as notícias sobre as restantes modalidades, como o basquetebol, o futsal ou andebol sendo estas publicadas numa conta à parte dedicadas, como o seu nome indica às modalidades, misturando-se aí o desporto masculino e feminino sem dar algum tipo de preferência.

Para além das redes sociais, existem vários jornais com seções ou páginas especialmente dedicadas ao desporto feminino.

Os três jornais de desporto, *O Jogo*, *A Bola*, ou ainda o *Record*, possuem todos no seu site uma seção que dá destaque ao desporto feminino onde são publicadas várias notícias sobre todas as modalidades.

Existem, ainda em Portugal, várias páginas dedicadas somente ao desporto feminino, “o Portal de Futebol Feminino Portugal”, o site “Lado F”, e a revista “Desporto no Feminino” nos quais são publicadas notícias sobre os acontecimentos em torno do futebol feminino, mercado, calendários de jogos, ou ainda resultados.

As atletas femininas também possuem as suas próprias contas nas redes sociais. A atleta mais seguida no Instagram é Ronda Rousey, lutadora de luta livre e artes marciais mistas e judo, primeira americana a conquistar uma medalha olímpica (bronze) nos Jogos Olímpicos de Verão de 2008, tem atualmente mais de 16,4 milhões de seguidores. Em

segundo lugar está a tenista Serena Williams, recordista com 23 títulos em *Grand Slam*, com 16,1 milhões de seguidores. Em terceiro lugar, está Nikki Bella, lutadora profissional de luta livre, com 10,6 milhões de seguidores.

Embora estes números sejam inferiores aos números de alguns atletas masculinos, tomando o exemplo de um português bem conhecido, o Cristiano Ronaldo, que é a pessoa mais seguida nas redes sociais com 540 milhões de seguidores, as atletas femininas têm atualmente um público que está interessado em seguir o quotidiano e a ver as publicações das mesmas. Este traduz-se também por um aumento de interesse por parte dos patrocínios como mostra o estudo da Nielsen em 2022. O mesmo indica que o desporto feminino teve um aumento de 146% de investimento em patrocínios, exemplificando com os investimentos na FIFA, UEFA ou ainda no Mundial de Rêguebi. O novo anúncio do BPI, em Portugal, que promove o desporto feminino também é uma prova que os patrocínios querem investir cada vez mais neste mundo.

Apesar das dificuldades, a atleta feminina tem conseguido ter cada vez mais alguma visibilidade e chamar a atenção, e isto acontece graças ao papel que as redes sociais têm tido. “Redes sociais como Twitter, Instagram ou Facebook foram muito importantes nos últimos anos. Enquanto se configuraram como um espaço de discussão pública de grande alcance, muitas das matérias publicadas pelos jornais ou canais televisivos sobre desporto feminino foram amplamente criticadas, deixando em evidência o machismo estrutural que cercava a cobertura dos acontecimentos desportivos femininos, nomeadamente a partir dos Jogos Olímpicos de 2016. (Zimmer, 2022, p.31).

A crescente incorporação das mulheres no desporto, as modificações políticas, a incorporação das mulheres no campo jornalístico, as mudanças de mentalidades e paradigmas sobre o feminino e o masculino, os estudos especializados, entre outros, fazem com que o desporto praticado por mulheres seja cada vez mais valorizado e que o tratamento que as notícias e as atletas recebem seja concordante com os tempos. (Zimmer, 2022, p.31)

Capítulo IV. Metodología

4.1. Problema

A mulher continua a ser um tema controverso no mundo do desporto, principalmente por ser considerado como um mundo masculino.

“O domínio masculino no desporto e a tradicional visão da mulher aumentaram as dificuldades à presença feminina na esfera desportiva. A participação da mulher no desporto, ainda hoje, é vista como uma ameaça à masculinidade e ao poder masculino, mas também ao próprio desporto e ao papel que ele desempenha na construção da masculinidade” (Pinheiro, 2002, p.33).

Todavia, temos vindo a assistir a uma mudança, seja no crescente aparecimento de jornalistas desportivas femininas, como também na crescente adesão de mais atletas femininas, que conquistam cada vez mais troféus e medalhas. Mas, apesar deste crescimento, o espaço reservado ao desporto feminino na imprensa continua a ser inferior ao desporto masculino, como iremos verificar mais adiante. Nesse sentido, com este estudo, pretendemos analisar e perceber qual é o lugar do desporto feminino na imprensa desportiva.

4.2 Questões de investigação

O problema definido desperta uma série de perguntas que permitem explicitar melhor aquilo que se quer investigar ao longo deste trabalho. Neste trabalho procurou-se dar respostas às seguintes perguntas:

- Será que as notícias de desporto feminino, sobre a mesma modalidade, têm a mesma visibilidade que as do desporto masculino?
- Como é que as atletas femininas são representadas na imprensa desportiva?
- As notícias de desporto feminino têm o mesmo interesse para o público do que as de desporto masculino?

4.3 Objetivos e hipóteses

O presente projeto tem os seguintes objetivos:

- Verificar se as notícias de desporto feminino têm a mesma visibilidade que uma notícia sobre a mesma modalidade, mas no desporto masculino.
- Analisar a forma como as atletas femininas são representadas na imprensa em comparação com os atletas masculinos.
- Perceber se as notícias relacionadas com o desporto feminino têm o mesmo interesse para o público que as do desporto masculino.

Já em termos de hipóteses, que iremos verificar com o trabalho, podemos avançar com as seguintes:

Hipótese 1: As notícias relacionadas com o desporto masculino têm mais visibilidade que as notícias de desporto feminino, independentemente da modalidade.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas de tratamento jornalístico entre os géneros no desporto.

Hipótese 3: Os leitores têm mais interesse em ler notícias relacionadas com o desporto masculino do que com o feminino.

4.4 Método

O método consiste em duas partes. Numa primeira fase, uma análise quantitativa, através de uma recolha de dados feita por uma análise de conteúdo, e num segundo momento uma análise qualitativa através de entrevistas semiestruturadas.

Análise de conteúdo

Segundo o Manual de Investigação em Ciências Sociais, a análise de conteúdo incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas. (Quivy & Campenhoudt, 1992)

A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do “discurso” e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento. Este

pode incidir sobre o próprio locutor ou sobre as condições sociais em que este discurso é produzido. (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.226).

Esta técnica foi utilizada neste trabalho com o intuito de analisar as diferentes edições dos jornais desportivos selecionados durante os dois meses, *O Jogo, A Bola, e o Record*. Foram analisadas características do conteúdo dedicado ao desporto feminino entre outras como o espaço dedicado, o número de caracteres, ou ainda a presença de fotos. Com isto queríamos perceber se os jornais desportivos portugueses dão o mesmo destaque ao desporto feminino e ao desporto masculino, e quais eram as maiores diferenças que existiam.

Entrevista

Desde há muito tempo que a entrevista é utilizada na pesquisa social. É uma técnica de pesquisa que, segundo Fraser e Gondim (2004), está associada às observações etnográficas e que foi usada inicialmente por Booth (sociólogo), em 1886, nos seus estudos sobre as condições sociais e económicas dos habitantes da capital inglesa.

A entrevista é uma técnica fundamental utilizada nos vários campos de investigação por ser bastante flexível e oferecer a possibilidade de recolher dados qualitativos.

“Utilizar a entrevista para obter informação é tentar compreender a subjetividade do indivíduo por meio dos seus depoimentos, pois trata-se do modo como aquele sujeito observa, vivencia e analisa seu tempo histórico. É extrair daquilo que é subjetivo e pessoal do sujeito e pensarmos numa dimensão coletiva, permite-nos compreender a lógica das relações que se estabelecem ou se estabeleceram no interior dos grupos sociais dos quais o entrevistado participa ou participou, num determinado tempo e lugar”. (Duarte, 2004, p.219)

As entrevistas semiestruturadas, a nossa opção, têm tanto perguntas abertas como fechadas. Estas devem ter um guião de orientação pré-estabelecido pelo qual o entrevistador se vai orientando de forma a obter as respostas, sem interpelar, mas sem perder o fio condutor (Quivy & Campenhoudt, 1992).

O entrevistador pode fazer perguntas adicionais de maneira a explicar de forma mais detalhada algum tema que não tenha ficado tão explícito. A conversa torna-se informal, e o entrevistador deve interferir o menos possível e ficar apenas como ouvinte.

Neste caso, foram entrevistados três jornalistas do jornal *O Jogo*, por impossibilidade de contactar jornalistas dos outros dois, e três atletas femininas.

4.5 Escolha da amostra

Num primeiro momento, analisamos as edições dos três jornais desportivos portugueses: *O Jogo*, *a Bola* e *o Record*. Foram analisadas as edições entre 2 de janeiro de 2023 e 27 de fevereiro do mesmo ano, em semana composta.

Num segundo momento, foram realizadas três entrevistas a jornalistas d'*O Jogo*: dois homens e uma mulher. Cada um deles trabalha numa secção diferente do jornal, os dois homens estão respetivamente na secção Futebol Nacional e nas Modalidades, e a mulher está na secção FC Porto. Inicialmente, eram previstas entrevistas a jornalistas dos três jornais que iremos estudar, mas devido a falta de resposta às tentativas de contactos, tivemos de optar por jornalistas apenas d'*O Jogo*.

Já a escolha da mulher jornalista surgiu de forma a ter um testemunho de uma pessoa que pode sentir mais facilmente as desigualdades de género.

No caso das entrevistas às atletas, foram contactadas diferentes atletas, de idade e modalidade diferentes, de forma a ter uns resultados heterogéneos.

Com estas entrevistas o objetivo era perceber se os resultados obtidos através da análise de conteúdo estavam de acordo com o que os próprios jornalistas achavam e faziam na redação.

4.6 Análise dos jornais

Como referido acima, a análise foi feita em oito semanas. Cada semana era escolhido um dia, e eram analisadas as três edições dos jornais desportivos portugueses.

Este formato de análise surgiu de forma a poder verificar todas as edições dos jornais e perceber se consoante os dias da semana o conteúdo apresentado era diferente.

Semana	Dia	Jornais
1	Segunda-feira, 2 de janeiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
2	Terça-feira, 10 de janeiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
3	Quarta-feira, 18 de janeiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
4	Quinta-feira, 26 de janeiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
5	Sexta-feira, 3 de fevereiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
6	Sábado, 11 de fevereiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
7	Domingo, 19 de fevereiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>
8	Segunda, 27 de fevereiro	<i>O Jogo, A Bola, Record</i>

Tabela 1. Análise dos jornais

4.7 Inquérito

O inquérito aplicado aos inquiridos foi um questionário fechado, no entanto foram utilizadas questões abertas e fechadas. Quivy e Campenhoudt (2019) referem que se, por um lado, as respostas abertas são respostas que apresentam uma maior representatividade e a real opinião dos inquiridos e, por isso, possibilitam uma maior diversidade de informação sobre a temática. Já as respostas fechadas são mais diretas e mais fáceis de analisar.

O inquérito por questionário aplicado nesta investigação foi enviado para diferentes grupos da rede social *WhatsApp* e partilhado pela população mais nova e mais velha, e ficou disponível para resposta durante 15 dias.

Neste caso, trata-se de um inquérito exploratório, pois a amostra não é representativa de toda a população portuguesa. Os resultados levarão a querer a uma conclusão que para ser considerada verdadeira deveria ter uma amostra maior.

4.8 Entrevistas

Foi preparado para estas entrevistas um guião semiestruturado que foi, durante a entrevista, complementado enquanto surgiam alguns temas durante a conversa, seja com os jornalistas ou com as atletas.

A única limitação é ter apenas conseguido contactar com jornalistas do jornal *O Jogo*, e não ter sido possível falar com jornalistas *d'A Bola* e *Record* (contactados, mas não foram obtidas respostas).

Capítulo V. Análise e discussão de resultados

5.1 Análise de conteúdo

Começando agora a nossa análise efetuada aos três jornais desportivos portugueses.

Neste estudo foram tidos em conta seis critérios:

- 1) o tamanho do espaço reservado para a notícia;
- 2) o tamanho da notícia (número de parágrafos ou de palavras);
- 3) a presença de fotografias;
- 4) se a notícia está do lado direito ou esquerdo;
- 5) a presença da notícia na capa;
- 6) o género noticioso ;
- 7) A modalidade.

Tendo em conta os diferentes parâmetros, obtiveram-se as seguintes tabelas.

A BOLA	Espaço Reservado	Tamanho da notícia/ nº de palavras	Presença de fotos	Página na direita ou esquerda	Presença na capa da edição	Género noticioso	Modalidade
Anexo 1	Canto inferior	1 parágrafo (29 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Atletismo
Anexo 2	Canto inferior	1 parágrafo (26 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Motores
Anexo 3	Fundo da página (meio)	2 parágrafos	Sim, atleta+ presidente	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 4	Coluna lado esquerdo	4 parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 5	Coluna lado direito	3 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 6	Cimo da página	6 grandes parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Surf
Anexo 7	Cimo da página	6 parágrafos	Sim, atleta acompanhada	Direita	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 8	Cimo da página	1 grande parágrafo	Não	Direita	Não	Notícia	Futebol
Anexo 9	Cimo da página	1 grande parágrafo	Não	Direita	Não	Notícia	Futebol
Anexo 10	Fundo da página	5 parágrafos	Sim, atletas	Direita	Não	Notícia	Futebol
Anexo 11	Coluna de lado	1 parágrafo (63 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Atletismo
Anexo 12	Página completa	Página inteira	Sim, atleta	Esquerda	Não	Entrevista	Judo
Anexo 13	Fundo da página	2 parágrafos	Sim, atleta	Direita	Não	Notícia	Futebol
Anexo 14	Meia página (Cimo)	4 grandes parágrafos	Sim, treinador	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 15	Canto lado direito	1 parágrafo (44 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Atletismo
Anexo 16	Canto direito fundo da página	2 parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Surf
Anexo 17	Canto inferior da página	1 parágrafo (38 palavras)	Não	Esquerda	Não	Notícia	Voleibol
Anexo 18	Coluna lado direito	1 grande parágrafo	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 19	Canto lado direito	1 parágrafo (29 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Judo
Anexo 20	Meia página	7 parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Atletismo

Anexo 21	Canto lado direito	1 parágrafo (35 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Ginástica
Anexo 22	Canto lado direito	1 parágrafo (37 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Atletismo
Anexo 23	Cimo da página	2 grandes parágrafos	Sim, atleta	Direita	Não	Notícia	Surf

A primeira tabela é Tabela 2.. Análise do jornal A Bola relacionada com a análise do jornal *A Bola*, jornal de publicação diária, fundado em 1945. Para este trabalho foram analisadas, tal como com *O Jogo* ou *Record*, 8 edições publicadas em dois meses.

Se analisarmos a quantidade de notícias ou conteúdo sobre desporto feminino publicado nestas edições podemos concluir que este é um número bastante reduzido. Nas oito edições, foram contabilizados 23 conteúdos com temática sobre desporto feminino.

Num primeiro parâmetro, foi analisado o espaço reservado às notícias de desporto feminino. As notícias publicadas n'*A Bola* de desporto feminino são maioritariamente colocadas ou nos cantos das páginas ou nos lados. Salvo exceções de grandes acontecimentos, e aí são colocadas em meia página ou até página completa. O que significa que não é dado tanto espaço para as notícias de desporto feminino.

Relativamente ao tamanho das notícias publicadas, podemos chegar à mesma conclusão que no parâmetro acima mencionado. No caso d'*A Bola*, existem várias notícias de desporto feminino que são bastante grandes com vários parágrafos, ou até páginas completas. No entanto, e em grande maioria, existem ainda muitas breves ou de conteúdo pequeno.

A terceira categoria analisada era se o conteúdo era acompanhado com fotografias ou não. Após análise, podemos dizer que *A Bola* coloca bastantes fotografias a acompanharem o conteúdo de desporto feminino. Dos 23 conteúdos, 13 (56,6%) são acompanhados de uma fotografia ou mais. As fotografias são maioritariamente das atletas sozinhas, seja a olhar para a câmara ou no meio da prática desportiva, com alguma exceção podendo serem acompanhadas dos treinadores. Além disso, o tamanho das fotografias é grande, ocupando algum espaço e dando destaque às atletas.

O quarto critério, relativo à colocação da notícia, ou seja, se está numa página do lado direito ou do lado esquerdo. Dos 23 conteúdos que foram analisados, 12 estão do lado

esquerdo e 11 do lado direito. Sabemos que a colocação seja do lado direito ou do lado esquerdo tem alguma relevância, pois o nosso olhar tem tendência a desviar para o lado direito do jornal. Nesse sentido, podemos dizer que as notícias são tanto colocadas do lado mais chamativo (direito), como do lado esquerdo.

Ao quinto critério, que era sobre a presença ou não na capa, dos 23 conteúdos não houve nenhum que teve destaque na capa, o que mostra que o desporto feminino ainda não é considerado suficientemente atrativo para estar colocado em destaque.

A última categoria analisada neste trabalho – o género noticioso apresentado no jornal, ou seja, se eram mais notícias, breves ou ainda entrevistas. Nos 23 conteúdos que foram analisados, n' *A Bola* havia uma entrevista, sete breves e 15 notícias.

O que podemos concluir é que, apesar de apresentar conteúdo grande e com vários parágrafos, *A Bola* (neste período de análise) não apostou em entrevistas às atletas.

Nesta análise de conteúdo, achamos ainda relevante analisar quais eram as modalidades noticiadas e comparar este número com os do desporto masculino, que após análise, podemos concluir ser o futebol a modalidade mais dominadora.

No caso d' *A Bola*, nove dos 23 conteúdos estão relacionados com futebol, cinco com atletismo, três com surf, dois com judo, um sobre motores e por fim um sobre ginástica. Nesse sentido, podemos concluir, que tal como para o desporto masculino, *A Bola* apresenta mais conteúdo sobre futebol, trazendo ainda algumas notícias relacionadas com outras modalidades, onde as portuguesas têm excelentes resultados, tal como o atletismo e surf.

	Espaço Reservado	Tamanho da notícia/ nº de palavras	Presença de fotos	Página na direita ou esquerda	Presença na capa da edição	Gênero noticioso	Modalidade
Anexo 24	Canto inferior	1 grande parágrafo	Não	Direita	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 25	Meio da página	3 parágrafos	Sim, atleta e os filhos	Esquerda e Direita	Não	Entrevista	Atletismo
Anexo 26	Canto coluna lado esquerdo	1 parágrafo	Sim, paisagem	Esquerda	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 27	Canto coluna lado esquerdo	1 parágrafo (58 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Surf
Anexo 28	Canto coluna lado esquerdo	1 parágrafo (74 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Atletismo
Anexo 29	Meio da página lado esquerdo	3 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 30	Cimo da página lado esquerdo	3 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 31	Canto coluna lado direito	1 parágrafo (56 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Surf
Anexo 32	Duas páginas	Dupla página	Sim, atletas	Direita e Esquerda	Não	Entrevista e notícia	Futebol
Anexo 33	Meia página lado esquerdo	4 parágrafos	Sim, atletas	Direita	Não	Notícia	Futebol
Anexo 34	Meia página lado direito	2 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 35	Fundo da página	2 parágrafos	Sim, atleta	Direita	Não	Notícia	Judo
Anexo 36	Canto coluna lado direito	1 parágrafo (51 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Basquetebol
Anexo 37	Canto lado esquerdo	1 parágrafo (71 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Voleibol
Anexo 38	Canto superior esquerdo	1 parágrafo (61 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Ginástica
Anexo 39	Canto inferior esquerdo	1 parágrafo (62 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Atletismo
Anexo 40	Meia página lado direito	2 grandes parágrafos	Sim, atleta + colegas	última página	Sim	Notícia	Surf

Tabela 3. Análise do jornal O Jogo

A segunda tabela apresentada resulta da análise feita ao jornal *O Jogo*, jornal de publicação diária, fundado no dia 22 de fevereiro de 1985.

Para este jornal foram contabilizados 17 conteúdos com temática sobre desporto feminino. Perfazendo uma média diária de 2,125 conteúdos. Contando que em média uma edição d' *O Jogo* contabiliza cerca de 70 notícias, o desporto feminino representa cerca de 3%. Podemos concluir, com estes números, que os desportos femininos nestas edições ocupam um lugar muito reduzido.

Foi analisado num primeiro instante o tamanho do espaço reservado às notícias de desporto feminino. Com esta análise afirmamos que várias das notícias de desporto feminino são colocadas num canto ou de um lado de uma página. Ainda assim, podemos referir que existem algumas exceções onde o desporto feminino ocupa meia página ou ainda uma página inteira ou dupla, no caso da dupla página dedicada ao futebol feminino que sai nas edições de sexta-feira.

Relativamente ao tamanho das notícias publicadas, podemos chegar à mesma conclusão que no parâmetro acima mencionado. As notícias de desporto feminino são geralmente pequenas, com poucas palavras e poucos parágrafos. A única exceção que existe n' *O Jogo* são as páginas duplas da edição de sexta-feira, que têm mais parágrafos e é dado mais ênfase ao desporto feminino. Nas páginas duplas, a notícia é sempre acompanhada de uma ou mais fotografias

O quarto critério, relativo à colocação da notícia, ou seja, se está numa página do lado direito ou do lado esquerdo. Dos 17 conteúdos que foram analisados, nove foram colocados do lado direito, cinco o lado esquerdo, uma ocupa uma dupla-página, ou seja, os dois lados e uma ocupa a última página da edição. Ora, podemos dizer que o jornal *O Jogo* tenta colocar vários conteúdos do lado direito, de forma a dar visibilidade.

A quinta categoria que foi escolhida para esta análise é a presença da notícia na capa da edição onde aparece. Dos 17 conteúdos, somente uma notícia teve direito a destaque na capa. No entanto, este destaque foi pequeno, e colocado do lado esquerdo da capa. Porém, apesar de ser um espaço reduzido, houve atenção por parte do jornal de colocar a notícia na primeira página, por ser um evento relevante e importante para o país (Yolanda Hopkins ganhou o título europeu em surf). Os jornalistas d' *O Jogo* afirmaram ainda que existem algumas exceções para colocar o desporto feminino em manchete,

quando as atletas conseguem algum feito inédito ou nunca alcançado antes, como por exemplo o caso da qualificação da Seleção Feminina para o Mundial de Futebol.

A sexta categoria (género noticioso), levou a ver que no total dos 17 conteúdos, nove foram notícias, duas foram entrevistas acompanhadas de uma notícia e sete breves.

Acerca da presença de fotografias a acompanhar as notícias, no caso do *Jogo*, oito dos 17 conteúdos tiveram uma fotografia a complementar. Relativamente ao tipo de fotografias colocadas: são quase sempre das atletas seja no momento da prática de atividade ou parada, ou são ainda fotografias do grupo de trabalho ou acompanhadas por treinadores/presidentes. A única exceção no caso do jornal *O Jogo*, será a de uma notícia de desporto feminino relativa a um certo grupo ser acompanhado com a fotografia do treinador a prestar declarações. Apesar de ser ele o autor das declarações, a fotografia colocada deveria ser do grupo em questão e não apenas dele.

Tal como n'A *Bola*, foram analisadas as modalidades noticiadas quando se trata de desporto feminino. Houve oito modalidades representadas nas oito edições deste jornal. Dos 17 conteúdos, seis foram de atletismo, quatro de futebol, dois de surf, uma de basquetebol, uma de judo, uma de ténis de mesa, uma de voleibol e uma de ginástica. Com isto, podemos dizer que o jornal *O Jogo* tem uma grande variedade de modalidades noticiadas a nível de desporto feminino, sendo o atletismo o mais representado.

Record	Espaço Reservado	Tamanho da notícia/ nº de palavras	Presença de fotos	Página na direita ou esquerda	Presença na capa da edição	Género noticioso	Modalidade
Anexo 41	Canto do cimo da página	1 parágrafo (36 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Atletismo
Anexo 42	Canto inferior direito	1 parágrafo (44 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Motores
Anexo 43	Coluna lado esquerdo	1 parágrafo (83 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Futsal
Anexo 44	Fundo da página (meio)	1 parágrafo (76 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Futebol
Anexo 45	Cimo da página	4 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 46	Cimo da página	10 parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 47	Coluna lado direito	1 parágrafo (48 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Atletismo
Anexo 48	Coluna lado direito	1 parágrafo (40 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Olimpismo
Anexo 49	Coluna lado direito	1 parágrafo (37 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Atletismo
Anexo 50	Fundo do meio da página	3 parágrafos	Não	Esquerda	Não	Notícia	Judo
Anexo 51	Coluna do lado direito	1 parágrafo (45 palavras)	Não	Direita	Não	Breve	Surf
Anexo 52	Fundo da página	2 parágrafos	Não	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 53	Fundo da página	1 parágrafos (55 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Futebol
Anexo 54	Cimo da página	1 parágrafo (37 palavras)	Sim, atleta	Esquerda	Não	Breve	Ténis de mesa
Anexo 55	Fundo da página	3 parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Ciclismo de pista

Anexo 56	Meia página lateral	3 grandes parágrafos	Sim, atletas	Esquerda	Não	Notícia	Futebol
Anexo 57	Coluna do lado direito	4 parágrafos	Não	Esquerda	Não	Notícia	Atletismo
Anexo 58	Meia página	3 grandes parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Não	Notícia	Judo
Anexo 59	Canto inferior do lado direito	1 parágrafo (39 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Voleibol
Anexo 60	Cimo da página	1 parágrafo (38 palavras)	Sim, atleta	Esquerda	Não	Breve	Ginástica
Anexo 61	Meia página	3 grandes parágrafos	Sim, atleta	Esquerda	Sim	Notícia	Surf
Anexo 62	Canto na coluna lado direito	1 parágrafo (40 palavras)	Não	Esquerda	Não	Breve	Basquetebol

Tabela 4. Análise do jornal Record

A última análise efetuada para este trabalho é relativa ao jornal *Record*, jornal de publicação diária, fundado em 1948.

Nas oito edições analisadas, contabilizamos 21 conteúdos com temática sobre desporto feminino. Neste período de análise, foi ainda publicado a revista *RMais*, dedicada ao desporto feminino. Em média, uma edição do jornal *Record* tem cerca de 90 notícias, o que significa que o desporto feminino ocupa 2,9% deste jornal

Num primeiro parâmetro, foi analisado o tamanho do espaço reservado às notícias de desporto feminino. Podemos concluir que o espaço reservado às notícias de desporto masculino é muito superior às de desporto feminino. Tal como n' *O Jogo* e n' *A Bola*, no *Record*, as notícias de desporto femininos são maioritariamente colocadas no canto das páginas e geralmente no fundo. No entanto, existem algumas exceções como em acontecimentos históricos ou em notícias dedicadas ao futebol que ocupam sempre mais lugar.

Relativamente ao tamanho das notícias publicadas, as notícias de desporto feminino são mais pequenas – em 21 conteúdos, 13 são de apenas um parágrafo. Existem algumas exceções onde o conteúdo tem vários parágrafos e pode ocupar meia página.

A terceira categoria analisada era se o conteúdo era acompanhado com fotografias ou não: são poucas as notícias que têm uma fotografia da atleta à qual se referem. Dos 21 conteúdos, somente oito são acompanhados de uma fotografia. A fotografia refere-se em todos os casos, menos um, à atleta diretamente.

Dos 21 conteúdos que foram analisados, quatro estão do lado direito, e os restantes do lado esquerdo e um está na última página. Nesse sentido, as notícias de desporto feminino têm menos visibilidade.

Durante o tempo de análise, houve apenas um conteúdo que teve destaque na capa. Esse destaque aconteceu também no jornal *O Jogo*, na mesma data, o espaço reservado pelos jornais foi semelhante e sendo que no *Record* fez-se acompanhar de uma foto.

A sexta, e última, categoria analisada neste trabalho, é qual o género noticioso apresentado no jornal, ou seja, se eram mais notícias, breves ou ainda entrevistas. No caso do *Record*, no total dos 21 conteúdos analisados, eram todos bastante pequenos, variando entre breves e notícias. Foram apontadas 14 breves e sete notícias. Com isto podemos dizer que, tal como n'*A Bola* e n'*O Jogo*, o conteúdo relacionado com o desporto feminino ocupa um espaço reduzido na imprensa desportiva. O *Record* privilegia textos curtos e que ocupam pouco espaço o que dá pouca visibilidade ao desporto feminino.

Por último, foram analisadas aqui também as modalidades mais noticiadas durante o tempo de análise. O *Record* é o jornal que propõe uma maior diversidade de modalidades, com um total de 12 diferentes. As modalidades mais noticiadas são o atletismo e o futebol com cinco conteúdos. Depois, com o mesmo número de conteúdo (dois) vem o judo e o surf. Por último, os motores, o futsal, o voleibol, o ciclismo de pista, o olimpismo, o basquetebol, a ginástica e o ténis de mesa foram noticiados uma vez.

5.2 Resultados do Inquérito

A amostra do presente estudo é exploratória. A dimensão da amostra fixou-se em 115 indivíduos. O inquérito por questionário obteve respostas de indivíduos entre os 15 e os mais 45 anos de idade. A faixa etária mais representada foi entre os 30 e 39 com 28,7%. A faixa entre os 18 e os 25 representou 22,6%, de seguida os 25-29 com 15,7 %, os 40-45 com 14,8%, os mais de 45 anos representaram 13,9% e a faixa etária menos

representada foi os de 15-17 anos com 4,3 %. Por meio dos dados obtidos, é possível observar que a esmagadora maioria das pessoas inquiridas são jovens com idades entre os 20/29 anos, o que corresponde a um total de 86 pessoas nesta faixa etária (57,3%), maioritariamente mulheres

Relativamente ao sexo, a percentagem de respostas dos inquiridos de sexo masculino e feminino tem pouca diferença, contando 53 homens (46,1%), 60 mulheres (52,2%). Duas pessoas preferiram não indicar o seu sexo.

Por último, a maioria dos inquiridos residem na região centro (65,2%), 31,3% residem na região Norte, 2 indivíduos vivem na Madeira, e houve um indivíduo da região do Alentejo e um de Lisboa.

Depois de analisado os dados de caracterização, considerados como fundamentais para perceber qual a nossa amostra, foram colocadas no inquérito outras questões. Os dados recolhidos foram todos analisados de uma forma descritiva. Para além das percentagens recolhidas foram também analisadas as diferentes respostas de forma a conseguirmos cruzar alguns resultados e chegar a uma conclusão ainda mais aprofundada.

A primeira pergunta do questionário “Com que frequência lê as notícias?”, teve como objetivo saber o nível de interesse e procura por notícias. A resposta mais dada foi “diariamente” com 57,4%. 23 indivíduos afirmaram ler regularmente e 20 ocasionalmente. Entre as respostas menos dadas estão “semanalmente” (4,3%) e nunca (0,9%). (Gráfico 1)

Com que frequência lê as notícias?
115 respostas

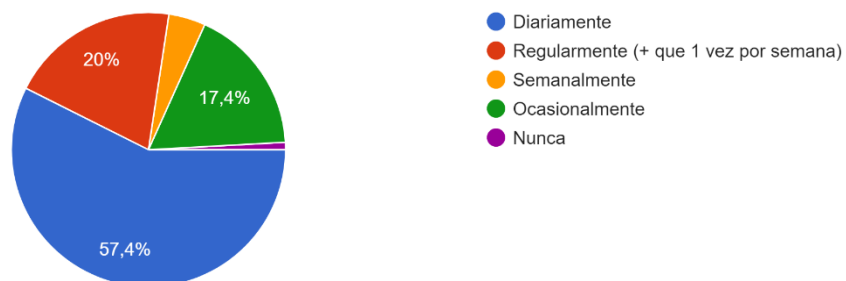


Gráfico 1. Frequência de leitura de notícias

A segunda pergunta (com possibilidade de escolher mais do que uma resposta) tinha como intuito perceber através de que meios é que as pessoas acedem às notícias. O meio que obteve mais resposta foi a Internet com 96 pessoas (83,5%), seguido pelas redes sociais com 74 votos e da televisão com 71 pessoas. O meio com menos votos foi os jornais com 26 indivíduos. (Gráfico 2). Com a precedente análise, e sabendo que a maior parte da nossa amostra são pessoas relativamente jovens, podemos ver aqui uma relação entre os dados obtidos. Com o aumento do uso da Internet e das redes sociais, a sociedade recorre mais rapidamente a este tipo de plataformas para ter acesso às informações devido à sua fácil utilização, rápida e em qualquer lugar.

Através de que meios acede às notícias?

115 respostas

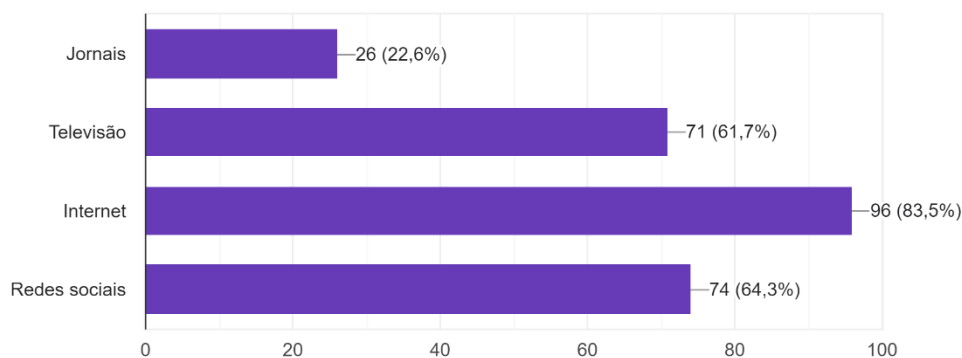


Gráfico 2. Meios utilizados para aceder às notícias

Considerou-se relevante perceber se a nossa amostra tinha algum interesse por notícias relacionadas com desporto. Nesta pergunta, a resposta foi maioritariamente “Sim” com 73 % dos votos (84 pessoas). Com isto podemos dizer que o tema do desporto é um tema que desperta interesse na população.

Tem interesse por notícias de desporto?

115 respostas

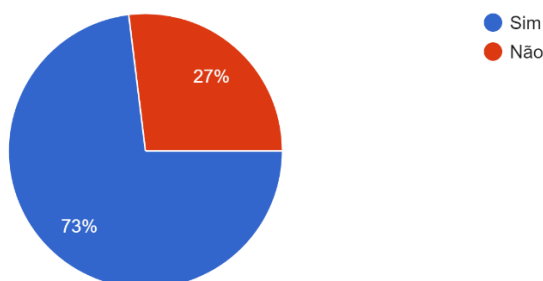


Gráfico 3. Interesse pelo desporto

Na quinta pergunta, os inquiridos foram convidados a dizer qual a modalidade que mais interesse despertava. O futebol foi o mais escolhido com 91,8 % dos votos. As modalidades coletivas são aquelas que foram mais escolhidas. Destaca-se ainda um gosto crescente por desportos motorizados.

Se sim, quais são as modalidades que lhe despertam mais interesse?

85 respostas

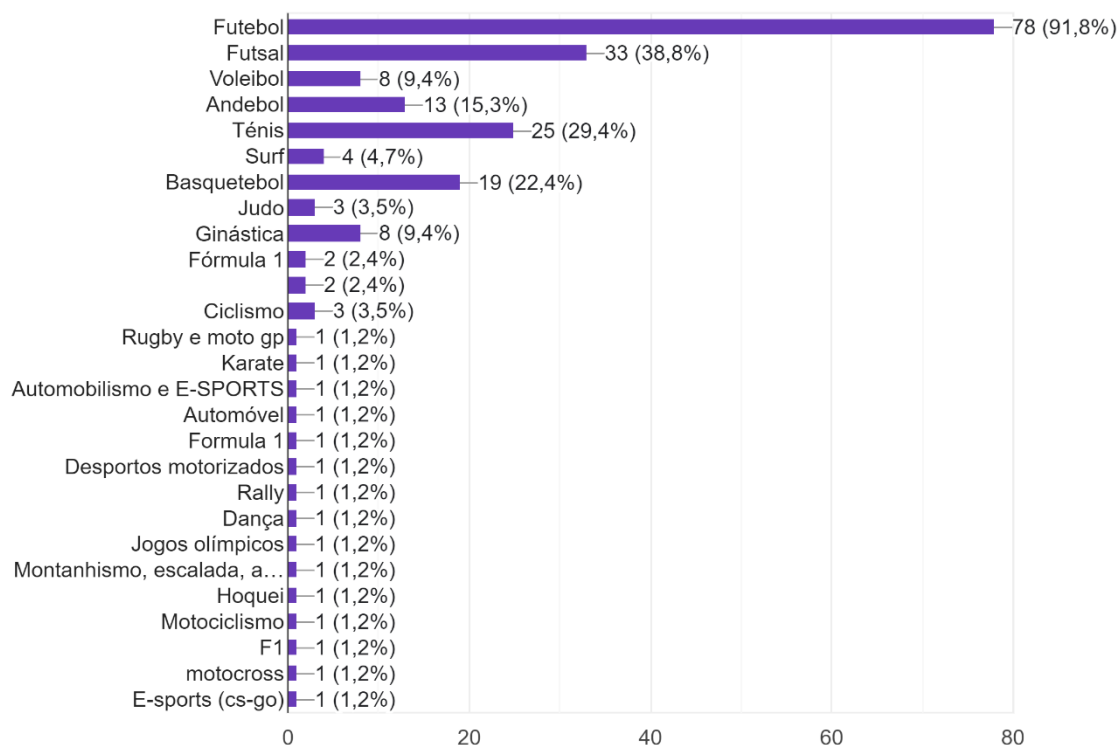


Gráfico 4. Modalidades preponderantes

Os inquiridos foram questionados sobre os seus hábitos de leitura relativamente ao desporto feminino. Com esta pergunta queríamos saber se este desperta interesse aos leitores. As respostas foram quase equilibradas, com 53,9 % dos inquiridos a responder que têm hábito de ler notícias de desporto feminino, e 46,1 % responderam que não leem. Quando lhes foi pedido para explicar o porquê de não ler a maior parte das pessoas responderam que:

- Não tem interesse nas notícias de desporto no geral
- Não gosta de desporto feminino

- Não existe conteúdo suficiente e o mesmo não tem visibilidade

Tem hábito de ler notícias de desporto feminino?

115 respostas

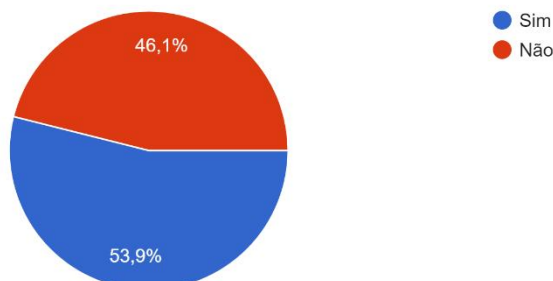


Gráfico 5. Hábitos de leitura

Outra pergunta que foi considerada relevante para o nosso inquérito, era a de perceber se os leitores estariam interessados em ter mais conteúdo sobre desporto feminino. A resposta mais dada foi “Sim” com 58,4% dos votos. A opção “Talvez” obteve ainda 28,3%. Se cruzarmos esta resposta com a anterior, podemos encontrar uma semelhança, existem mais pessoas que leem notícias de desporto feminino, e existe também mais pessoas que gostariam de ter mais conteúdo sobre o mesmo. Portanto, podemos dizer que se houver mais disponibilidade de notícias sobre o desporto feminino, haverá também mais leitores.

Gostaria de ter acesso a mais conteúdo relacionado com desporto feminino?

113 respostas

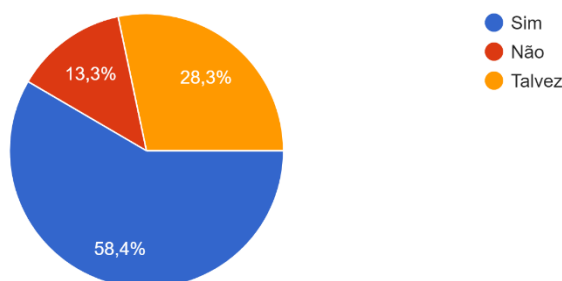


Gráfico 6. Leitura notícias desporto feminino

Quando questionados acerca da visibilidade das notícias, a grande maioria (91.3%) responderam que as notícias de desporto feminino não têm a mesma visibilidade que as de desporto masculino. Ainda assim, 8.7 % consideraram que sim.

Considera que as notícias de desporto feminino tem a mesma visibilidade que as de desporto masculino?

115 respostas

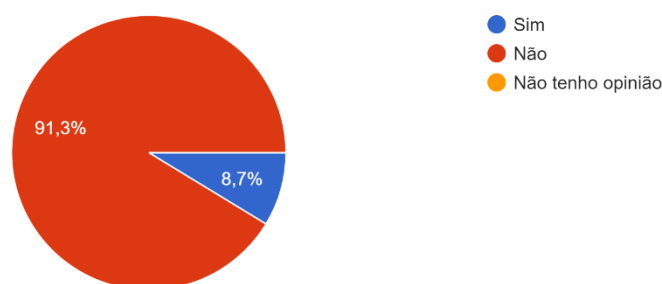


Gráfico 7. Visibilidade do desporto feminino

A última pergunta deste questionário interligava as notícias com os meios de comunicação, e queria saber se as pessoas consideravam que existia uma diferença de tratamento entre o desporto feminino e masculino. A grande maioria das pessoas responderam que “Sim” (79,1%), 13% afirmam não ter opinião. Relevante ainda é a terceira opção “Discordo” que teve 7,8% dos votos, o que equivale a nove pessoas. Esta última percentagem demonstra ainda que para algumas pessoas, existe outro fator para a diferença de tratamento, e que isso não é causado pelos meios de comunicação. Num estudo mais aprofundado seria interessante perceber quais os fatores que são considerados como responsáveis.

Os meios de comunicação são responsáveis pela diferença de tratamento entre o desporto feminino e masculino?

115 respostas

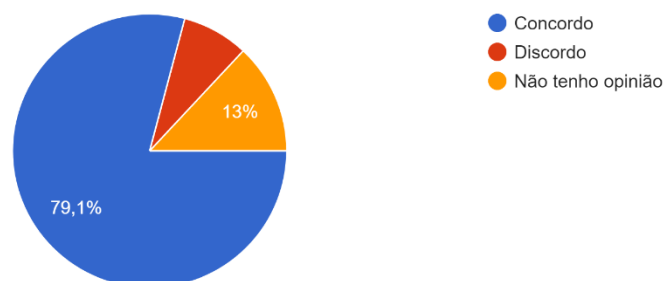


Gráfico 8. Responsabilidade meios de comunicação

5.3 Análise das entrevistas aos jornalistas²⁰

Análise ao jornalista do Jogo – Manuel Casaca

Manuel Casaca iniciou a sua carreira de jornalista a 1 de junho de 1991, no jornal *Record*. Entrou no jornal *O Jogo* em 1996 onde integra atualmente a seção do Futebol Nacional.

Questionado sobre a igualdade relativamente à abordagem do desporto feminino na imprensa comparada à do desporto masculino, respondeu de forma muito clara que “claramente não há esta igualdade”. Diz que apesar de haver um esforço por parte dos jornais, a diferença é ainda muito grande, e que nos dias de hoje, isso não é aceitável. E considerou que esta desigualdade parte muito da mentalidade das pessoas.

Relativamente à questão se as atletas femininas são retratadas da mesma forma que os atletas masculinos, a resposta é outra vez negativa. Explicou que, no caso de um jornal ter 38 páginas, se tiver uma dedicada ao futebol feminino, é algo muito raro. Tirando o atletismo, ou quando Portugal conquista medalhas em Jogos Olímpicos, o destaque para as mulheres é menor. No entanto, afirmou que não existe qualquer diferença na forma de escrever seja para notícias de qual género for.

²⁰ As entrevistas aos jornalistas *d'O Jogo* foram realizadas na redação do Porto, no dia 24 de maio.

Referiu, quando questionado sobre a rentabilidade e visibilidade das notícias femininas relativamente às masculinas, que é notório que quando um clube, dito dos maiores, é campeão nacional, por exemplo de futebol que é o desporto que desperta mais o interesse, tem muito impacto não só nos jornais e nas vendas, como também na própria população em si. Já feitos de desporto feminino, por exemplo um desses clubes ser campeão de futebol, mas da Liga Feminina, vai ter direito a um rodapé do jornal e nunca a uma manchete.

Realçou que esta desigualdade de visibilidade tem “muito a ver com a mentalidade”. Considera que Portugal continua a ser um país onde o machismo continua a existir e explicou que nas suas idas aos estádios continua a ouvir comentários desagradáveis pronunciados contra jornalistas femininas, o que leva a entender que a presença de mulheres no desporto causa ainda muito desconforto para a população.

Quando lhe foi perguntado se achava que isso poderia influenciar a prática de desporto por parte das atletas, respondeu que não, por tudo o que tem presenciado perto da sua residência “vejo várias meninas no clube da terra, seja de futebol ou de basquetebol, a erguer com orgulho a camisola”, e isso mostra que têm gosto em mostrar que são atletas. Conclui ainda dizendo que o crescimento do desporto feminino tem vindo a ser gigantesco.

Por fim, quando questionado sobre o que acha necessário fazer para mudar estas mentalidades, a resposta foi automática “primeiro mudar as mentalidades” seja nas escolas e/ou em casa. Disse ainda que antigamente um rapaz não fazia nada em casa porque era trabalho de rapariga, atualmente é completamente diferente. Se a mudança já se nota aí, no desporto também se irá refletir.

Análise à jornalista do Jogo – Ana Luísa Magalhães

Ana Luís Magalhães é licenciada em Comunicação e Estudos dos Media. Esteve durante cinco meses no *JornalismoPortoNet*. É jornalista do *O Jogo* desde 2015, trabalha na seção do FC Porto e faz parte das poucas mulheres presentes na redação do Porto.

Como jornalista de sexo feminino, era importante ter a sua perceção sobre as atletas femininas.

Respondeu de forma muito clara à questão sobre a igualdade de tratamento entre o desporto feminino na imprensa relativamente à do desporto masculino, que “não é abordado da mesma forma”.

Mas explicou os seus dois pontos de vista: “Por um lado o desporto masculino, e isto há muito tempo, tem um alcance e um impacto muito diferente e mais abrangente, por isso é normal que tenha mais espaço na imprensa. Mas por outro há que perceber que o desporto feminino nos últimos anos tem crescido cada vez mais. E é preciso acompanhar isso”.

Relativamente à rentabilidade das notícias de desporto masculino ser mais elevada, realçou que essas chamam mais a atenção também porque são mais partilhadas e em maior número. Diz que percebemos que há uma diferença por exemplo “quando a seleção feminina se qualifica ou quando chega a jogos importantes isto também se nota, e também muito no site, a população já quer estar informada sobre os acontecimentos dos jogos”.

E sublinhou um ponto que considera bastante importante. Se os jornais também começarem a dar mais espaço, o que é relevante porque a seleção feminina qualificada para o campeonato do mundo não é uma nota de rodapé, é uma informação importante e não estamos a fazer favor a ninguém: “Não estamos a fazer só publicidade e promoção ao futebol feminino só porque fica bem. É relevante. Também é um reflexo do tal crescimento que eu falei há pouco”.

Relativamente à questão se as atletas femininas são retratadas da mesma forma que os atletas masculinos, a jornalista respondeu que não notava grande diferença. Estima que ainda há muitos adeptos que olham para uma futebolista ou desportista e procuram primeiro as características físicas antes das desportivas, e ainda se ouve alguns comentários, mas acha que é de uma forma residual, e que Portugal está a ficar cada vez com mais bom senso.

Por fim, quando lhe foi perguntado o que considera ser importante fazer para mudar esta mentalidade, respondeu que os jornalistas têm de estar envolvidos e ser pedagógicos: “temos de ter a sensibilidade de perceber as coisas. Um determinado resultado pode ter valor noticioso por si só. Não vamos vender muito menos jornais se a manchete é do

desporto feminino. Temos de dar valor aos pequenos passos que o desporto feminino faz”.

Reforçou ainda que se os jornais começarem a dar mais notícias sobre desporto feminino, os leitores também vão começar a estar mais interessados e a querer saber mais sobre um determinado assunto.

Análise ao jornalista do Jogo – Rui Guimarães

Rui Guimarães é jornalista há cerca de 30 anos e está ligado ao jornal *O Jogo* desde 1996, onde se destaca na secção das modalidades.

Questionado sobre a igualdade relativamente à abordagem do desporto feminino na imprensa relativamente à do desporto masculino, explicou que não existe. O desporto masculino, da mesma forma que o futebol, tem muito mais visibilidade do que o desporto feminino ou outras modalidades.

Partilhou ainda a sua experiência frente a esse problema enquanto jornalista: “desde que estou nos jornais, acho que está aos poucos a ter mais evidências, apesar do desporto masculino ter mais visibilidade. No entanto, os clubes grandes estão também a apostar no desporto feminino e a UEFA vai obrigar a ter futebol feminino”.

Relativamente à questão se as atletas femininas são retratadas da mesma forma que os atletas masculinos, afirma que sim. Apesar de haver mais espaço dedicado ao desporto masculino, considera que o tratamento é o mesmo. No seu caso admite escolher fotografias, seja de homem ou mulher, bonitas, seja na ação ou no próprio rosto. Mas admite ainda que há por vezes sítios onde há a tendência a puxar pelo rosto caso a atleta seja bonita.

Quando questionado sobre a rentabilidade e visibilidade das notícias femininas relativamente às masculinas, Rui Guimarães explicou que o problema é da cultura desportiva. Relatou ainda a sua própria experiência quando esteve no mundial de andebol em França e onde tinha acesso ao jornal *L'Equipe*. Referiu que os jornais fora,

têm mais tendência a escrever e partilhar conteúdo sobre várias modalidades e não somente sobre futebol. Para ele, o que interessa aos jornais é vender conteúdo que interesse aos leitores, partilhar notícias sobre os clubes de que eles gostam.

Sobre o que mais gosta de assistir como desporto, respondeu que depende sempre da modalidade. O que mais acompanha é o andebol e gosta mais do masculino, mas no ténis aprecia mais o feminino. Garante ainda não estar fechado só ao desporto masculino.

Questionou-se ainda uma solução para acabar com a desigualdade no desporto e realçou que ainda vai demorar muito. Considera que não tem a ver com o desporto, tem a ver com tudo, seja no governo, nas redações, nas administrações das empresas. Segundo ele, “a igualdade é rara e a desigualdade é global.”

No entanto, realçou que em certos aspetos o desporto já está mais avançado do que outras áreas, mas enquanto não houver mudança na mentalidade, a igualdade não será atingida e teme que daqui a 100 anos, tenha evoluído muito pouco.

5.4 Entrevistas atletas

Após ter analisado o conteúdo dos jornais, recolher a opinião dos leitores, e a dos jornalistas, achou-se pertinente ter a visão das principais interessadas: as atletas femininas. Nesse sentido, realizaram-se três entrevistas a atletas de diferentes modalidades.

-Filipa Pinto tem 33 anos e pratica futebol desde os 10 anos. A arquiteta de profissão deixou de jogar aos 21, mas a par com a iniciação do projeto do futebol feminino na Associação Desportiva da Estação (Covilhã), voltou à prática desportiva aos 29 anos.

-Bebiana Sabino tem 36 anos e é professora de profissão. Pratica andebol há 26 anos, é capitã da seleção feminina A e conta com 134 internacionalizações.

- Marta Massada é médica e jogou voleibol e voleibol de praia dos seus 13 aos 41 anos. Atualmente joga padel e representou, este ano, a seleção nacional de veteranos no campeonato da Europa.

Análise à atleta Filipa Pinto²¹

Questionada sobre a sua opinião em relação ao tratamento do desporto feminino na imprensa desportiva, a atleta afirmou que os meios de comunicação têm tendência a dar pouco destaque ao desporto feminino, porque escreve sobre o que mais vende, que é o desporto masculino. Considera ainda que esta situação é mais recorrente nos jornais regionais.

Sobre a visibilidade do desporto feminino, Filipa considera que existe pouca visibilidade, mas que isso vem da comunicação social referiu ainda que “O impacto de uma notícia num órgão de comunicação por norma é muito maior do que muitas publicações do clube; se temos pouco destaque na comunicação social consequentemente teremos menos visibilidade e acaba por influenciar as pessoas no apoio e incentivo às atletas e aos clubes.”

E nesse sentido quando abordada a forma como as atletas são retratadas, Filipa volta a frisar que isso também vem do destaque dado. Afirma que não existe o mesmo tratamento, porque existe “alguma tendência à comparação entre um atleta feminino e o masculino, o que não é correto visto que as componentes físicas entre ambos os sexos são bastante distintas.”

Para ela, as maiores dificuldades enfrentadas para se tornar uma atleta profissional são a falta de patrocínios e a falta de aposta no feminino que acaba por prejudicar a evolução e desenvolvimento da atleta, que por norma tem que conciliar a vida desportiva com a vida profissional. Refere que antigamente era exigido às mulheres que tivessem o mesmo nível físico que os homens, e isso era um problema para várias atletas.

Relativamente à parte da discriminação, Filipa afirma que já se sentiu discriminada por algum meio de comunicação e relembra um episódio do início do projeto do qual faz parte: “a comunicação social preferiu sempre fazer manchete do que correu menos bem, dos resultados menos positivos, chegando ao ponto de publicar uma foto da equipa adversária como sendo nossa, fruto inclusive do desconhecimento total da realidade do plantel”. Para ela para existir mudança é preciso “existir abertura para a diferença, para a mudança”, e ainda dar as mesmas oportunidades às das mulheres que dão aos homens.

²¹ Entrevista enviada por email no dia 5 de julho de 2023

Análise à atleta Bebiana Sabino²²

Bebiana Sabino já tem uma longa carreira de atleta, e referiu que existe um tratamento discriminatório e uma atenção mediática diferente relativamente ao desporto masculino. Segundo ela, existe pouco destaque dado às conquistas e aos eventos de desporto feminino e considera que a falta de visibilidade dada pela imprensa vem do facto das pessoas associarem “o desporto única e exclusivamente a algo dos homens e não das mulheres”.

Relativamente ao tratamento das atletas femininas, Bebiana afirma que é complementemente diferente e que isso é um reflexo da sociedade porque a mulher na sociedade foi sempre vista como “um ser em segundo plano”.

Questionada sobre as maiores dificuldades que uma atleta enfrenta, Bebiana respondeu que é “a construção social”, porque uma mulher ser atleta é sempre vista como um “hobby” e não como a sua profissão. Considera que é preciso “mudar as mentalidades e que os clubes criem condições para que as atletas possam efetivamente ser profissionais dentro do seu desporto a nível nacional.”

Sobre a desigualdade, a atleta referiu que existe uma forma principal de discriminação: dar ênfase apenas aos três grandes clubes e ao desporto masculino. Ainda refere que quando existe a conquista por parte de atletas femininas, a menção é quase nula ou feita a posteriori.

Para ela, se haverá mudança quando a comunicação social “tratar de igual modo o desporto masculino e o feminino” porque irá contribuir para a mudança de mentalidade e alteração dos estereótipos.

Análise à atleta Marta Massada²³

Marta Massada antiga jogador de Voleibol referiu que existe uma disparidade entre o espaço e a visibilidade dada ao desporto masculino e ao desporto feminino e considera que “tem várias consequências menos boas, por exemplo, a falta de cobertura pode

²² Entrevista enviada por e-mail a 8 de julho de 2023

²³ Entrevista enviada por email a 2 de agosto de 2023

contribuir para a perpetuação de estereótipos de género, limitando o reconhecimento e a valorização das atletas”.

Explicou que esta diferença de visibilidade também vem das próprias mentalidades pois existe muito aquele “é um desporto de menino”, para ela esta falta de “exposição mediática” faz com que as meninas tenham menos modelos a seguir e sem referência a figuras que nos inspirem, muitas meninas podem não ver o desporto como uma opção viável para as suas vidas.

À pergunta sobre o retrato feito das atletas na comunicação social, Marta considera que há uma diferença de tratamento e exemplifica com o seu próprio caso, “no voleibol, existe frequentemente um foco na aparência em detrimento da habilidade atlética” e acrescenta que algumas vezes o comentário também é diferente e que “tende-se a fazer comparações quando, na maioria das vezes, as coisas não são comparáveis”.

Relativamente às dificuldades que as atletas enfrentam, Marta considerou que a grande barreira é a da cultura e a falta de investimento financeiro. Para além desses, acrescenta ainda que a remuneração, o conflito maternidade/carreira ou a pressão social são também outros fatores que dificultam o progresso das mesmas.

Marta Massada considera nunca se ter sentido discriminada diretamente, mas considera que o facto de ser “menos noticiada” acaba por ser um ato discriminatório. Lembra que para que haja mudanças no desporto é “fundamental investir em iniciativas que o destaquem, ampliando a sua visibilidade através de transmissões, reportagens, programas e redes sociais”, para além disso afirma que promover o desporto feminino é “enriquecimento cultural e desportivo para toda a sociedade”.

5.5 Discussão dos resultados

Após análise dos três jornais desportivos chegamos a várias conclusões. No espaço de dois meses foram selecionadas oito edições de cada um o que dá no total 24 edições. Dessas 24, chegamos ao resultado que foram publicados 61 conteúdos relacionados com o desporto feminino. No jornal *O Jogo*, e no *Record* a modalidade preponderante foi o atletismo, e no jornal *A Bola*, foi o futebol.

	O JOGO	RECORD	A BOLA	Total
Dias	8	8	8	24
Analisados				
Conteúdos	17	21	23	61
Fotos	8	8	13	29
Modalidade preponderante	Atletismo	Atletismo/Futebol	Futebol	n.a.

Tabela 5. Resultados análise de conteúdo

Após análise dos três jornais desportivos chegamos a várias conclusões. No espaço de dois meses foram selecionadas oito edições de cada um o que dá no total 24 edições. Dessas 24, chegamos ao resultado que foram publicados 61 conteúdos relacionados com o desporto feminino. Nesse caso, afirmamos que existe pouco conteúdo feminino publicado nos três jornais desportivos, tendo em conta a verificação dos seguintes pontos.

No que respeita ao espaço ocupado pelas notícias, concluímos de que é bastante inferior quando comparado com o desporto masculino, que domina as edições todas, seja em que modalidade for, com um destaque para o futebol. Ainda no mesmo ponto, o tamanho das notícias, ou seja, o número de parágrafos escritos ou de palavras utilizadas, é também inferior ao do desporto no desporto masculino. As exceções que pudemos ver foram as duplas páginas ou as entrevistas que quando aparecem ocupam por vezes uma ou duas páginas inteiras.

No que respeita ao género noticioso publicado, concluímos que a maior parte são breves, ou pequenas notícias, que ocupam pouco espaço numa edição. Algumas exceções são o conteúdo de maior impacto como as entrevistas às atletas ou ainda notícia que o jornal considerou mais relevante e sobre o qual trará mais informação

Relativamente à presença de fotografias, após esta análise podemos dizer que são várias as notícias acompanhadas por fotografias. No total dos 61 conteúdos, 29 fizeram-se acompanhar de uma fotografia, o que representa 47,5%. Quando se trata de grandes notícias ou de entrevistas, há sempre uma imagem em complemento ao texto. Quando são breves, o espaço é mais reduzido, mas em certos casos existem ainda algumas fotografias também.

Quanto à colocação do conteúdo, concluímos que as notícias de desporto feminino são colocadas nos dois lados do jornal, no entanto, embora seja pequena, há uma tendência a serem colocadas mais do lado esquerdo, o que pode explicar a pouca visibilidade que têm.

Quanto à chamada de capa: dos 61 conteúdos estudados, apenas dois (sobre o mesmo acontecimento) foram colocados na capa. Tanto o *Record* como *O Jogo* estimaram que esse feito, histórico para Portugal, deveria estar na primeira página do jornal, já *A Bola*, não o colocou. Com isso, podemos dizer que o desporto feminino não é tratado da mesma forma como o desporto masculino, pois são poucos os títulos postos na capa. Este ponto faz-nos refletir sobre outra questão também levantada ao longo deste estudo. Se os jornais não colocam certos tópicos na capa é porque não acham que este seja relevante o suficiente para ser manchete. Isso faz com que o próprio leitor, ao ver que o desporto feminino é colocado em mais pequeno ou nas últimas páginas, considere que não seja tão importante e acaba por não lhe dar a mesma relevância. Se os jornais começarem a pôr algum destaque às atletas, provavelmente isso irá despertar algum interesse também por parte dos leitores.

Por último, relativamente às modalidades representadas, o jornal *Record* é aquele que propõe mais notícias diversificadas: oferece no total 12 modalidades, algumas menos conhecidas e noticiadas como o ciclismo de pista ou o ténis de mesa com o atletismo e o futebol a serem as modalidades mais presentes com cinco notícias no total. *O Jogo* apresenta notícias sobre oito modalidades, tendo o atletismo é o desporto preponderante nos conteúdos. Por último, *A Bola* tem notícias sobre seis modalidades, e, neste caso, não é o atletismo a modalidade mais forte, ficando em segundo lugar atrás do futebol. No caso d'*A Bola*, o futebol é o desporto mais noticiado, seja na categoria masculina ou feminina.

Relativamente aos resultados obtidos através do inquérito, chegamos à conclusão que o desporto é um tema que desperta bastante interesse na população, mas apenas quando se trata de desporto masculino. Especialmente conteúdo acerca de futebol e de modalidades coletivas. Existem ainda poucas pessoas que prestam atenção às notícias femininas. Esse desinteresse deve-se, segundo os dados recolhidos, à falta de conteúdo, à pouca visibilidade dada e aos gostos pessoais.

Quanto às entrevistas, e na impossibilidade de conseguirmos confrontar as diferentes respostas dos vários jornalistas dos três jornais estudados, iremos confrontar apenas as respostas obtidas nas entrevistas aos jornalistas do jornal O Jogo, dois homens e uma mulher.

Os três jornalistas concordaram que:

-Não existe igualdade entre o desporto feminino e o desporto masculino, apesar de considerarem que a forma de escrita é a mesma para ambos.

- Os três concordaram que as notícias de desporto masculino são mais rentáveis que as de desporto feminino.

-Consideram que a desigualdade vem da própria cultura, porque as notícias de desporto masculino têm desde sempre mais visibilidade. Se houver mais aposta por parte dos jornais então os leitores terão também mais interesse.

Os três jornalistas discordaram que:

-Manuel Casaca e Ana Luísa Magalhães concordaram que com algumas estratégias haverá mudanças acerca desta desigualdade, que já se começam a fazer sentir com o crescimento que o desporto feminino, e nomeadamente o futebol feminino tem vindo a ter. Já para Rui Guimarães, esta mudança vai demorar a acontecer porque é preciso primeiro mudar as mentalidades.

-Manuel Casaca e Ana Luísa Magalhães admitiram que existe ainda muitos comentários pejorativos sobre as atletas ou até sobre jornalistas femininas. Já Rui Guimarães admite não notar tanto essa diferença.

Por fim, e relativamente às entrevistas feitas às atletas, podemos dizer que independentemente de evoluírem em modalidades e escalões diferentes, as mesmas partilham opiniões similares.

As atletas concordaram com o facto de haver uma diferença de tratamento entre o desporto feminino e o masculino, mas concordam também que existe uma tendência para melhorar esta diferença.

Esta diferença de tratamento passa também pela pouca visibilidade que o desporto feminino tem na comunicação social. Segundo elas, quando os meios de comunicação derem o mesmo espaço e a mesma atenção ao desporto feminino, existirá uma diferença de tratamento mais pequena ou quase inexistente porque será algo habitual.

Todos estes pontos referidos, fazem com que haja discriminação no meio desportivo e que as atletas enfrentam várias dificuldades para se afirmarem com tal.

Por último, as atletas também afirmaram e consideraram que é necessário e urgente haver uma mudança, seja na forma como a comunicação social trata o desporto feminino como também na própria mentalidade da população para que a igualdade no desporto seja atingida.

Capítulo VI. Conclusões, Limitações à Investigação e Investigação Futura

6.1 Conclusões

Nesta dissertação pretendia-se abordar a relação entre o desporto feminino e a imprensa desportiva. Para isso foi importante debruçar-nos sobre tópicos que são subjacentes ao tema principal. Analisar as diferenças de género que existem no nosso país, como também a evolução do desporto e a presença do desporto feminino foram elementos fundamentais para explicar o fenómeno principal.

O problema definido despertou uma série de perguntas sobre as quais estivemos a investigar e tentamos verificar se as hipóteses colocadas no princípio desta investigação foram confirmadas.

Relativamente à primeira questão de investigação, verificamos que as notícias de desporto feminino não chamam tanto a atenção e não são tão lidas. Isto vem do facto de que as notícias da mesma modalidade têm muito menos visibilidade se forem notícias femininas. Isto é, não lhes é dada a mesma importância e a mesma atenção. As notícias de desporto feminino são menos publicitadas e não são colocadas com a mesma ênfase que as de desporto masculino. E isso vem dos próprios jornais que não permite ao feminino ter a mesma visibilidade porque lhe dedica pouco espaço e pouco tempo. Como podemos concluir na análise de conteúdo, existe, numa edição diária dos jornais desportivos pouco conteúdo sobre desporto feminino.

Em relação à segunda questão relacionada com a forma como as atletas são retratadas na imprensa desportiva, podemos dizer que, o tratamento entre os dois géneros não é o mesmo, pois o desporto feminino tem um espaço reservado muito inferior ao desporto masculino e numa edição diária existem mais conteúdo sobre o desporto masculino do que sobre o desporto feminino. Porém ao longo da nossa análise de conteúdo, pudemos ver que não existe qualquer inferiorização na forma como são escritas, não havendo qualquer comentário sexista seja no texto ou nas legendas que são colocadas nas fotografias. Nesse aspeto, o desporto feminino está no mesmo pé de igualdade que o desporto masculino.

Por último, e respondendo à terceira pergunta, concluímos que as notícias de desporto feminino não têm o mesmo interesse para o público do que as de desporto masculino. Os leitores continuam a estar mais interessados por notícias de desporto masculino que por feminino, o que acontece também por haver pouco conteúdo disponível e não lhe

ser dada a mesma visibilidade. Mas esta tendência faz parte da mentalidade que sempre viu os homens como atletas e as mulheres como donas de casa. As tendências têm vindo a mudar, e com alguns dos feitos que as atletas portuguesas têm vindo a fazer, os leitores estão a ter mais interesse em ler o conteúdo sobre desporto feminino. Como dito anteriormente, o inquérito realizado é exploratório, portanto os resultados obtidos levam-nos a pensar que os leitores não leem notícias de desporto feminino, porque este não lhe desperta o mesmo interesse que o desporto masculino. No entanto, alguns estimam que se houvesse mais destaque, eles teriam mais interesse em ler. Porém, para que pudéssemos afirmar com mais certezas, o inquérito deveria ser mais representativo da população.

Em suma, este estudo mostrou-nos que existem alguns avanços no caminho da igualdade de género na imprensa desportiva, pois alguns jornais tentam colocar mais algum conteúdo sobre o desporto feminino. Contudo, estes avanços continuam em minoria e existem ainda alguns casos onde as mulheres continuam a ser consideradas como inferiores aos homens.

As maneiras de pensar estão a mudar aos poucos, e é principalmente através dos meios utilizados por todos, e nomeadamente pelos mais jovens, que deve haver esse cuidado para que não haja diferenças entre mulher e homem. Os jovens, que são o futuro da sociedade, cabe-lhes a eles tentarem lutar por um mundo mais igualitário seja no desporto ou em qualquer outra área, porque mesmo sendo de sexo diferentes, são antes de mais, humanos que lutam pelos seus sonhos.

Posto isto, podemos concluir que as três hipóteses colocadas no início deste estudo estavam corretas. Nesse sentido podemos afirmar que:

- *As notícias relacionadas com o desporto masculino têm mais visibilidade que as notícias de desporto feminino, independentemente da modalidade* – Foi validada.

- *Existe uma discriminação no tratamento entre os géneros no jornalismo desportivo.* Verificada.

- *Os leitores têm mais interesse em ler notícias relacionadas com o desporto masculino do que com o feminino.* Validada

Tal como Crossman. (1994), pensamos que este tipo de situação tenderá a manter-se. Isto é, o desporto feminino continuará a ser alvo de uma menor atenção por parte dos

média, pelo menos enquanto o desporto for visto como uma atividade essencialmente masculina.

“Somente quando os interesses do público começarem a mostrar alguns sinais de mudança, quando surgirem alterações na perceção sobre o que é o desporto ou o que este deverá ser, e, apenas quando algumas alterações se introduzirem no processo de elaboração das notícias, talvez a imprensa comece a dedicar mais atenção ao desporto feminino” (Pinheiro, 1996, p.7).

Ainda assim, para além do próprio interesse do público, para haver mudanças nesta desigualdade, o próprio meio de comunicação terá de assumir a sua responsabilidade e deverá também alterar a forma como trata o desporto feminino. Ao saber que o desporto é um tema que desperta tanto interesse, se começar a apostar também no desporto feminino, isso dará mais visibilidade e a desigualdade será inferior.

6.2 Limitações à Investigação

A primeira limitação, como referida neste capítulo, é ter conseguido poucas entrevistas e não ter obtido resposta por parte dos jornalistas d’*A Bola* e do *Record*. Teria sido mais construtivo e abrangente ter a perspetiva de jornalistas dos outros jornais estudados, além do jornal *O Jogo*.

A segunda limitação foi a de conseguir pouca informação e pouca documentação mais recente sobre este tema. Embora o tema da igualdade no desporto ser algo já discutido há algum tempo são poucos os estudos e a bibliografia atual sobre o mesmo. Daí, não conseguirmos termos uma visão ainda mais aprofundada sobre ele.

6.3 Investigação Futura

Numa investigação futura seria pertinente ter um conjunto mais alargado não só em termos de tempo, como também alargado a outros jornais de outros países de forma a ter meio de comparação com Portugal. Para além disso, poderíamos analisar outros jornais, nomeadamente, os generalistas.

Referencias bibliográficas

- A distant finish line for women: gender and the sports press in Portugal (1996–2016) | *Ex æquo* - Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres. (2019). *Ex æquo*. <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/gender-and-the-sports-press-in-portugal>
- Aguiar, A. R. (2015). *Evolução da imprensa desportiva portuguesa (1946-2006): estudo do caso - o jornal A Bola e a Volta a Portugal em bicicleta*.
<http://hdl.handle.net/10284/4658>
- Araújo, J. P. A. (2017, October). *Olhares sobre as mulheres no jornalismo desportivo: O caso do jornal Record* (Mestrado).
<http://hdl.handle.net/10400.21/8082>
- Bourdieu, P. (2007). *A dominância masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Canavilhas, João (2001). *Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na Web*. URL: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>
- CANAVILHAS, João [2005] *Os jornalistas online em Portugal*. Em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhasjoao-jornalistas-online.pdf>
- Canavilhas, J. (2006). *Do jornalismo online ao webjornalismo: formação para a mudança*. *Revista Comunicação E Sociedade*, 9, 113–119.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.9\(2006\).1159](https://doi.org/10.17231/comsoc.9(2006).1159)
- Canavilhas, J. (2014). *Webjornalismo: 7 caraterísticas que marcam a diferença*. <http://repositorio.asc.es.br/handle/123456789/1691>
- Casimiro, A. I. M. (2019). *O Género nas Redações: Análise do Jornalismo Desportivo a partir da Experiência do Jornal O Jogo*.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/85589/1/Relat%20Final.pdf>
- Carvalho, M. J., & Cruz, I. (2007). *Mulheres e desporto*. Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.

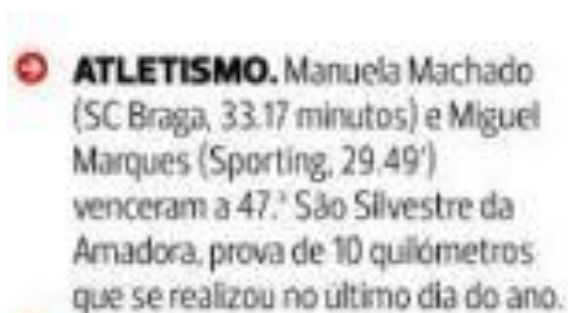
- Cig. (2018, September 21). «Liderança no Feminino» entrevista Teresa Fragoso. CIG. <https://www.cig.gov.pt/2018/09/lideranca-no-feminino-entrevista-teresa-fragoso/>
- Coelho, C. F. P. (2017, October). *A Representação da Mulher Desportista nos Media* (Mestrado). <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/15173>
- Comissão Europeia (2014), «Igualdade entre homens e mulheres no desporto: proposta de ações estratégicas 20142020» (em inglês), p. 19. http://ec.europa.eu/sport/events/2013/documents/20131203gender/final-proposal-1802_en.pdf.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, Igualdade de Género em Portugal: Indicadores-Chave 2021
- Constituição da República Portuguesa. (n.d.). <https://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>
- CROSSMAN, J. et al. (1994). A Content Analysis of the Sports Section of Canada's National Newspaper with Respect to Gender and Professional/Amateur Status, *International Review for the Sociology of Sport*, vol. 29, n.º 2, pp. 123-131.
- De Azambuja, M. P. R., Nogueira, C., & Saavedra, L. (2007). Feminismo(s) e psicologia em Portugal. *Psico*, 38(3), 3. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5161624.pdf>
- Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 dez. 2020.
- De Letras, F. (2022, November 8). O desporto feminino na imprensa portuguesa. A invisibilização da atividade desportiva praticada por mulheres na atualidade. <https://hdl.handle.net/10216/145309>
- De Matos Pereira Vieira, A. P. (2011). Mulheres (in)visíveis: que “género” de comentadores no horário nobre da televisão? <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/40999/1/Ana%20Paula%20de%20Matos%20Pereira%20Vieira.pdf>
- *Desporto na escola*. (2009). Associação Portuguesa Mulheres e Desporto.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar Em Revista*, 24, 213–225. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>

- Dumont, G. (2016). Le travail réputationnel: Une approche ethnographique du travail de production de la réputation chez les grimpeurs professionnels. *Réseaux*, 199, 155-182. <https://doi.org/10.3917/res.199.0155>
- Ferreira, F. (2004). Síntese da história do desporto. *Povos E Culturas*, (9), 151-172. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2004.8825>
- FRANCISCO PINHEIRO - Bolseiro da FCT. Doutorando em História pela Universidade de Évora. - Free Download PDF. (n.d.). <https://silo.tips/download/francisco-pinheiro-bolseiro-da-fct-doutorando-em-historia-pela-universidade-de-e>
- Fraser, M. T. D., & Gondim, S. M. G. (2004). Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, 14(28), 139–152. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2004000200004>
- Insidemídia. (2023, August 18). Estudo mundial analisou os canais de mídias sociais dos jogadores da Copa do Mundo. ADS Brasil. <https://adsbrasil.com.br/estudo-mundial-analisou-os-canais-de-midias-sociais-dos-jogadores-da-copa-do-mundo/>
- Jacinto, E.; Marques, L.; Almeida, C.; Carvalho, M. J. (2015), A Igualdade de Género no Desporto. Valorizar Socialmente o Desporto: um Desígnio Nacional - 5.Comité Olímpico de Portugal
- Jogos Olímpicos na Grécia Antiga | Arete | Centro de Estudos Helênicos. (n.d.). <https://arete.org.br/historia/jogos-olimpicos-na-grecia-antiga/>
- Louveau, C. (1986). Talons aiguilles et crampons alu. . . Les femmes dans les sports de tradition masculine. <https://insep.hal.science//hal-01980362>
- Louveau, C. (2007). Le corps sportif : un capital rentable pour tous ?. *Actuel Marx*, 41, 55-70. <https://doi.org/10.3917/amx.041.0055>
- Lurquin, Alyssa. La visibilité sur les réseaux sociaux, un laissez-passer pour rejoindre une équipe sportive professionnelle ? Le cas du cyclisme féminin. Faculté des sciences économiques, sociales, politiques et de communication, Université catholique de Louvain, 2020. Prom. : Catellani, Andrea.
- Goellner, S. (2006). MULHER e ESPORTE NO BRASIL: ENTRE INCENTIVOS e INTERDIÇÕES ELAS FAZEM HISTÓRIA. *Pensar a Prática*, 8(1). <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>

- Granado, A. (2022b, January 5). O Jornalismo desportivo enquanto uma enquanto uma forma híbrida de jornalismo: o caso do zerozero. <http://hdl.handle.net/10362/135576>
- Martins, C. N., & Cerqueira, C. P. B. (2018a). As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. *Estudos Em Comunicação*, 1(26), 1–17. <https://doi.org/10.20287/ec.n26.v1.a01>
- Meraki, E. (2021, March 3). *A História da Mulher no Esporte*. Meraki. <https://merakifisioterapia.com/a-historia-da-mulher-no-esporte/>
- Morão, K. G., Verzani, R. H., Bagni, G., & Machado, A. A. (2016). Redes sociais virtuais e o contexto esportivo: alterações emocionais em atletas. In *Simposio Nacional ABCiber* (Vol. 9, pp. 1166-1170).
- MSN. (n.d.). <https://www.msn.com/pt-pt/desporto/other/igualdade-dg%C3%A9nero-no-desporto-os-desafios-enfrentados-pelas-mulheres-atletas/AA1eqKVT>
- Noronha, M. P. (2010). *Futebol é coisa de mulher! Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico*. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2113>
- Notícias desportivas com mais audiência. (n.d.) <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~1111.aspx>
- Ohl, F. (2004). Les objets sportifs. *Anthropologie Et Sociétés*, 27(2), 167–184. <https://doi.org/10.7202/007452ar>
- OLIVEIRA, G.; CHEREM, E. H. L.; TUBINO, M. J. G. A inserção histórica da mulher no esporte. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília, v. 16, n. 2, p. 117-125, 2008.
- PINHEIRO, C. (2002). A mulher e a prática desportiva durante o Estado Novo, *Revista Motricidade*, Rio de Janeiro, nº2, pp. 30-57.
- Pinheiro, F. (2011). História da imprensa desportiva em Portugal.
- Pinheiro, M. C.. "Os media e o desporto: análise dos géneros masculino e feminino nos jornais desportivos". Trabalho apresentado em III Congresso Português de Sociologia, Lisboa, 1996

- Recuero, R. (2007). Comunidades em Redes Sociais na Internet: proposta de tipologia baseada no Fotolog.com Resumo (Tese). Informação & Informação, 12. <https://doaj.org/article/d1ebe5c5d878476486fd7eb4bfaabb7>
- Rodrigues, B. (1998). Comparação da imprensa desportiva portuguesa e estrangeira.
- ROMERO, Elaine et al. Fotos e legendas na mídia esportiva: o caso das atletas SALUSVITA, Bauru, v. 33, n. 3, p. 285-308, 2014.
- Rost, A (2014). 7 características que marcam a diferença. in: Interatividade: Definições, estudos e tendências
- São Pedro, A.R (2022, October 26). *Futebol feminino na televisão portuguesa : a (in)visibilidade das mulheres*. <http://hdl.handle.net/10400.14/39292>
- Saraiva, P. D. G. (2017, June). *Mulheres, Desporto, Media: Noticiabilidade e objetificação sexual do desporto feminino nos jornais desportivos em Portugal (1996–2016)* (Mestrado). <https://eg.uc.pt/handle/10316/81815>
- *Ser Mulher em Portugal e no Mundo*. (2022, March 7). Discurso Directo. <https://discursodireto.pt/2022/03/07/ser-mulher-em-portugal-e-no-mundo/>
- Silva, Manuela (2002). A igualdade de género : caminhos e atalhos para uma sociedade inclusiva. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L., Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa, Gradiva, 1992
- Wolter, S. (2015). A Critical Discourse Analysis of ESPNw: divergent dialogues and postfeminist conceptions of female fans and female athletes, *International Journal of Sport Communication*, nº8, pp.345-370.

ANEXOS



Anexo 1



Anexo 2



Anexo 3



Jogadoras leoninas na inauguração de nova infraestrutura de recuperação na Academia Cristiano Ronaldo

«Estamos num bom caminho»

Alicia Correia enaltece aposta leonina no futebol feminino
 ● Leões começaram ontem em Alcochete a preparar derbi

PIONEIRO nesta nova fase do futebol feminino em Portugal, o Sporting conquistou o título nacional em 2016/2017 e 2017/2018. SC Braga e Benfica [2] seguiram-se como campeões numa altura em que os leões apostaram em aliciar o projeto na formação — em 2016 o clube tinha apenas equipa A e B, em 2022/2023 tem oito equipas em cinco escalões duas equipas sub-11; duas sub-13; uma sub-15; uma sub-19; equipa B; equipa A. E também nas infraestruturas a aposta passou a ser maior. E as portas do derbi, inauguração de novo espaço de recuperação e hidromassagem que se irão celebrar em...
 «Com a inauguração deste espaço temos outra ferramenta para nos sentirmos bem e estarmos a 100 por cento nos jogos. E este espaço transmite muito daquilo que é o Sporting, pois temos o símbolo no teto, um

leão sobre a janela e a fita que diz que a atitude é inegociável, lema que todas nós conhecemos muito bem», começa por dizer Alicia Correia, enaltecendo o crescimento e importância que a modalidade tem no Sporting. «Estou no clube desde as camadas jovens e vejo uma enorme diferença desde aí, sinto que há um acompanhamento muito mais próximo, não só as atletas mas também ao staff técnico no que toca à performance física. Penso que este projeto é a prova de todo o trabalho que tem sido feito, estamos num bom caminho e agora é continuar», acrescentou a lateral-esquerda, de 19 anos, à Sporting TV, completando: «Actina de tudo nós jogadoras sentimos — mas muito mais apoiadas e com melhores ferramentas.»
 O plantel sportinguiستا, orientado por Mariana Calral, começa ontem a preparar o derbi de sábado, para a Taça de Portugal. Foi o primeiro treino da equipa feminina dos verdes e brancos depois da vitória (3-2) com o Vilaverdense na 11.ª jornada da Liga.

Anexo 4

«Difícil obstáculo para estar no Jamor»

Filipa Patão espera forte mobilização na Luz ● Equipa sem desaires e ambição elevada ● Objetivo bem definido

FOLHA limpa... vitoriosa. Da invencibilidade na Liga — II vitória em outros tantos jogos — ao trácido trajeto na Taça de Portugal (1-0 ao Moreirense e 2-0 ao Vilaverdense) seguiu-se agora o Sporting. O jogo de cartas dos quartos de final da Taça, um derbi no lado feminino que, tal como aconteceu há poucos dias no masculino, terá o estádio da Luz como palco. Sábado, 15 horas, muitos olhos vão estar centrados no futebol feminino. Assim espera Filipa Patão, técnica encarnada, que agradece a confiança.
 «A primeira ambição passa por ganhar o jogo. Pelo agradecimento à Direcção por apostar todas as vezes no futebol feminino, por nos dar todas as condições para conseguirmos trabalhar e formar estas atletas em profissões. Depois o agradecimento por colocarem o jogo na Luz. Faz sempre a diferença ter lá os nossos adeptos, ouvir o hino... sem despir ao Setúbal ou à Cova da Piedade. A for-

ma como vivemos o jogo na Luz é distinta», começa por dizer a treinadora, desejando ultrapassar a barreira dos 14.221 espectadores da temporada passada.
 «Isto pode ser o pontapé de saída para os restantes clubes, conseguirmos demonstrar que conseguimos encher um estádio. O que realmente um adepto em Portugal quer é isto: espetáculo e futebol. E se há adeptos que se mobilizam são os do Benfica. Que seja um transferir de mentalidades e um convidar a vir ao estádio», desaja.
 Olhando para o jogo, muitos avisos. «Como já vimos nos masculinos há surpresas e nos femininos já existe essa tendência. Isto será mais um difícil obstáculo para estar no Jamor. Até para mim individualmente é muito importante pois foi um troféu que conquistei enquanto jogadora e falta como treinadora. É isso que esta equipa ambiciona», reforça, subindo a faixas: «Para uma equipa que tem ganho sempre é impossível não haver motivação, mas temos responsabilidade de continuar investindo e a passar uma boa imagem.»



Filipa Patão, 33 anos, que venceu pela primeira vez a Taça de Portugal na condição de treinadora

Anexo 5



Campeã mundial aterrada sem pranchas

Portuguesa Kika Veselko regressou a Lisboa após a conquista do título júnior da Liga Mundial de Surf nos Estados Unidos • Chegou sem o saco com o material para surfar mas em festa

por MIGUEL MORGADO

A chegada da portuguesa campeã mundial júnior Francisca Kika Veselko estava prevista às 14.35 horas, aterramos 25.38 horas, num voo proveniente de Londres, Inglaterra, onde fez escala vinda de San Diego, Califórnia, Estados Unidos, mas só saiu pela porta das chegadas do Aeroporto Humberto Delgado, em Lisboa, às 16.22.

Obrigações alfandegárias e uma reclamação pelo devolvimento do saco com as pranchas com que viajou atrasou a saída de Francisca Veselko das zonas de desembarque. Acabou por aparecer com a taça de campeã do mundo júnior da Liga Mundial de Surf (WSL) na mão — conquistada a na passada sexta-feira, em San Die-

go, Califórnia (EUA) —, paradiepticamente chegada, animada pela secção familiar, com a mãe, Filipa Leandro, ex-surfista, o tio, o treinador, Rodrigo Sousa, e as surfistas Teresa Borralho e Malinda Lopes, entre outros amigos. Dois cartazes, nos quais se podia ler Bem-vinda Kika, campeã do mundo e fis o maior, Kika Leandro Veselko, assistiram-na à saída do aeroporto.

«É a maior vitória da minha carreira. Foi a primeira pessoa a conseguir este título para Portugal [so estrangeiro]», disse Kika Veselko, 19 anos, entrada na competição como convidada, a primeira entre portuguesas a conquistar o título, mas sucedendo a Vasco Ribeiro, em 2004, na Ericeira.

«Quando soube que recebera o convite, disse ao meu treinador que tinha-me de ir. Ele disse logo que

sim e que me queria ver campeã mundial. Regressámos com a vitória. Estou supercontente. Já acreditava nesta possibilidade e ter o meu treinador a acreditar tanto na minha capacidade que eu des- me ainda mais forte», acrescentou a campeã nacional da Liga Men 2023.

Além da presença de Rodrigo Sousa, que também treina Malinda Lopes, Kika destacou outro apoio especial, do pai, Joe, norte-americano. «Garantiu férias ao meu pai e ao meu irmão mais, que moram nos Estados Unidos da América... Não costumo ver muito o meu pai e foi ainda mais especial. Não tenho palavras. Durante a competição, o meu pai dizia-me que tinha de ganhar», contou a surfista nascida em Irvine, EUA, mas criada em Portugal, antes de agradecer as presenças de Teresa Borralho e Malinda Lopes, parci-

cularmente o circuito Challenger Series (CS), prova de acesso ao Circuito Mundial da WSL.

«Soumos uma família. Quando a Teresa ganhou o primeiro CS na Austrália, estava lá com a Malinda e fiquei emocionada na praia. Senti a vitória da Teresa como se fosse minha e de Portugal», acrescentou a campeã mundial júnior, com a bandeira nacional a cobri-la as costas e cujo título assegurou-lhe a presença automática no CS deste ano. «Agora o meu sonho é focar-me no WCT e para os Jogos Olímpicos [Paris 2024]. O sonho está vivo e vou fazer o melhor nos campeonatos ISA e qualificar-me para o WCT e para os Jogos Olímpicos [Paris 2024]. O sonho está vivo e vou fazer o melhor nos campeonatos ISA e qualificar-me», afirmou, em fim de conversa a jovem de Carcavelos, instantes antes de ser elevada em ombros, numa imitação da clássica saída da água.

Anexo 6

Fernanda com porta olímpica

Campeã nos 10 mil em Atlanta-1996 (e bronze em Sydney-2000) homenageada pelo COP • «É a atleta que tem o melhor palmarés desportivo», afirmou José Manuel Constantino

por PAULO JORGE SANTOS

FERNANDA RIBEIRO, 53 anos, campeã olímpica nos 10 mil metros nos Jogos de Atlanta (Estados Unidos) em 1996 (e bronze quatro anos depois, ou seja, em 2000, na mesma distância em Sydney, Austrália), foi homenageada pelo Comité Olímpico de Portugal (COP).

Na academia de atletismo com o seu nome na Maia (jogo junta cerca de 150 atletas), Fernanda Ribeiro recebeu uma porta (ver imagem), obra artística do português João Guerra. Depois de Carlos Lopes, primeiro campeão olímpico português (na maratona de Los Angeles, em 1984) e Nelson Évora, ozo no tripló-nalto em Pequim-2008, também Fernanda Ribeiro já tem a sua porta olímpica.

«Agradeço a homenagem e o reconhecimento por tudo o que fiz em prol do atletismo. O que garanto ninguém me tira», afirmou a atleta, dedicando-se «de corpo e alma» ao projeto da academia.

Já o presidente do COP, José Manuel Constantino, destacou a personalidade «recatada» e «modesta» de Fernanda, o que pode levar a que muitos portugueses não conheçam o currículo da atleta nascida em Penafiel a 23 de junho de

1969: «É a atleta que tem o melhor palmarés desportivo, a mulher que conquistou mais medalhas no plano internacional para o País.»

Em representação da Comissão de Atletas Olímpicos, Catarina Costa agradeceu tudo o que Fer-

nanda Ribeiro «faz e ainda faz» pelo desporto nacional: «Os seus feitos são uma fonte de inspiração e referência para todos os atletas.»

Jorge Vieira, presidente da Federação Portuguesa de Atletismo, realizou «o trajeto» de Fernanda.



Fernanda Ribeiro, 53 anos, recebe com orgulho a bandeira portuguesa e a obra de arte que recebeu do Comité Olímpico de Portugal

Anexo 7

Andreia, Kika e Jéssica a brilhar

O Benfica pouco abanou e menos ainda tremeu com os rasgos mais com o toração do que com a cabeça que, em especial na primeira meia hora de jogo, o Sporting (não) protagonizou no Setúbal, pouco tendo incomodado as águias no primeiro terço do tempo de jogo. E só por uma vez a guardiã **Rute Costa** foi ludibriada (por Chandra Davidson). Na defesa, **Ana Seica** cumpriu e não se colheu de, amiúde, nas bolas paradas (cantos e livres) ir lá à frente tentar a sua sorte. A seu lado, no eixo, também **Carole Costa** foi um pilar quase intransponível para as leões, embora as transições rápidas das verde e brancas as tenha obrigado a um esforço suplementar. Também na intermediação e vertice mais recuado do losango desenhado por Filipa Patão, a capitã **Pauleta** teve pinceladas de serenidade quando o jogo ameaçava desambar para correrias mais desenfreadas à toa. E aquele passe para Jéssica marcar... Fantástico! E foi sempre muito bem apoiada, na asa esquerda e um pouco mais à frente, a deambular outros terrenos na zona central, por **Andreia Norton**: das que recuperou mais bolas numa missão de sacrifício mas que

passou com distinção e louvor. Mesmos encômios a aplicar a **Kika Nazareth**, que apesar dos dois toques sofridos durante o encontro (a começar lesão e ser muito mais cedo substituída) foi como um piano de veludo a colocar a bola mais redonda e municiar **Clôé Lacasse**, na frente. Uma atitude coletiva que sobressaiu, também noutra das internacionais lusas da água, **Jéssica Silva**: parecia ir de moto a bater Brunã Lourenço no sprint para o 3-1. A. B.

A FIGURA

CLÔÉ LACASSE
(Benfica)

A extrema internacional do Canadá, A de 29 anos, mostrou porque já passou as duas dezenas de golos apontados na presente época: tem aquele condão de executar ainda antes de pensar, respirando futebol da cabeça aos pés. Trocou as voltas à capitã leonina Ana Borges vezes sem conta e dinamitou por completo a estratégia das leões com

É Davidson, sim... só não é Harley

Quem dá o que pode e tem, a mais não é obrigado. Mas as leões, depois do 0-5 na Luz quatro dias antes, ainda 3 não se tinham esgotado e já podiam agradecer à guarda-redes norte-americana **Hannah Seibert** não estarem já a perder por 0-2, que poderiam ser mais não fosse um golo anulado a Ana Seica (Benfica) por fora de jogo. E em especial a capitã de equipa, **Ana Borges**, na direita da defesa, nunca teve argumentos, pese embora toda a

generosidade, para contrapor a uma Clôé Lacasse endiabrada que por ali lhe infernizou a vida durante 90' que mais lhe devem ter parecido... por outra vida. Na defesa, em constantes apuros ante a desmultiplicação ofensivas das jogadoras encarnada, **Carolina Becker** foi quem ainda mais tentou remar contra a maré. Porque na carinhota do setor recuado, se **Fátima Dutra** já não estava a ter tempo para respirar diante de Jéssica Silva, pior ficou na fotografia ao barrar a pintura com dois amarelos (primeiro por protestar, segundo por carga dura) no espaço de dois minutos; deixou as leões em inferioridade numérica aos 73'. Todas as esperanças do Sporting em discutir o jogo foram ali hipotecadas em definitivo. Na intermediação, apenas **Joana Martins** resistiu ao andamento imposto pelas rivais, com **Andreia Bravo** e **Claudia Neto** uma mudança abaixo do exigível neste derbi. Na frente, durante 70', **Ana Capeta** foi das mais inconfundíveis leões (até, com cabeça quente, a uma picardia que a fez ser substituída), mas outra canadiana brilhou: **Chandra Davidson**. Foi, como as motos norte-americanas icónicas: sedução. Não tem nome próprio Harley, mas vale! - A. B.



um bis ainda na primeira parte. E ainda fez a assistência para Kika Nazareth assinar o quarto golo do Benfica. Sigam-na: baliza, é mesmo com ela!

Anexo 8

Anexo 9



Jéssica Silva, seleccionista, recuava passe acertado de Pauleta, deixou Brunã Lourenço para trás e, com nome na rede, bateu Hannah Seibert para o 3-1

BENFICA		SPORTING	
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Ana Seica	Carole Costa	Ana Seica	Carole Costa
Pauleta	Carole Costa	Pauleta	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa
Cláudia Neto	Carole Costa	Cláudia Neto	Carole Costa
Andreia Bravo	Carole Costa	Andreia Bravo	Carole Costa
Kika Nazareth	Carole Costa	Kika Nazareth	Carole Costa
Jéssica Silva	Carole Costa	Jéssica Silva	Carole Costa

Catarina Costa já se, em Góimbra, com a medalha de ouro conquistada há um ano atrás da etapa portuguesa no Circuito Mundial

MIGUEL GONÇALVES

«**E**SPERO que esta primeira prova do ano, acima de tudo, seja uma rampa de aquecimento para uma época ainda melhor do que a última», responde Catarina Costa (-52 kg) quando interrogada sobre a estreia no Grand Prix de Portugal que, em 10 de setembro, decorrerá no Pavilhão de Alameda e no qual, na estreia da etapa portuguesa no Circuito Mundial em 2022, a judoca da Académica de Coimbra venceu, tal como Hugo Francisco (-100 kg), o espanhol Soara Diego (-52 kg) e Talma Monteiro (-57 kg) também à brasileira.

Acabou por se tornar numa boa sorte para Catarina, 26 anos, que no decorrer da temporada veio a lutar «as vés» com o campeão em Sifia e ganhou a medalha de bronze no Masters de Jerusalém, tornando-se no único judoca nacional, além de Talma, a conseguir subir ao pódio na mais recente competição do Circuito.

«No ano passado concentrei dois dos meus três principais objetivos, mas, para mim, não foi suficiente. Um atleta de topo quer sempre mais. E esse mais que ambiciono. No Grand Prix de Portugal terei uma boa oportunidade para começar a época com uma prova importante para o calendário olímpico. Ainda mais o facto de esse jogo muito a meu favor. Estou sempre a caminho do pódio e o maior motivador a competir em Portugal, por isso espero que tudo isso me dê força para ir ao topo na competição pois as perspetivas que tenho é terminar no pódio», diz quem luta já amaldiçoado.

«Eu que ligo não sei. Claro que seria muito bom voltar a ganhar, mas tenho de ver que, em perspetiva com 2022, agora sou a primeira vez que faço uma prova do Circuito em Portugal e ainda esta fora do apuramento olímpico para Paris-2024. Desta vez não, por isso, naturalmente, haverá muitas mais coisas e a competição está aí mais forte. Além, visto que o diploma de licenciado faz a edição anterior», explica a 7.ª do ranking mundial e que em Alameda surge como cabeça de série.

E o que falta acrescentar ao ano passado? «O Mundial! Foi o resultado que fizeste mais aquilo [puedo no primeiro combate]. Tinha vontade de lutar e acabou com uma possível vitória conseguida. No entanto, acho que esse é um dos pontos que me motiva a trabalhar mais e ganhar a partida conseguida o benefício de sempre no Masters de Jerusalém. Este ano o Mundial será mais difícil, em maio, por isso terei outra oportunidade. Começo a época no



«As perspetivas são chegar ao pódio»

Catarina Costa (-48 kg) recorda vitória em 2022 e deseja repeti-la
 ● Mãe disse-lhe que vai assistir por isso tem de ganhar uma medalha

Grand Prix de Portugal, estará no pico de forma no Grand Slam de Lisboa [6-19 de Fev] e no Grand Slam de Tachkent [1-5 Mar]. A partir daí todo o treino estará focado para o campeonato do mundo», revela a estudante do 4.º ano de medicina que, depois de uma semana, não está no Grand Slam de Paris.

«Pensando as duas provas, Portugal e Paris, é difícil escolher uma, pois também tenho grande carinho pela francesa, pela espectacularidade da competição. Mas tenho de notar que no momento a lutar a 27 de dezembro decide-se a ser ido

an Masters e depois terei um período de férias. Significa que três meses de ano mais para preparar este Grand Prix e por isso ainda não sei se as melhores condições físicas», não responde Catarina. «Mas tinha de aproveitar para competir em Portugal. Será igualmente uma prova de teste, construída, a ambição é sempre chegar o mais longe possível», completa. Já em ano Catarina competiu e ganhou em Alameda como opo da família e amigos na bancada. Algo que nunca tem quando está no Circuito Mundial. Como se não bastasse,

Amor. «Sim, vão voltar a lá estar. Até está organizada uma pequena comissão do clube. Não apenas para ver-me a competir, mas também as outras atletas da Académica que participo pela primeira vez, como é o caso de Miguel Gago (-66 kg), ainda a lutar, e também há a Inês de Moura (-78 kg). Por isso, está muito entusiasmado por ir assistir», vai contando. «A minha mãe julga-se que lá vai esperar ver-me a ganhar uma medalha. Que se vai assistir à para que isso aconteça», diz entre gargalhadas. «Portanto, sem grande novidade...».

Entre o bloco operatório, urgências e enfermarias

Na temporada passada, Catarina Costa competiu no Grand Prix de Alameda tre dias consecutivos na unidade, pelo não que pôde para não perder a oportunidade de se estabelecer na competição. Chegou mesmo a fazer a sua primeira, que começava precisamente à noite e terminava quando iniciava o bloco de manhã, onde veio a ganhar a competição. E por saber muito sobre a sua área de trabalho, também é útil.

«Sim, há uma certa coisa...», recorda a 17.ª classificada nos Jogos de Tokyo.

Desta vez também terá de lidar entre exames. «Frequentemente são exames consecutivos. Tenho de ir ao laboratório hospital. Há um mais entre exames de urgências, urgências, blocos operatórios. Um pouco de tudo. É uma realidade diferente, mas também a gente de escape da alta competição e permite que quando estou no bloco me desloque a 800 por cento. Tem sido bem ter também a parte medicada em casa», garante.

É está a gostar mais de quê? «As crianças porque são os meus queridos. Não me dá

vai ainda a muito tempo. Já se vão pôr a trabalhar, apesar de ter um bocado de falta, acaba por se aprender muito. Apesar de o trabalho dos doentes e de quem lá vai ignorar de tudo. Aprende-se muito mais. De alguma forma, acho de estar naquele ambiente poder é realmente mais construtivo com os médicos, assim como com os enfermeiros. No meu bloco há, as enfermarias são bem mais tranquilas. Essa coisa de voltar, voltar, não sei...».

Anexo 12

ATLETISMO

Salomé Afonso em alta

Ainda em busca do apuramento para os Europeus de Istambul, Turquia, Salomé Afonso obteve a melhor marca pessoal da época no meeting de Ostrava com 4.13,98 m. Atualmente, a sportinguista ocupa a 35.ª posição na lista de acesso aos campeonatos, precisando de atingir a 27.ª.

Anexo 15

SURF

Estreia de sonho de Teresa Bonvalot

→ *Surfista portuguesa passou à ronda 16 em Pipeline, na estreia no Circuito Mundial*

Na estreia absoluta no circuito principal da Liga Mundial de Surf (WSL), Teresa Bonvalot, primeira surfista portuguesa entre a elite, passou à ronda 16 do Pro Pipeline, Havaí, primeira prova da época do Championship Tour 2023 (CT).

À hora de fecho desta edição, a surfista portuguesa disputava um lugar de acesso entre as oito melhores com a brasileira Tatiana Weston-Webb, uma repetente após o confronto na ronda inaugural. Na primeira ida para a água Teresinha foi eliminada diante de Weston-Webb e Caroline Marks. Relegada para a repescagem, somou



Teresa Bonvalot, portuguesa de 23 anos

6,34 pontos, à frente de Isabella Nichols (4,73), que também seguiu em frente. Courtney Conlogue (EUA), campeã mundial (em 2015 e 2016), foi eliminada. M.M.

Anexo 16

Anexo 17



«Cumpro sonho antigo»

→ Ana Sequeira não esquecerá estrela na Seleção com goleada à Nova Zelândia

Ana Rita Silva Sequeira, 21 anos, defesa-central do Benfica, estreou-se com a camisola da Seleção Nacional anteontem, no jogo de preparação para o play-off intercontinental de qualificação para o Mundial-2023, que terminou com goleada (5-0) diante da artilharia Nova Zelândia. Um dia que a jovem jogadora não esquecerá. «Estou muito contente por me ter estreado. Era um sonho antigo que tinha desde o primeiro dia em que fui chamada às seleções jovens. Estou feliz por ter realizado esse sonho e por termos terminado o jogo com uma vitória e boas sensações, antes de um play-off tão importante como o que se avizinha», disse Ana Sequeira, contando quais as indicações dadas pelo selecionador Francisco Nieto antes do jogo: «Disse-me para ir tranquila e confiante. As minhas colegas também me deram confiança. Tinha tudo para correr bem. E correu!» J.P.

Anexo 18

Anexo 19

Marta e Rosalina festejam

Portuguesas apuradas em Pombal para os Europeus de pista coberta • Benfiquista venceu os 1500 metros enquanto a sportinguista terminou os 60 m em segundo lugar mas com mínimos

Anexo 20

GABRIELA MELO

A Seleção Nacional nos Europeus de pista coberta, que se realizam no início de março, contam com mais duas atletas, sportinguista Rosalina Santos e benfiquista Marta Pen, 60 e 1500 metros, respetivamente, após garantirem a qualificação na primeira jornada dos Campeonatos de Portugal de pista coberta, em Pombal, onde João Vieira, do Sporting, conquistou o 21.º título individual.

Nos 60 metros, Rosalina Santos cortou a meta na segunda posição, com 7,24 segundos, melhor registo pessoal a garantir a qualificação para os Europeus de Istambul, de 2 a 5 de março, numa Turquia por certo ainda abalada pela tragédia provocada pelo sismo.

A aniversariante do dia, a festejar 25 anos, terá contado com o impulso da benfiquista Arielis Martínez, sagrada campeã de Portugal pela primeira vez com a marca de 7,22, recorde dos Campeonatos e confirmação dos Europeus.

Na Exocentro, Marta Pen dispensou a febre, a polaca Beata Topka, nas últimas voltas dos 1500 metros para não deixar fugir a oportunidade de cumprir a fatura dos 4.09,00 minutos dos Europeus que converteu em 4.08,58



Benfiquista Arielis Martínez venceu os 60 metros, seguida de Rosalina Santos

minutos, a valer-lhe o sexto título e melhor marca nacional do ano.

A campeã mundial e europeia de pista coberta do lançamento do peso, Auriol Dongmo, impôs-se facilmente com um arremesso de 18,90 metros, garantindo o quarto título consecutivo. Também a segunda e terceira classificadas, sportinguista Jéssica Inchauste e benfiquista Líliana Bandeira, obtiveram marcas a significar o top-12 europeu da época, 18,47 e 17,97 metros, respetivamente.

Na ausência do benfiquista Pedro Pichardo, o título de campeão de Portugal de triplo salto ficou

entregue ao sportinguista Tiago Pereira pela segunda vez, com a marca de 16,48 metros, confirmação dos Europeus de pista coberta. A vitória no concurso pertenceu ao brasileiro Almir dos Santos, que atingiu 16,52 metros.

Outro sportinguista, João Vieira, fez história em Pombal, onde se sagrou campeão de Portugal de marcha pela 21.ª vez, completando os 5000 metros em 20.26,66 minutos, melhor marca nacional nesta época. A 37.ª edição dos Campeonatos de Portugal em pista coberta terminam hoje, com a segunda jornada da competição.

CLASSIFICAÇÕES

MASCULINOS

60 metros: 1.º, Carlos Nascimento (Sporting), 06,70 segundos; 2.º, Deives Santos (ACD Jardim da Serra), 06,77 s; 3.º, André Prazeres (Benfica), 06,81 s; **400 metros:** 1.º, João Coelho (Sporting), 46,91 s; 2.º, Ericsson Tavares (Benfica), 47,24 s; 3.º, Rafael Jorge (ADR Água de Pena), 48,08 s; **1500 metros:** 1.º, Isaac Nader (Benfica), 3.42,02 minutos; 2.º, Elsan Barros (Benfica), 3.43,03 m; 3.º, Tiago Sabino (NucleoOleiros-ADAO), 3.46,25 m; **Tripla salto:** 1.º, Tiago Luís Penna (Sporting), 16,52 metros; 2.º, Tomás Dinis (Mala AC), 15,09 m; 3.º, Tiago Pereira (Benfica), 14,94 m; **Salto com vara:** 1.º, Rubem Miranda (AC Póvoa), 5,20 metros; 2.º, Carlos Pitra (Sporting), 5,20 m; 3.º, Rodrigo Alcobia (Benfica), 4,95 m; **5000 metros marcha:** 1.º, João Vieira (Sporting), 20.26,66 minutos; 2.º, Rui Coelho (Benfica), 20.38,20 m; 3.º, Heider Santos (GD Estrela), 21,00,26 m.

FEMININOS

60 metros: 1.º, Arielis Martínez (Benfica), 07,22 segundos; 2.º, Rosalina Santos (Sporting), 07,24 s; 3.º, Lorene Bazzo (Sporting), 07,34 s; **400 metros:** 1.º, Carina Keneasa (Sporting), 54,71 segundos; 2.º, Inês Cruz (GD Estrela), 56,64 s; 3.º, Vera Lima (Grecas), 57,44 s; **1500 metros:** 1.º, Marta Pen (Benfica), 4.08,58 minutos; 2.º, Sionne Afonso (Sporting), 4.14,21 m; 3.º, Patrícia Silva (Sporting), 04.21,99 m; **Lançamento do peso:** 1.º, Auriol Dongmo (Sporting), 18,90 metros; 2.º, Jessac Inchauste (Sporting), 18,47 m; 3.º, Elana Bandeira (Benfica), 17,97 m; **Salto em altura:** 1.º, Anabela Neto (Sporting), 1,80 metros; 2.º, Ana Leticia (AD Jardim da Serra), 1,72 m; 3.º, Marta Araújo (Olimpico Vianense), 1,69 m; **3000 metros marcha:** 1.º, Vitória Oliveira (Individual), 12.34,52 minutos; 2.º, Ana Cabral (CD Pichada), 12,46,14 m; 3.º, Adriano Viegas (ADR Água de Pena), 13,29,12 m; **Salto em comprimento:** 1.º, Evelise Veiga (Sporting), 6,29 metros; 2.º, Luísa Gomes (GD Estrela), 5,96 m; 3.º, Ana Rita Silva (Mala AC), 5,87 m.

GINASTICA

Filipa Martins foi bronze

A olímpica Filipa Martins foi bronze na final de trave da Taça do Mundo de ginástica artística em Cottbus (Alemanha). A portuguesa logrou 13,133 pontos na final, atrás das japonesas Mana Okamura (14,133) e Urrara Ashikawa (14,066).

Anexo 21

ATLETISMO

Dobradinha do Sporting nos nacionais de Sub-20

Sporting é campeão nacional sub-20 em femininos e masculinos (neste caso pela terceira vez consecutiva). Nas senhoras, Juventude Vidigalense e Benfica completaram o pódio, enquanto nos homens Benfica e Juventude Vidigalense terminaram em 2.º e 3.º, respetivamente.

Anexo 22

Segunda-feira
27 de fevereiro de 2023

Mais desporto

A BOLA

SURF

Natural de Faro, onde nasceu a 2 de junho de 1988 (tem, pois, 24 anos), Yolanda Hopkins brilhou (e venceu) em Marrocos



Yolanda Hopkins é campeã europeia

Vence em Taghazout, Marrocos, e sucede a Teresa Bonvalot no topo da Europa 🇵🇹 Dominio avassalador do surf feminino português

por MIGUEL MORGADO

O surf feminino português prossegue o domínio avassalador a nível europeu com Yolanda Hopkins a vencer o Taghazout Bay, penúltima etapa do Qualifying Series 2023 (QS3000), garantindo o título europeu feminino (sucede a Teresa Bonvalot). Este foi o 10.º triunfo seguido de surfistas portuguesas no circuito regional europeu QS (como se constata no quadro em anexo).

A vitória de Hopkins em Anchor Point, Marrocos, assegura igualmente, de forma antecipada, quando ainda falta disputar uma etapa, o Caparica Surf Fest (QS1000), de 3 a 8 de abril, a qualificação para Challenger Series 2023 (CS), antecâmara de acesso ao circuito mundial de 2024 da Liga Mundial de Surf (WSL). «Foi uma fantástica vitória 2em 1. Campeã europeia e campeã em Taghazout», exclamou a olímpica nas redes sociais.

A surfista algarvia, líder do *ranking*, somou o terceiro triunfo do QS Europeu (QS3000 de Anglet, em França, e o QS1000 de Newquay). Na final da etapa marroquina, Hopkins venceu Pauline Ado, 13,40 contra 13,33

(em 20 possíveis), surfista francesa que se intromete entre a dupla nacional já apurada para o CS 2023, Yolanda Hopkins e Francisca Veselko (3.º do *ranking*), cuja vaga tinha sido garantida com o título mundial júnior. Carolina Mendes pulou um degrau na hierarquia europeia (é 4.ª) e mantém boas perspetivas para disputar o circuito de acesso à elite do surf mundial onde estará Teresa Bonvalot, cuja vaga ficou assegurada ao terminar o CS no 6.º lugar, a um passo da qualificação para o World Tour feminino (onde é primeira suplente este ano).

VITÓRIAS PORTUGUESAS NO QS EUROPEU

PROVA	ANO	PAÍS	VENCEDORA
Pro Taghazout	2023	Marrocos	Yolanda Hopkins
Pro Anglet	2022	Francia	Yolanda Hopkins
Lacazeau Pro	2022	Francia	Kika Veselko
Boardmasters Open	2022	Reino Unido	Yolanda Hopkins
Pantin Classic	2022	Espanha	Teresa Bonvalot
Caparica Surf Fest	2022	Portugal	Teresa Bonvalot
Pro Netanya	2022	Israel	Teresa Bonvalot
Azores Pro	2021	Portugal	Teresa Bonvalot
Pantin Classic	2021	Espanha	Carolina Mendes
Caparica Surf Fest	2021	Portugal	Teresa Bonvalot

Anexo 23

ATLETISMO

Mariana Machado rainha da S. Silvestre

●●● Campeã nacional de corta-marto, vencedora da S. Silvestre de Lisboa e, a fechar o ano, da 47.ª edição da Amadora, a bracarense Mariana Machado foi a rainha do inverno, nas duas últimas corridas acompanhada em masculinos por Miguel Marques, do Sporting. A jovem do Braga fez os 10 km da Amadora em 33m17s, batendo Ana

Mafalda Ferreira (33,35), do Sporting, e a sua colega Lia Lemos (34,30), Miguel Marques, com 29m49s, superou David Silva (29,55), do Braga, e Rui Pinto (29,59), do Sporting, que já contava cinco triunfos na prova. Rosa Mota alinhou, fez 42m16s aos 64 anos, venceu o seu escalão de veteranos e foi a 36.ª mulher na meta!

Anexo 24



ATLETISMO MARCHA ABRE PARIS E MAMONA SALTA LOGO A SEGUIR

A prova dos 20 km marcha (masculinos e femininos) vai inaugurar o atletismo nos Jogos Olímpicos de Paris, a 1 de agosto de 2024, decidiu a World Athletics, que fechará com a maratona feminina, a 11 de agosto. As provas de pista serão no Stade de France e Patrícia Mamona terá o triplo salto logo a 2 e 3 de agosto (qualificação e final), enquanto Pedro Pichardo entrará em ação nos dias 7 e 9.

Anexo 26



Mónica Gama entre os filhos gêmeos, João e Pedro Amaro

ATLETISMO Filhos de Mónica Gama, João e Pedro Amaro, são duas das maiores esperanças num setor desamparado e sentem-se bem no Benfica

Os gêmeos que nasceram fundistas

"Éo terceiro ano que os treino e têm uma qualidade extraordinária", diz João Campos sobre os matosinhenses de 20 anos que espantaram na S. Silvestre do Porto e sonham com os Jogos.

CARLOS FLÓRIDO

●●● João Amaro começou por jogar futebol e Pedro andou na ratação, mas os gêmeos falaram mais alto. Sendo filhos de Mónica Gama, uma das mais cotadas fundistas portuguesas - esteve na equipa campeã mundial de corta-mato em 1994 -, os gêmeos não resistiram ao apelo das corridas e já são, aos 20 anos e depois de terem treinado o Benfica, das maiores promessas portuguesas para as longas distâncias. Na noite de domingo, Pedro venceu a S. Silvestre do Porto, com João a ficar em sexto.

"A S. Silvestre foi importante para dar algum ponteiro.

Foi das melhores provas que fiz, não a melhor", diz o desenhado Pedro Amaro, que tem "o gosto de todos os que aqui andam, os Jogos Olímpicos". A disciplina não lhe deixa dúvidas, "os 10 mil metros, que as minhas melhores marcas são no fundo". E as suas próximas metas são na área, querendo "ajudar o clube na Taça dos Campeonos Europeus de corta-mato em pista coberta, nos 3000m".

Os gêmeos iniciaram-se no atletismo correndo pelo principal clube matosinhense, o Lava, onde João Campos os descobriu, vendo nelas "dois fundistas como a mãe". Os resultados ainda não impressionaram, mas os Amaro compartilham o técnico para o Fátima, depois para o Agueda, e esta época para o Benfica, ao qual Campos voltou, para coordenar o meio-fundo e fundo. Para o clube da Luz, os jovens serão apostas a longo prazo. "Estas no Benfica faz uma grande diferença. O clube dá muito



"São muito tranquilos, iguais à mãe na forma de estar. Podem ser exemplos"

João Campos

Coordenador do clube do Benfica

apoio e estou a gostar", diz Pedro Amaro, também satisfeito com a mudança.

"É o terceiro ano que treino e têm uma qualidade extraordinária. Têm um grande caminho até ao alto rendimento e podem ser exemplos. São muito tranquilos, rigorosamente iguais à mãe na forma de estar", revela João Campos, o técnico que fez os Amaro danarem o salto de qualidade.

"Sofro mais agora, como mãe"

"Eles é que quiseram seguir o atletismo, não fui eu que os influenciei. Aliás, o Pedro começou tarde e o João esteve no futebol e só depois decidiu fazer companhia ao irmão. Não tive nada a ver com isso. É uma modalidade dura, as condições de treino são difíceis, portanto não era um desporto para que os puxasse", disse Mónica Gama a O JOGO. Agora com 52 anos, a primeira vencedora da S. Silvestre do Porto, em 1994, sofre mais de fôlego. "Não estou preparada, sofro mais como mãe. Só espero que sejam melhores do que eu. E gostava que chegassem aos Jogos Olímpicos, é o sonho de toda", completou.

Anexo 25

Anexo 27

SURF BONVALOT COM MARKS E TATI EM PIPE

Suplente no World Tour, Teresa Bonvalot vai render a lesionada Johanne Defay em Pipe e Sunset, já tendo rivais para a primeira ronda do Mundial. No Havai, a surfista cascalense entra logo na bateria inaugural, com a norte-americana Caroline Marks (segunda no World Tour em 2019) e a brasileira Tatiana Weston-Webb (segunda em 2021).

ATLETISMO ÉVORA VOLTA COM NULOS

Nelson Évora regressou ao ativo no Meeting de Valência, mas sem fazer saltos válidos no concurso do triplo, que teve Tiago Pereira em quarto, com 16,18 metros. Mariana Machado foi segunda nos 3000m, com 9m03,18s, e José Carlos Pinto o quinto nos 1500m (3.42,84). Rosalina Santos ganhou os 60 metros, em 7,35s, e Anabela Neto o salto em altura, com 1,77m.

Anexo 28



Seleção Nacional unida para o grande desafio de chegar quarta-feira a um Mundial

FUTEBOL A seleção africana, que venceu a Tailândia, vai disputar com a Seleção Nacional uma vaga no Mundial

Camarões na rota de Portugal

O jogo decisivo está agendado para a madrugada de quarta-feira. Será o primeiro encontro entre as duas seleções, com Portugal à procura de uma presença, inédita em Copas do Mundo.

FLUPANHEKETA

●●● A Seleção Nacional de futebol feminino vai defender, pela primeira vez na história, os Camarões, no play-off intercontinental de acesso ao Mundial, agendado para quarta-feira (19h30 locais, 06h30 em Lisboa).

A seleção africana chegou ao encontro decisivo depois de derrotar a Tailândia, por 2-0, na madrugada de ontem. A seleção portuguesa viu o jogo bancado, com um bis da suplente Gabriela Ougahiri. A avançada das rusas do CSKA Moscovo marcou aos 79 e 82 minutos, depois entrou em 74, num jogo que terminou com mais de 23 minutos de desentonação. As camarõesas terminaram em inferioridade numérica, face à expulsão da guarda-redes Ange Ekwono, que desatendeu, falhou o controlo com o Portugal. Mediante esta expulsão, já no tempo de compensação, a wãncala Gwladys Ewodo te-

minou a baliza.

No final do encontro, Ougahiri garantiu que as africanas vão estar preparadas para disputar com Portugal uma vaga no Mundial. "Portugal é uma grande equipa, que nos

podemos ganhar. Temos as melhores jogadoras africanas, mas vamos focar-nos para conseguir o agendamento", venceu.

Se por um lado Portugal vai voltar à primeira presença em Copas do Mundo, depois de ter participado nos mundiais Europeus (2017 e 2021), as Camarões têm outra experiência e contam já com duas participações: em 2015 (Canadá) e 2019 (França), onde chegaram aos quartos-de-final. No total, as Camarões somam três vitórias e cinco derrotas, números que as colocam no 18.º lugar do ranking dos Mundiais, sendo a segunda melhor equipa africana, atrás da Nigéria.



"Portugal é uma grande equipa, mas sabemos que podemos ganhar"

Gabriela Ougahiri
Jogadora das Camarões

Ana Seïça fala em sonho realizado

O jogo de preparação frente à Nova Zelândia, que terminou com a vitória portuguesa (3-0), foi especial para Ana Seïça. A central do Benfica estreou-se em jogos oficiais pela equipa principal de Portugal e não escondeu a felicidade por esse momento. "Estou muito contente por me ter estreado na Seleção A. É um sonho antigo que tinha desde o primeiro dia em que fui chamada às seleções jovens. Estou feliz por ter realizado esse sonho e por termos terminado o jogo com uma vitória e boas sensações, antes de um play-off tão importante como o que se avizinha", partilhou.

Anexo 29

Marta Pen e Rosalina garantem Europeu

Campeonatos de Portugal, em Pombal, tiveram recordes de triunfos de João Vieira e Nascimento

... O apuramento para o Europeu de pista coberta, em maio, em Istambul, de Marta Pen, nos 1500 metros, e de Rosalina Santos, nos 60 metros - com vitória de Arialis Gandulla -, bem como o recorde de cinco títulos de Carlos Nascimento nos 60m ou o retorno aos triunfos indoor do marchador João Vieira, que faz amanhã 47 anos, são os destaques da jornada inaugural do Nacional, novamente na pombalina ExpoCentro.

Marta Pen ganhou os 1500 metros e com a marca (4m08,58s) de qualificação direta para um Europeu que exige 4.09.00 como mínimos, conquistando o terceiro título em pista coberta. No dia em

que fez 25 anos, Rosalina Santos logrou o recorde pessoal de 7,24 segundos nos 60 metros, regist-o no limite para disputar o Europeu. E isto ficando em segundo, atrás de Arialis Gandulla, a mãe da filha do triplista Pedro Pichardo, que se sagrou campeã nacional pela primeira vez impediu a recordista nacional Lorene Bazolo - terceira, com 7,34s - de chegar ao hepta.

João Vieira já vai ao 21.º triunfo nos 5000 metros, recuperando a desfeita que Rui Coelho lhe fizera no ano passado, enquanto Carlos Nascimento, com um tri nos 60 metros, venceu pela quinta vez, superando o recorde de Ricardo Alves. Auril Dongmo somou, como se previa, o quarto título seguido no lançamento do peso; Evelise Veiga o sétimo no comprimento; e Anabela Neto também chegou aos sete, no salto em altura, mas alternados. —MP.

Anexo 34

Anexo 33

DAMAENSE Beatriz Carneiro, médio de 21 anos, rubricou um gol e desenhou uma assistência no triunfo perante o Farnacão, por 3-1

Um prodígio brilha na Damaia



O TREINADOR
David Teófilo
 O treinador da equipa de futebol feminino da Damaia, David Teófilo, está muito satisfeito com o desempenho da sua equipa no último jogo da Liga BFF. O treinador da equipa de futebol feminino da Damaia, David Teófilo, está muito satisfeito com o desempenho da sua equipa no último jogo da Liga BFF.

AS JOGADORAS
 A jogadora média de 21 anos, rubricou um gol e desenhou uma assistência no triunfo perante o Farnacão, por 3-1.

AS JOGADORAS
 A jogadora média de 21 anos, rubricou um gol e desenhou uma assistência no triunfo perante o Farnacão, por 3-1.

AS JOGADORAS
 A jogadora média de 21 anos, rubricou um gol e desenhou uma assistência no triunfo perante o Farnacão, por 3-1.

JUDO PATRÍCIA DE BRONZE EM TELAVIVE

Tal como na edição do ano passado, Patrícia Sampaio, de 23 anos e 19.ª do ranking mundial, volta a trazer uma medalha de bronze do Grand Slam de Telavive, na categoria de 78 kg. A atleta de Tomar bateu a israelita Inbar Lanir (6.ª), por ippon, decorridos apenas 19 segundos de combate. Trata-se do primeiro pódio da representação portuguesa neste evento "master" do calendário.

Anexo 35



Arialis Gandulla tirou o título dos 60 metros a Bazolo

FEMININO: BENFICA SEGUE IMPARÁVEL

O Benfica bateu a Quinta dos Lombos, continuando invencível na Liga Betlic Feminina, com vantagem confortável sobre Sportiva e Esgueira, também vitoriosas na 19.ª jornada. O CPN, que tal como o Galitos ainda tenta chegar aos lugares do play-off, deu muita luta na Madeira, mas perdeu com o CAB (96-92).

Anexo 36

FEMININO: BENFICA BATE AJM/FC PORTO

O Benfica recebeu e venceu a líder AJM/FC Porto por 3-0 e adiou a decisão sobre a passagem ao play-off do título para a derradeira jornada, em que irá visitar o Clube K. Sem Renatinha, as portistas foram mantendo o equilíbrio, mas o primeiro set acabou por pender para as águias (25-22), e o mesmo aconteceu no seguinte, decidido pela margem mínima (29-27). Tal como o inaugural, o terceiro fechou em 25-22. —J.S.

Anexo 37

GINÁSTICA FILIPA MARTINS COM BRONZE NA TAÇA DO MUNDO

Filipa Martins conquistou a medalha de bronze na final de trave da Taça do Mundo de artística em Cottbus, na Alemanha, no regresso à competição após lesão. A ginasta lusa conseguiu 13,133 pontos na final do aparelho, ficando atrás de Urrara Ashikawa, segunda com 14,066, e de Mana Okamura, vencedora com 14,133. Em masculinos, Guilherme Campos foi 30.º na barra fixa.

Anexo 38

SPORTING É CAMPEÃO NACIONAL SUB-20 MASCULINO E FEMININO

Em Pombal, e pela terceira vez consecutiva, o Sporting sagrou-se campeão nacional sub-20 de pista coberta em femininos e masculinos. Juventude Vidigalense e Benfica fecharam os pódios, sendo que as águias foram terceiras em femininos e segundas em masculinos. Nos Nacionais de lançamentos longos sub-18, em Vagos, não houve novidades, à exceção do martelo, com Francisco Pereira (CAP) a vencer.

Anexo 39

SURF Yolanda Hopkins Sequeira ganhou, ontem, a etapa marroquina do circuito de qualificação europeu e sagrou-se campeã a uma prova do fim

Superada a má onda, veio o título europeu

Apesar da pouca agressividade das águas de Taghazout, a norte de Agadir, a quinta das seis etapas do QS europeu fica marcada pelo triunfo de Yolanda e o terceiro lugar de Carolina Mendes e Kika Veselko.

MANUEL PÉREZ

●●● E vão dez para a melhor geração feminina da história do surf nacional. A vitória de Yolanda Hopkins, ontem, em Taghazout, constituiu o décimo triunfo consecutivo de surfistas portuguesas no circuito QS europeu. Foi o seu terceiro e levou-a a conquistar o Campeonato da Europa. Carolina Mendes e Kika Veselko também já venceram uma etapa, cada, neste circuito secundário e foram ambas terceiras em Marrocos. Um ciclo vitorioso que arrancou em 2021, com o primeiro dos cinco triunfos de Teresa Bonvalot.

Nascida, há 24 anos, no País de Gales, Yolanda, filha de um casal luso-galês, foi viver, aos dois anos, para Inglaterra, gozando as férias no Algarve, em cujas ondas se iniciou no surf, aos oito. Radicou-se em Sines, por achar que a "diversidade de ondas no sul de Portugal era pouca e não existia um treinador de surf a tempo inteiro acessível". Vive o melhor momento de um carreira que, há



Yolanda Hopkins passou por dificuldades, mas ontem foi levada ao colo pelos colegas ingleses

19 meses, teve o ponto de exclamação internacional. Encerrada a estreia olímpica, com um quinto lugar nos Jogos de Tóquio, dizia ter "tido muitas dificuldades, até para arranjar dinheiro para comer". Foi ante a adversidade que descobriu o alento, num treinador que a acolheu em casa, percebendo o potencial da jovem atleta. John Tranter, igualmente técnico de Camilo Abdula, campeão mundial de surf adaptado, é para ela uma espécie de guru.

O título europeu da surfista de sorriso fácil, garante a quali-



"Pode ser o meu ano. Espero manter esta sequência nos Challengers, para ser mais uma europeia no Circuito Mundial"

Yolanda Hopkins Sequeira
Campeã da Europa

ficação para o circuito Challenger Series deste ano, onde se decidem as vagas para o Circuito Mundial de 2024 da World Surf League. Futuro auspicioso, a ser construído sobre um seguro pé de meia, com prize money aqui e acolá (ceca de oito mil euros em Marrocos), e nas mãos da ProPlayer Sports, empresa de marketing que a representa - tal como à ginasta Patrícia Martins -, contratando-a por "ser impossível ficar indiferente a uma atleta de alta competição cheia de garra e com um percurso ascendente".

Anexo 40

ATLETISMO

Mariana e Marques vencem na Amadora

■ Mariana Machado (Sp. Braga), com 33.16 minutos, e Miguel Marques (Sporting), em 29.49, venceram a 47.ª edição da São Silvestre da Amadora, num ano que a madrinha da prova, Rosa Mota, também percorreu os 10 km (42.16 m).

Mais mulheres no automobilismo

■ O número de mulheres federadas na Federação Portuguesa de Automobilismo e Karting (FPAK) aumentou 21,6% em 2022 relativamente a 2021, revelou à Lusa o presidente do organismo. Ni Amorim refere que no ano que agora chegou ao fim houve 824 praticantes femininos, contra 260 de 2021.

Seleção feminina de futsal derrotada

■ A seleção feminina de futsal perdeu o primeiro de dois jogos de preparação com Espanha para o Europeu que se vai disputar a 17 e 19 de março na Hungria. Portugal até começou melhor, com golos de Carla Vanessa (6') e Cátia Morgado (19'), mas permitiu a recuperação das espanholas em Cáceres, com a remontada a ser operada por Melli (20'), Irene Samper (23') e Vane Sotelo (40'). As duas seleções reencontram-se hoje e ficam a conhecer o alinhamento do Europeu no dia 24.

Anexo 41

Anexo 42

Anexo 43

FUTEBOL FEMININO

Jéssica Silva melhor do mês

R Jéssica Silva foi eleita a melhor jogadora da Liga BPI nos meses de novembro e dezembro. A avançada de 28 anos do Benfica marcou cinco golos em quatro jogos nesse período ao serviço das encarnadas, que entram hoje em campo (15h) em Gaia, na 2ª mão dos 'quartos' da Taça da Liga, depois de terem goleado (5-0) o Valadares no primeiro jogo. Já o rival Sporting visita o Damaiense (15h), após triunfo (1-0) na 1ª mão. **o**

Anexo 44

TAÇA DA LIGA

NÃO HÁ QUEM VOE COMO ESTAS ÁGUIAS

Encarnadas voltaram a superiorizar-se ao rival e estão com um pé e meio na final da Taça da Liga

SÉRGIO LOPES

R O Benfica voltou a sorrir frente ao Sporting, por 4-1, agora para a Taça da Liga, numa partida com contornos diferentes da disputada no sábado, para a Taça de Portugal (5-0 na 1.ª mão), mas que deverá ter o mesmo efeito prático. Então, as encarnadas seguiram em frente, para as meias-finais. Agora ainda têm de disputar a segunda mão, no dia 8, em Alcochete, mas com a vantagem de três golos conseguida estão com um pé e meio na final desta competição.

Como presidente Rui Costa assistir na tribuna, as águias entram com tudo e aos 56 segundos já podiam ter faturado duas ve-



PRESENTE: Rui Costa, presidente do Benfica, via vídeo de Kika, Jéssica Silva e Clot

recer a Jéssica Silva, que chegou atrasada, mas Catarina Amado chegou a tempo de devolver a bola à canadiana, que só teve de encostar. E a avançada encarnada fez mesmo o bis antes do intervalo, concluindo uma triangulação perfeita com Kika Nazareth e Jéssica Silva, após uma perda de bola do Sporting na construção ofensiva.

Só a perder por 2-0 o Sporting chegou com perigo à baliza encarnada, mas mais até por demérito das adversárias. Rute Costa abordou mal uma bola

TAÇA DA LIGA FEMININA

11 MARÇO 2ª MÃO
Sp. Braga-Famalicao 3-0 8/2
Benfica-Sporting 4-1 8/2

longa e deixou-se antecipar por Ana Capeta (45'), que deixou a escapar pela linha de fundo. E Pauleta 'ofereceu' a Chandra Davidson (45'+1), mas a canadiana foi egoísta e desperdiçou o lance, apesar de ter tido várias chances de passar a bola a Capeta, em melhor posição. Redimitiu-se no 2º tempo, reduzindo

4 1

BENFICA SPORTING

RUTE COSTA HANAN SAIBERT
CATARINA AMADO ANA BORGES
ANA SEÇA CAROLINA BECKETT
CAROLINA COSTA BRUNA LOURENÇO
LÍCIA ALVES FÉLIXA DUTRA
PAULETA ANDREA BRAVO (20')
ANA VÍTORIA JOANA MARTINS
ANDREA AORTON CLÁUDIA NITO (84')
KIKI NAZARETH (85') ANA CARITA (75')
JÉSSICA SILVA (78') DIANA SILVA
CLOÉ LACASSE (78') CHANDRA DAVIDSON
C. VIEIRA (79') RAFAEL MENEZES (79')
MARTA COSTA (79') LÍCIA CORREIA (79')
NICOLE (79') ANA TELES (84')

FILIPA PEREIRA Mariana Cabral

Benfica Campus, Setúbal
ÁRBITRA: Sandra Bastos (Aranós)
ASSISTENTES: Cristina Costa e Raquel Pinho

AO INTERVALO: 2-0. **MARKADORES:**
1-0 Clot Lacasse (10'), 2-0 Clot Lacasse (45'), 3-0 Chandra Davidson (55'), 3-1 Jéssica Silva (69'), 4-1 Kika Nazareth (77')

DISCIPLINA: Bruno Loureiro (13'), Pauleta (24'), Ana Borges (55'+18) e Filomena Dória (77'+77')

para 2-1 aos 55', num contra-ataque em que teve alguma sorte no rescaldo para ficar em posição de remate. Ainda assim, os alvos mais contínuava a ser encarnado e Pauleta, com um passe de 50 metros, isolou Jéssica Silva (69') para o 3-1. E se as coisas já estavam difíceis para as leões, pior ficaram quando Filomena Dória viu dois amarelos em menos de um minuto. Depois disso, Kika (77') lechou as costas e o Benfica esteve sempre (ainda) mais perto do golado que o Sporting. **o**

Anexo 45

ATLETISMO

"Fazemos bem em honrar"

Patrícia Mamona elogia realização do Meeting Professor Moniz Pereira, que tem lugar domingo

ANA PAULA MARQUES

R Numa organização do Sporting, com apoio da Federação (FPA), Câmara de Pombal, e Associação Distrital de Atletismo de Leiria, realiza-se, domingo, na Expocentro, o Meeting Professor Moniz Pereira.

Patrícia Mamona não vai participar - o triplo salto não faz parte do programa -, mas dá a cara por um evento que leva o nome de uma figura incontornável da história do atletismo português, em especial do Sporting. "É o Senhor eterno do atletismo, que fez muito. Fazemos bem em honrar o seu nome", disse-nos.

"Este meeting surge com o intuito de ter participação internacional, não sei já vai haver nesta primeira edição [estão inscritos para já espanhóis e brasileiros], mas esse é um dos objetivos", frisou a campeã nacional do triplo salto, explicando as razões pelas quais é importante Portu-

gal ter uma prova internacional.

"É ótimo, principalmente para os portugueses que estão num nível de quase entrarem nos dez primeiros dos rankings para terem acesso a competições de grande calibre. A nova regra de qualificação por ranking depende muito da pontuação dos meetings, por isso quanto melhor for o nível, melhor será a pontuação do mesmo, permitindo que os portugueses tenham mais oportunidades para chegarem a boas pontuações e subir no ranking".

Mas afinal o que falta para Portugal organizar mais vezes meetings como este que vai ter lugar na Expocentro de Pombal?

EXPOCENTRO EM POMBAL RECEBE EVENTO INTERNACIONAL ORGANIZADO PELO SPORTING, COM APOIO DA FPA E CÂMARA

"Acima de tudo é querer, é ter vontade, porque vão-se organizando provas de pista coberta no nosso país. Temos condições, é uma questão de todas as organizações de unirem. Mas este tipo de meeting tem de ter também



NACIONAL
Patrícia Mamona refere ser importante Portugal ter provas de nível internacional

algum incentivo, porque muitos atletas, principalmente os internacionais, vão a certos eventos também à procura do seu cachet. Há que ter um incentivo para que seja possível, e em Portugal por vezes é muito difícil encontrar estas condições".

Patrícia Mamona não é do tempo em que o antigo Estádio José de Alvalade enchia para ver atletismo na pista. "Olço histórias magníficas desses tempos. Mas antigamente as pessoas não tinham tantas opções e distrações. Os miúdos hoje estão agarrados aos telemóveis. Para essa cultura de ver desporto ao vivo regressar, vários fatores têm de ser atacados, desde logo nas escolas, apostar nas futuras gerações", sublinhou a atleta. **o**

Anexo 46

“Não devo nada a ninguém”

Depois da prata em Tóquio'2020, Patrícia Mamona viveu um 2022 sem pódios nas grandes competições.

“Encaro a situação com normalidade, até porque não treinei como devia devido a lesão. É impossível pedir-se medalhas quando não se está minimamente em condições. A equipa médica fez milagres antes do Mundial de Eugene. Queria saltar, independentemente de estar bem ou não. Não sou de desistir, de baixar os braços, por isso foi um 8º lugar muito honroso. A vida de um atleta é mesmo assim, de altos e baixos, não estamos sempre bem, nem sempre mal”, frisou Patrícia. “Não devo nada a ninguém, sei do meu valor, sei que valho muito mais do que 15,01 metros”.

A principal aposta para 2023 “é o Mundial ao ar livre”, sendo que o Europeu de pista coberta em março “vai depender um pouco de como vão decorrer as minhas primeiras competições do tripló”.

Pelo meio, se fizer marca de qualificação para Paris'2024 “será um descanso”, mas frisa que “ainda há tempo”. ◊

Anexo 47

Teresa Bonvalot 9ª em Pipeline

Teresa Bonvalot entrou no circuito mundial de surf ao ser nona em Pipeline, no Havaí. A usufruir do estatuto de suplente, a campeã nacional começou mal, mas passou na repescagem, para ceder nos ‘oitavos’ face à brasileira Tatiana Weston-Webb, vice-campeã mundial de 2021. J.V.N.

Anexo 51

OLIMPISMO

Fernanda homenageada

Após Carlos Lopes (Los Angeles'1984) e Nelson Évora (Pequim'2008), foi agora a vez de Fernanda Ribeiro (Atlanta'1996) ser homenageada pelo Comité Olímpico de Portugal (COP), em cerimónia na Academia Fernanda Ribeiro, na Mala. Faltam ser agraciados os restantes campeões olímpicos portugueses, Rosa Mota e Pedro Pichardo. ◊



COP agraciou campeã olímpica

Anexo 48

ATLETISMO. Mariana Machado foi 2ª nos 3.000 m (9.01,18) no meeting de Valência, atrás da espanhola Águeda Marques (8.55,02). José Carlos Pinto foi 5º nos 1.500 m (3.42,84), enquanto Rosalina Santos venceu os 60 m (7,35 s) e Anabela Neto o salto em altura (1,77 m). Catarina Karas foi 5ª nos 60 m/B (8,65 s).

Anexo 49

JUDO

Telma é cabeça de série em Paris

A multimedalhada Telma Monteiro, de 37 anos, vai comandar a Seleção no Grand Slam de Paris, apresentando-se hoje no sorteio como cabeça de série na categoria de -57 kg. A judoca do Benfica, 14ª do ranking mundial, é a 7ª pré-designada na mítica prova francesa, onde detém palmarés impressionante, com dois ouros (2015 e 2012), uma prata (2007) e dois bronzes (2011

e 2008). O regresso de Telma está a gerar expectativas após falhar o Masters de Jerusalém e o Grand Prix de Portugal devido a lesão.

Já Bárbara Tímo, também das águias, é outra das candidatas a -63 kg, apresentando-se como 8ª cabeça de série e top-10 do ranking. Esteve imparável com a conquista do Grand Prix de Portugal e também está no restrito lote dos que subiram ao pódio em

Paris, com um ouro (2021) e um bronze (2019).

Patrícia Sampaio (Gualdim Pais), também recente campeã em Almada, será 7ª cabeça de série (19ª no ranking mundial) e naturalmente outra candidata a subir ao pódio. Portugal terá ainda nos tatamis gauleses Rodrigo Lopes (-60 kg), João Fernando e Anri Egutidze (81 kg), e Maria Siderot (-52 kg). ◊ A.R.

Anexo 50

TRANSFERÊNCIAS NO FUTEBOL FEMININO

Época	Clubes	Transf. Int.*	Nac.	Total
2018/19	12	10 (0)**	18	28
2019/20	12	14 (1)**	27	42
2020/21	20	8 (3)**	35	46
2021/22	16	27 (11)**	37	75
2022/23	12	10 (8)**	33	51

* Entradas ** Saídas

Mercado efervescente

O número de transferências de atletas femininas da Liga BPI, no mercado de janeiro, ao longo das últimas cinco épocas tem vindo a aumentar de forma notável. Apesar de o número (51) ser menor na presente temporada do que na época passada (75), importa frisar que houve uma redução de quatro clubes na Liga BPI. Assim sendo, a média de transferências por clube desceu de 4,68 para 4,25. Contudo, hou-

ve um aumento face a 2018/19, em que o valor médio foi de 1,5. Analisando as épocas em que o número de clubes foi igual a 12, é visível o elevado aumento no total de transferências: em 2018/19 registaram-se 28; na época seguinte, 42, e na atual, 51. No que diz respeito às transferências nacionais e internacionais de clubes da Liga BPI de e para o estrangeiro, a temporada passada é a que mais se destaca. © I.C.

Mariana Cabral suspensa 15 dias

Mariana Cabral, treinadora do Sporting, foi multada em 128 euros e suspensa por 15 dias pelo Conselho de Disciplina da FPF devido a "ameaças e ofensas" durante o dérbi diante do Benfica, referente às meias finais da Taça da Liga, que as águias venceram (4-2). Recorde-se que a timoneira das leões já havia sido expulsa na Luz, a 21 de janeiro. ©

Anexo 52

SELEÇÃO FEMININA

Primeiro treino após odisseia

Depois de cerca de 24 horas de viagem rumo à Nova Zelândia, a Seleção Nacional de futebol feminino, comandada por Francisco Neto, fará amanhã o primeiro treino às 19 horas locais (8 horas em Portugal continental). No dia 22, a equipa das quinas discute diante de Camarões ou Tailândia o apuramento inédito para o Mundial'2023. ©



TÊNIS DE MESA

Jieni Shao e João Geraldo avançam na Jordânia

Jieni Shao (na foto) e João Geraldo estão nos 'quartos' do WTT Contender de Amã na Jordânia. Shao, 57.ª mundial, bateu a romena Elizabeta Samara (43.ª), por 3-2, já Geraldo (53.ª) venceu o francês Felix Lebrun (70.ª), por 3-1.

Anexo 53

Anexo 54

MARIA MARTINS NONA NO OMNIUM

Sem comprometer qualificação

Depois do ouro, em scratch, no primeiro dia dos Europeus de pista, os olhos ontem voltavam a estar focados em Maria Martins, que participou na disciplina olímpica de omnium, onde em Tóquio'2020 foi sétima.

Em Grenchen, na Suíça, Tata, como é conhecida, até começou bem, em 5.º, precisamente na disciplina onde dois dias antes tinha

ganho, mas acabou a prova em nono. Um resultado que para o selecionador não compromete o apuramento para Paris'2024, sendo este Europeu a primeira prova pontuável. "Tentámos defender ao máximo a posição que tínhamos e conseguimos terminar entre as 10 primeiras. O objetivo era não comprometer a qualificação



olímpica e conseguimos alcançar esse objetivo. Agora é continuar a trabalhar", disse Gabriel Mendes.

O melhor luso do dia foi Íluri Leitão, 6.º em scratch, sendo que Rodrigo Caixas foi 15.º na perseguição individual.

Hoje competem João Matias no omnium e Maria Martins na corrida por pontos. ©

Anexo 55

SELECÇÃO FEMININA

Fátima Pinto recomenda paciência e identidade

É com a seleção dos Camarões que Portugal vai medir forças no jogo decisivo a caminho do Mundial. O jogo de quarta-feira, em Hamilton, colocará frente a frente o futebol de filigrana da Seleção Nacional, aliçado a um sentido coletivo e posicional muito forte e a prodigiosa técnica individual da maioria das jogadoras lusas, e o jogo mais vertical, físico e algo ingénio taticamente de uma equipa camaronesa que quer estar, pela terceira vez consecutiva, na fase final da maior competição de seleções.

A madeirense Fátima Pinto é, aos 27 anos, uma das mais experientes integrantes do grupo. Por isso, aborda a partida com a formação africana com cautela, não olhando para os rankings, até porque "os números contam pouco". A atleta do Alavés reforça que "estes jogos a eliminar são sempre complicados, porque as duas equipas entram a querer ganhar". Porém, e reconhecendo que os Camarões

Gabriel Zabo só pensa no triunfo

"Não imagino os Camarões forado Mundial." Foi assim que o treinador Gabriel Zabo mostrou confiança total na 3.ª presença seguida do país na fase final da maior competição do globo. Zabo está há um ano à frente da seleção africana e é conhecido pela sua faceta de extremos: disciplinador e muito rigoroso no campo, afável e conversador fora dele. Na Nova Zelândia, tem a adaptação às 12 horas de diferença, mas acredita que a equipa tem capacidade para ultrapassar todos os desafios.

"São uma equipa bastante forte fisicamente", Fátima não tem dúvidas quanto à receita para o jogo de quarta-feira: "Paciência e sermos nós próprias, sobretudo tendo noção de que é um jogo a eliminar." ❁



FOCO. Fátima Pinto (à esq.) pronta para enfrentar Camarões

Anexo 56

ATLETISMO

Mais dois bilhetes para Istambul

Rosalina Santos (Sporting) e Marta Pen (Benfica), respetivamente nos 60 e 1500 metros, conseguiram marca de qualificação para os Europeus de pista coberta (Istambul em março), na primeira jornada dos Campeonatos de Portugal, em Pombal.

Nos 60 metros, a atleta do Sporting foi 2ª, com 7,24 segundos, juntando-se a Arianis Martínez com tempo para Istambul, sendo que a atleta do Benfica sagrou-se campeã com 7,22, recorde dos campeonatos.

Já Marta Pen sagrou-se campeã de Portugal de 1500 metros, com 4.08,58 minutos, melhor marca nacional da temporada e igualmente tempo de qualificação para os europeus.

Numa jornada com outros atletas a confirmarem marca de apuramento para Istambul, destaque para mais um título conquistado por João Vieira, de 46 anos, sendo a vitória nos 5000 metros marchão 21.º ceto nacional para o atleta do Sporting. ❁

Anexo 57

PATRÍCIA NO PÓDIO

Portugal despede-se do Grand Slam com uma medalha de bronze conquistada em Telavive

ALEXANDRE REIS

Portugal despediu-se ontem do Grand Slam de Telavive com uma medalha de bronze conquistada por Patrícia Sampaio, 1.º do ranking mundial a 78 kg, ainda antes de subir lugares na próxima lista da IJF, que reforça a candidatura à qualificação para os Jogos Olímpicos de Paris 2024. Depois de lesão no Europeu de Sófia, onde foi 5.ª, a olímpica do Gualdim Pais, de 23 anos, tem conseguido uma série de resultados consistentes, como o ouro no Grand Prix de Portugal e o 5.º lugar no Grand Slam de Paris. Desta vez, arrecadou a sua sexta medalha em provas do circuito internacional, repetindo o pódio de 2022 conquistado na mesma competição israelita, ao bater (ippon) a anfitriã Inhar Lanir (6.ª). Até à final da repescagem, Patrícia superou (wazari) a alemã Anna-Maria Wagner (2.ª e campeã mundial em 2021), per-



FELIZ. Patrícia comemora

OS OLÍMPICOS ROCHELE NUNES (5ª A +78 KG) E JORGE FONSECA (7ª A 100 KG) ESTIVERAM PERTO DAS MEDALHAS

deu (ippon) com a japonesa Mami Umeki (14.ª) e voltou a ganhar à polaca Beata Pacut (9.ª) com wazari no ponto de ouro. Após o 5.º lugar na véspera de

Jogo Fernando (81 kg), também Rochele Nunes (8.ª a +78 kg) ficou perto do pódio. A olímpica do Benfica perdeu no combate decisivo ante a holandesa Karen Stevenson (70ª) por castigos. Antes, Rochele venceu Sydnee Andrews (36ª), da Nova Zelândia, e a anfitriã Yuli Mishiner (81ª), ambas por ippon, antes de ceder (ippon) nos quartos de final ante a turca Kayra Sayit (21ª).

Por último, o dia de ontem marcou o regresso após lesão de Jorge Fonseca (5.ª a 100 kg), que acabou em 7.º lugar. O sportinguista, medalha de bronze em Tóquio 2020 e bicampeão mundial (2019 e 2021), passou (ippon) o suíço Daniel Eich (21ª), mas acabou por perder com o israelita Peter Paltchik (6ª) e o brasileiro Leonardo Gonçalves (63ª), ambos por ippon. ©

VOLEIBOL O Sporting está nas 'meias' da Taça feminina, ao bater o Castelo da Maia por 3-1. Outros resultados: Leixões-PV2014, 0-3; Esmoriz-Vilacondense, 0-3; AIM/FCP-V. Guimarães (21 fev.). No campeonato, a AIM/FCP venceu nos Açores o Clube K por 3-1.

Anexo 59

Anexo 58

GINÁSTICA
Filipa Martins regressa com bronze na Alemanha

Filipa Martins conquistou a medalha de bronze na final de trave da Taça do Mundo de artística em Cottbus (Alemanha), no regresso após lesão. A olímpica fez 13,133 pontos, atrás de Mana Okamura (14,133) e Urrara Ashikawa (14,066).

Anexo 60

CAMPEÃ EUROPEIA

Yolanda Hopkins conquista título após triunfo em Taghazout e sucede a Bonvalot

JOÃO VASCO NUNES

Yolanda Hopkins prolongou, ontem, o estado de graça do surf feminino nacional, após vencer o QS3000 de Taghazout, em Marrocos, naquela que foi a primeira prova de 2023 a contar para o circuito europeu de qualificação (QS). Um triunfo que valeu à surfista algarvia a conquista antecipada do título europeu, sucedendo à compatriota Teresa Bonvalot. Além disso, Hopkins ainda garantiu a presença renovada no circuito Challenger Series de 2023, onde estarão em disputa as vagas para o Circuito Mundial de 2024.

Numa prova em que as portuguesas Carolina Mendes e Kika Veselko terminaram na 3ª posição, Yolanda começou o dia final da prova marroquina a vencer

Kika numa meia-final totalmente portuguesa, para depois superar a francesa Pauline Ado após uma final muito renhida, decidida por apenas 0,07 pontos. Foi já na reta final da bateria que Yolanda conseguiu uma nota de 7 pontos, que ajudou a virar o resultado. Este foi o terceiro triunfo de Hopkins na temporada europeia de 2022/23, depois de ter vencido o QS3000 de Anglet, em França, e o QS1000 de Newquay, no Reino Unido, na segunda metade de 2022. Esta é ainda a décima vitória consecutiva de surfistas portuguesas neste circuito – a última vitória ‘estrangeira’ remonta a fevereiro de 2020, ainda antes do surgimento da pandemia. Com apenas uma etapa QS1000 por disputar, na Costa de Caparica, em abril, Yolanda Hopkins tem mais de 3000 pontos de vantagem sobre a vice-líder do ranking Pauline Ado, com Kika e Carol no 3º e 4º posto do ranking europeu, respetivamente. “Penso que este pode ser o meu ano. Vou tentar levar este



FESTA. Portuguesa celebra na praia marroquina

momento de forma para as Challenger Series para que em 2024 possamos ter mais uma surfista europeia no World Tour”, desejou Yolanda.

Diferente é a situação no circuito masculino, onde Portugal não tem qualquer surfista no top

15 do ranking. O campeão nacional Guilherme Ribeiro é o mais bem posicionado, no 16º posto, com Frederico Moraes a surgir na 17ª posição e Joaquim Chaves, que foi o melhor representante nacional em Marrocos com um 9º lugar, a fechar o top 20. ◊

Anexo 61

Anexo 62

BASQUETEBOL. Na 19ª jornada da Liga feminina, o Benfica bateu a Quinta dos Lombos (5ª), por 83-62, e segue na liderança só com vitórias. Outros jogos: CAB Madeira (6ª) - CP Natação (10ª), 96-92; GDESSA (4ª) - Esgueira (3ª), 73-75; CDEFF (8ª) - Vagos (11ª), 76-46; U. Sportiva (2ª) - Olivais (12ª), 82-52.

Entrevistas aos jornalistas:

P1: Considera que o desporto feminino é abordado da mesma forma que o masculino?

Manuel Cassaca (M.C) : Não, em termos de comunicação social o espaço é muito reduzido. Apesar de haver um esforço dos jornais, e nomeadamente do Jogo, agora especialmente com a Seleção de Futebol Feminino, quanto ao resto acho que a diferença é muito grande e nos dias de hoje não é compreensível e isso tem a ver com a mentalidade das pessoas.

Ana Luísa Magalhães (A.M): Não, não é abordado da mesma forma. Por um lado, é compreensível por outro não. O desporto masculino e isto é de anos, tem um alcance e um impacto muito diferente por isso mais abrangente e é normal que tenha mais espaço na imprensa, na televisão nas rádios, mas falando em específico da imprensa é normal. Também dá mais cliques, dá mais compras de jornais embora aí as compras dos jornais de uma maneira muito relativa, mas é normal que chegue a mais gente e que por isso tenha mais espaço. Mas por outro há que perceber que o mundo muda e há que perceber que é que o desporto feminino está, em particular o futebol, aqui em Portugal nos últimos anos a crescer cada vez mais. E é preciso acompanhar isso. Nós também temos enquanto jornalistas temos um papel pedagógico temos de perceber, temos de educar as pessoas para essas mudanças e temos de perceber que não há nenhuma condicionante biológica física que façam com uma mulher joga o futebol pior que com o homem isso não existe.

Rui Guimarães (R.G) : Na imprensa de forma nenhuma. O desporto masculino, da mesma forma que o futebol, tem muita mais visibilidade. Desde que estou nos jornais, há 33 anos, sempre foi assim. Aos poucos está a ter mais evidencias, os clubes estão a ter camadas femininas. O desporto masculino é muito mais visto. Salvo algumas exceções, das grandes figuras femininas como a Serena Williams por exemplo.

P2: Acha que as notícias do desporto masculino chamam mais a atenção e são mais rentáveis para os jornais do que as notícias do desporto feminino?

M.C : Claramente, se virmos no jornal Porto, Benfica ou Sporting campeão Nacional de futebol masculino , tem um impacto não só nos jornais como na população. Agora se o Braga, Porto, Benfica ou Sporting forem campeões de futebol feminino será uma nota de rodapé dos jornais. Nunca é manchete. Não faz sentido. A igualdade neste caso não existe. E isso tem a ver com a nossa mentalidade somos um país ainda muito machista.

A. M: Acho que as notícias do desporto masculino chamam mais a atenção e são mais rentáveis para os jornais do que as notícias do desporto feminino. São mais rentáveis, mas também percebemos que há uma diferença e eu vou dar muito o exemplo do futebol porque é a área que trabalho e que consigo estar a falar com o melhor conhecimento de causa. Quando a seleção feminina chega a fases finais ou quando se qualifica quando chega a jogos importantes isto também se nota no site já querem saber se as raparigas conseguiram ganhar o jogo ou se se conseguiram apurar. Uma coisa puxa a outra. Se nós também começarmos a dar mais espaço e que é relevante porque uma seleção a seleção feminina qualificada para o campeonato do mundo não é uma nota de rodapé. É uma coisa importante, não estamos a fazer favor a ninguém. Não estamos a fazer só publicidade e promoção ao futebol feminino só porque fica bem. É relevante. Nunca se tinha qualificado. E agora qualificaram-se. Também é um reflexo do tal crescimento que eu falei há pouco. Aos poucos as pessoas também vão querendo saber mais coisas e os jornais também vão percebendo isso e vão percebendo que essas notícias relacionadas com o desporto feminino vão começar a atrair mais pessoas.

R.G: São culturalmente. O problema disto, é a cultura desportiva. Em 2021 estive no Campeonato do Mundo de Andebol Masculino, e tive oportunidade de ler todos os dias o L'Equipe que é para mim uma referência. Embora esteja a decorrer o campeonato lá, o jornal abria o jornal com outras modalidades. Nesse sentido, tem tudo a ver com a cultura, o jornal fez primeiras páginas com outras modalidades e não somente de andebol, e isto aqui era impossível, por uma questão de cultura. Em Portugal, acaba ser mais rentável falar de futebol, de futebol masculino e dos grandes clubes.

P3: Como é que entende que as atletas femininas são retratadas na imprensa desportiva e se achas que é da mesma maneira que os atletas masculinos? (se existe comentários sexistas)

M.C : Não, por alguma razão vemos os jornais com 38 páginas e se tiverem uma página para o desporto feminino já é um milagre. Basta abrir os telejornais, tirando o atletismo,

que quando ganham medalhas é noticiado, mas se não ganhar, cai no esquecimento. Relativamente à escrita, não acho que haja diferença nem discriminação, a única diferença é no espaço dedicado e atenção.

A.M: Nesse ponto não. Acho que os adeptos de uma maneira geral ainda olham para o mundo futebolista e vão buscar logo as características físicas antes das características desportiva. Nos jornais acho que não. Embora acho que de vez em quando ainda haja comentários completamente desnecessários e que não acrescentam nada, mas acho que é de uma forma residual e acho que que também aí estamos a ficar cada vez mais com mais bom senso e a perceber que temos que falar por exemplo da Kika Nazareth pelas suas qualidades a jogar futebol e não pelas características que pode ter como como modelo ou com os namorados que tenha ou que deixa de ter ou seja lá o que for. Aí acho que não haverá grande motivo para preocupação de desigualdade

R.G : Nisso acho que sim, provavelmente a única diferença que teremos é menos espaço para as atletas femininas. Na forma como escrevo não faço diferença. Sinceramente acho que eu escolho fotografias, seja de homem ou mulher, eu vou escolher uma foto bonita, seja na ação ou no repouso. Se calhar, às vezes há aquela tendência de se a atleta for bonita puxar um pouco mais pelo rosto.

P4: Acha que esta desigualdade existe também em todos os países ou acha que é mais em Portugal?

M.C : . O machismo continua a existir, em Portugal e noutros sítios. Felizmente já há países onde já está a mudar na Inglaterra, ou na Espanha por exemplo, as coisas lá estão mais desenvolvidas e em melhor caminho.

A.M: Eu vou dar outra vez só o exemplo do futebol não que eu acho que é mais importante, mas é o que eu tenho mais conhecimento em causa. Há países que ligam muito ao andebol mais do que nos ligamos. E uma competição há a Liga dos Campeões feminino, os europeus femininos e os mundiais femininos que achem pavilhões com muita facilidade. Aqui não. Ainda. Olhas para a Inglaterra e vêes o Wembley cheio para os jogos para os jogos femininos. Aqui ao lado em Espanha Campo Nou cheio para jogos de Barcelona. Ainda existe em todo o mundo essa desigualdade, mas está a ser combatida, mas a velocidades diferentes consoante o país também consoante os resultados das seleções e das equipas. A equipa do Barcelona chega longe na Liga dos

Campeões, as nossas equipas portuguesas ainda não por isso também vai ter impacto, em França o Lyon e o Paris Saint Germain (PSG) chegam a fases mais adiantadas. Nas seleções, a norte-americana ou a seleção inglesa já estão mais habituadas a fases finais que a seleção portuguesa que vai agora pela primeira vez ao mundial por isso por aí é normal que haja que esta desigualdade e que este combate à desigualdade cresça em velocidades diferentes. Mas acho que estamos a melhorar.

R.G: Em França, há uma tendência diferente. Já em Espanha os jornais estão mais ligados aos clubes. **A Marca puxa pelo Real Madrid, o Sport puxa pelo Barcelona, e os Espanhóis já sabem disso. Relativamente ao desporto feminino é igual.**

P5: Como profissional da área, o que considera necessário mudar para que seja alcançada a igualdade no desporto?

M.C: Primeiro é preciso mudar a mentalidade das pessoas, começa logo na escola. Depois da escola, em casa, a mentalidade hoje está um pouco melhor. Antigamente um rapaz não fazia nada em casa porque isso era o trabalho da mãe e das irmãs. E felizmente isto está a mudar. E depois isso transporta se para o desporto. Tem que haver igualdade, e acredito que vai melhorar.

A.M: Temos de ser pedagógicos, não temos de fazer favores. Temos de ter a sensibilidade de perceber as coisas. Um determinado resultado pode ter valor noticioso por si só. Não vamos vender muito menos jornais se por exemplo a manchete é do desporto feminino. Temos de dar valor aos pequenos passos que o desporto feminino faz. Não é forçar, mas se formos dando isso às pessoas, elas também vão querer saber mais. Agora se escondemos, as pessoas também não vão ver nem procurar saber.

R.G: Isto vai, em Portugal, nem para os meus netos vai acontecer. Uma vez, convidaram para um debate sobre como é que o andebol feminino poderia ter mais espaço, e a resposta que dei foi, não tem a ver com a modalidade, mas tem a ver com tudo. Nas redações de desporto há mais homens jornalistas que mulheres, no governo há mais homens, na administração, há mais homens. Isto é um problema cultural global. Não é só um problema do desporto e se calhar ele até está mais avançado do que outras áreas. É uma luta triste. Eu temo que daqui a 100 anos isto tenha evoluído muito pouco.

Entrevistas às atletas:

P1: Qual é a sua opinião em relação ao tratamento do desporto feminino por parte da imprensa portuguesa?

Filipa Pinto (F.P): Penso que ainda se dá pouco destaque ao desporto feminino no geral, apesar de notar algum esforço e evolução nos últimos anos, a imprensa tende a escrever sobre o que mais vende, normalmente o futebol masculino, e aposta muito pouco nas outras modalidades e principalmente no feminino.

Esta situação é muito mais acentuada nos jornais regionais, que na minha perspetiva deveriam aproveitar o material local e dar a conhecer aos seus leitores outras modalidades e abrir as suas mentalidades para a atualidade e para o futuro.

Bebiana Sabino (B.S): O tratamento é bastante discriminatório e a atenção mediática é completamente distinta. Vemos ultimamente alguma tentativa de alterar isso com a questão da seleção feminina que conseguiu o apuramento para o mundial: houve uma maior envolvência por parte da imprensa porque vai, para além da sua participação, por exemplo temos em canal aberto que irá transmitir os jogos do mundial da seleção portuguesa. De um modo geral é bastante discriminatória se por exemplo olharmos para um jornal desportivo vemos na sua grande maioria o desporto masculino e quando falamos de desporto feminino normalmente falamos de alguns feitos de desportos individuais e os desportos coletivos. Podemos ter casualmente ao fim-de-semana algum tipo de informação relativamente aos resultados dos jogos, um quadradinho lá muito escondido a não ser que seja uma medalha olímpica ou algum apuramento histórico.

Marta Massada (M.M) : Apesar de se verificarem francas diferenças relativamente ao que víamos há anos, o espaço e visibilidade dedicados ao desporto feminino é consideravelmente menor em comparação com o desporto masculino. Esta disparidade tem várias consequências menos boas, por exemplo, a falta de cobertura pode contribuir para a perpetuação de estereótipos de género, limitando o reconhecimento e a valorização das atletas. Além disso, a falta de exposição prejudica o desenvolvimento de ídolos e modelos a seguir pelas futuras gerações de mulheres atletas, podendo reduzir um potencial incentivo que daí adviesse.

P2: Acha que o desporto feminino tem menos visibilidade que o masculino? Se sim, porquê?

F.P: Considero que sim, e é também uma consequência da falta de exposição por parte da comunicação social que desempenha um papel muito importante na divulgação das modalidades no feminino. Na minha experiência enquanto atleta reparo que mesmo o clube trabalhando as redes sociais e fazendo publicidade ao futebol feminino, esta informação não chega tão bem às pessoas como quando sai alguma nota nos jornais da região. O impacto de uma notícia num órgão de comunicação por norma é muito maior do que muitas publicações do clube; se temos pouco destaque na comunicação social consequentemente teremos menos visibilidade e acaba por influenciar as pessoas no apoio e incentivo às atletas e aos clubes.

B.S: Sim obviamente o desporto feminino tem muito menos visibilidade que o desporto masculino e essa visibilidade é dada precisamente pela imprensa. Obviamente que a imprensa ao longo dos anos também era um espelho daquilo que é a sociedade no que diz respeito à mulher nas diferentes áreas e neste caso em concreto relativamente ao desporto portanto o desporto sempre foi associado às características masculinas: à força à velocidade e algo robusto que não representava de todo o estereótipo associado à mulher que deveria ser mais feminina, mais cuidada, mais delicada. Esta falta de visibilidade que existe no desporto feminino tem a ver com o associarmos o desporto única e exclusivamente a algo dos homens e não das mulheres. Esta discriminação que ainda que ainda existe é muito propagada ou, portanto um dos meios um forte meio para nós mudarmos as mentalidades passam precisamente por pela comunicação dar mais atenção e mais visibilidade ao desporto feminino.

M.M : Eu venho de uma modalidade, o voleibol, em que o feminino tem alguma visibilidade. Talvez porque existe o mesmo viés de género relativamente a essa modalidade que existe noutras - o voleibol foi sempre "desporto de meninas" e ainda se consegue ouvir por aí que "futebol não é para meninas". Ainda existem preconceitos de género que influenciam a perceção e a atitude em relação ao desporto feminino e isso pode levar à subvalorização do talento e das conquistas das atletas quando comparadas com os atletas. Também há estereótipos de interesse e audiência, isto é, a ideia de que o público não está interessado em assistir ou apoiar o desporto feminino, aos quais se associam disparidades no investimento. A falta de exposição mediática faz com que as

meninas tenham menos modelos a seguir e sem referência a figuras que nos inspirem, muitas meninas podem não ver o desporto como uma opção viável para as suas vidas.

P3: Considera que as atletas femininas são retratadas da mesma forma que os atletas masculinos?

F.P: Não, partindo do princípio de que não temos o mesmo destaque que o masculino já é um indicativo que não somos retratadas da mesma forma. Para além do fato de haver alguma tendência à comparação entre um atleta feminino e o masculino, o que não é correto visto que as componentes físicas entre ambos os sexos são bastante distintos.

B.S: Sim, claramente a atleta feminina é tratada de uma forma distinta do atleta masculino, e isto vem do reflexo da sociedade. Sendo mulher-atleta, sendo mulher-advogada, sendo mulher-professora ou mulher-engenheira, a mulher na nossa sociedade sempre foi vista como um ser em segundo plano. Comece logo na educação. Quando temos um filho, tem de ser jogador de futebol e quando temos uma menina, ela pode ser uma imensidade de coisas, mas a primeira coisa que nunca será é jogadora de futebol. Portanto, o desporto não está instituído ou não é visto como uma prioridade. Os atletas masculinos têm muito mais condições porque o desporto está feito à sua imagem e tem muito mais condições para se poderem desenvolver dentro do próprio desporto, seja do ponto de vista da competência motora, seja do ponto de vista de uma carreira profissional dentro do desporto, as coisas estão estruturadas e organizadas para que isso aconteça.

M.M: Nem sempre. Voltando ao voleibol ou no voleibol de praia, por exemplo, existe frequentemente um foco na aparência em detrimento da habilidade atlética. O comentário também é por vezes diferente - tende-se a fazer comparações quando, na maioria das vezes, as coisas não são comparáveis. A característica do jogo feminino não tem de ser igual ou de balizar pelo do masculino. Cada um tem as suas idiossincrasias e as suas particularidades - é essencial que todo o atleta (mulher, homem, veterano, atleta do desporto adaptado, formação) seja tratado com o mesmo respeito, valorização e reconhecimento.

P4: Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades que a mulher enfrenta para ser atleta profissional?

F.P: Como para qualquer desporto, seja no feminino ou no masculino, é necessário investimento e conhecimento; durante muito tempo foi exigido às mulheres que atingissem os mesmos níveis físicos que os homens e eram utilizados os mesmos métodos de jogo, de treino, de recuperação que no masculino. Os estudos vieram a comprovar que esta metodologia de trabalho estava errada e que deveriam ser implementadas estratégias específicas para as mulheres, adequadas ao seu corpo e ao seu psicológico. Mas nem todas as instituições têm esta mentalidade de adaptação ou não dispõem das ferramentas necessárias para as poder implementar. A falta de patrocínios e a falta de aposta no feminino também prejudica a evolução e desenvolvimento da atleta, que por norma tem que conciliar a vida desportiva com a vida profissional. Haver mais investimento nas modalidades femininas dará a oportunidade de colocar à disposição dos clubes e das atletas as ferramentas e as condições que necessitam para poderem evoluir e fazer de si próprias a sua melhor versão.

B.S: Se um atleta vai por exemplo a um sítio e disser que é desportista está tudo bem, se isto acontecer a uma mulher é algo muito estranho. O questionamento é sempre: mas a atleta não faz mais nada? Ser atleta é o seu hobby. Esta construção social é que tem de ser modificada e é obviamente uma das principais dificuldades para a mulher.

Depois porque não temos uma estrutura social do ponto de vista das organizações desportivas que permitam a mulher ambicionar ser profissional dentro da sua modalidade. Felizmente as coisas têm vindo a alterar-se. Dentro da minha modalidade (andebol), existe neste momento o esforço de diferentes clubes para poderem dar melhores condições às suas atletas, mas neste momento temos possivelmente dois clubes que dão a possibilidade às suas atletas serem exclusivamente desportistas. Portanto, é preciso mudar as mentalidades e que os clubes criem condições para que as atletas possam efetivamente ser profissionais dentro do seu desporto a nível nacional.

M.M: Para além da barreira cultural julgo que o principal entrave é a falta de investimento financeiro. A desigualdade grosseira na remuneração dificulta claramente o compromisso total com a carreira desportiva. Algumas atletas podem também ter conflito entre a maternidade e a carreira - não é fácil. Tenho algumas histórias engraçadas e felizmente tive o apoio necessário para conseguir transpor esse obstáculo.

O estigma e a pressão social para seguir caminhos tradicionais também está ainda presente na nossa sociedade.

P5: Já alguma vez se sentiu discriminada por algum meio de comunicação social? De que forma?

F.P: Infelizmente, sim. O projeto do futebol feminino na A.D.E. é relativamente recente e tem enfrentado muitas dificuldades e obstáculos, muitos deles devido à falta de praticantes na região e também dado ao facto de sermos uma equipa nova que à data da criação do projeto ainda não tinha a experiência e qualidade que muitas das equipas que defrontamos apresentavam. Os resultados das primeiras épocas refletiam muito esta carência de experiência. Contudo, a postura e confiança da equipa em campo e a qualidade foram sempre aumentando de ano para ano e, neste momento, apresentamos resultados fantásticos com uma equipa com muita ética e talento. Na fase embrionária da equipa, a comunicação social preferiu sempre fazer manchete do que correu menos bem, dos resultados menos positivos, chegando ao ponto de publicar uma foto da equipa adversária como sendo nossa, fruto inclusive do desconhecimento total da realidade do plantel. Isto revela, para além de pouco profissionalismo, uma falta de empatia e apoio pela modalidade em si bem como pelas atletas que desta forma se sentiram pressionadas e de alguma forma humilhadas e até mesmo pelo clube que apostou de forma pioneira nesta modalidade.

B.S: Obviamente que o objetivo da comunicação social é vender. Portanto vai vender o que o Porto, o Sporting e o Benfica fazem do ponto de vista da pessoa prestação desportiva. No entanto, por outro lado, não podem ter uma visão única e exclusivamente economicista. Uma das principais funções da comunicação social é informar toda a sociedade relativamente àquilo que se passa no mundo desportivo. Na minha perspetiva tal como conseguem transmitir informação relativamente a um jogo de futebol masculino ou andebol masculino também o devem fazer de igual forma, com igual contexto, para o feminino. Acho que isto é a principal forma de discriminação aliás no nosso desporto temos uma situação recente tivemos três atletas portuguesas e duas portuguesas na equipa técnica que tiveram numa final de uma competição europeia de andebol e nada foi escrito, só foi escrito após elas terem jogado essa primeira competição. Em qualquer jornal português, e já nem falo de meio de televisão, tinha

sido feito algum tipo de menção. A menção foi feita à posteriori delas terem vencido o primeiro jogo desta final. Portanto acho que é uma forma de discriminação é isso porque passado algumas semanas tivemos um único português que nem sequer chegou à final teve direito a atenção e destaque, atenção não digo que não seja merecido porque é, no entanto, é injusto para as portuguesas que alcançaram o lugar na final.

M.M: Nunca me senti discriminada, mas a verdade é que fomos sempre menos 'notícia' que os nossos colegas. Lembro-me, no europeu sub23 de voleibol de praia, de estar ao lado do meu colega Roberto Reis quando ele recebeu uma chamada por parte de um jornal desportivo conhecido da nossa praça para algumas palavras sobre a participação no campeonato. Após dar as suas respostas, o Roberto disse que nós estávamos ali ao lado dele, se quisessem falar connosco. O jornalista declinou educamente e desligou. Nunca pensei nisso como uma discriminação, talvez por ser o normal. A verdade é que estávamos ambos no topo da nossa participação como atletas. Ambos tínhamos a bandeira portuguesa ao peito, ambos estávamos entre os melhores da Europa.

P6: O que acha necessário mudar para que exista igualdade no desporto e na forma como é tratado pela comunicação social?

F.P: Acho que para haver igualdade no desporto tem de existir abertura para a diferença, para a mudança. Não pensar sempre nos resultados, mas sim na evolução, perseverança e sacrifícios das atletas. É preciso que se dê as mesmas oportunidades às mulheres, a mesma visibilidade e o mesmo palco que se dá aos homens. Os frutos, com certeza virão com o tempo, trabalho e dedicação.

B.S: Acho que falta muito para que exista a igualdade de género no desporto. Acho que é fulcral o papel da comunicação social, porque se esta tratasse de igual modo o desporto masculino e o feminino iria contribuir em muito para a mudança da mentalidade, para a alteração dos estereótipos e das normas sociais que nós temos culturalmente instituídas para o que a mulher e o homem deve ser e fazer. Se a comunicação social mostrar que há desporto feminino, a aposta dos clubes também poderá ser diferente porque se os clubes, as federações e as associações tiverem esta mesma ajuda da comunicação social poderão ter um maior investimento, porque se há uma maior visibilidade por parte da comunicação social os clubes também conseguem de igual modo ter uma maior fonte

de receita para conseguirem dar melhores condições às suas atletas e o caminho parece-me que será neste sentido.

M.M: É fundamental investir em iniciativas que o destaquem, ampliando a sua visibilidade através de transmissões, reportagens, programas e redes sociais. Patrocinadores e empresas ligadas ao desporto podem desempenhar também um papel importante. Promover o desporto feminino não é apenas uma questão de justiça e igualdade - é enriquecimento cultural e desportivo para toda a sociedade. A inclusão e representação adequada das mulheres no desporto ajuda a eliminar preconceitos e oferecem oportunidade de inspirar e empoderar mulheres e meninas em todo o mundo. Não houve um de nós que não se orgulhasse, a título de exemplo, do que fez a seleção de futebol há dias no mundial. Se tivessem ido mais longe, todos nós cavalgaríamos nas suas vitórias. Mas é preciso, como foi pedido por elas, que, baixado o pano, não lhes larguemos a mão. Nem a elas nem a todas as meninas com um sonho.